



**Universidade Católica Portuguesa
Centro Regional de Braga
Faculdade de Filosofia**

Consistência na Indexação em Bibliotecas Universitárias de Enfermagem/Saúde em Portugal

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de mestre em Ciências da Informação e Documentação.

Sandra Cristina Santos Sousa



Faculdade de Filosofia de Braga

2012



Universidade Católica Portuguesa
Centro Regional de Braga
Faculdade de Filosofia

Consistência na Indexação em Bibliotecas Universitárias de Enfermagem/Saúde em Portugal

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de mestre em Ciências da Informação e Documentação sob orientação da Doutora Ana Meireles Sousa Pires e co-orientação da Dra. Aida Pires Branco Alves

Sandra Cristina Santos Sousa



Faculdade de Filosofia de Braga

2012

Agradecimentos

Este espaço é dedicado a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

À Dr.^a Ana Meireles e Dr.^a Aida Alves, pelo apoio e orientação no momento da discussão e partilha de conhecimentos, que contribuíram para a reflexão e desenvolvimento teórico.

Às vinte e uma Bibliotecas das Escolas de Enfermagem/Saúde, pela paciência dos meus inúmeros emails e telefonemas para o esclarecimento de dúvidas e pedidos de informação.

Ao Alfredo Alves, amigo e colega que sempre me acompanhou em toda a trajetória, com paciência e uma sabedoria colossal.

Aos meus colegas e amigos pela amizade e pelo apoio que durante todo este tempo me dedicaram e que tão importante foi para esta caminhada.

À minha família, o meu pilar, as pessoas onde vou buscar todas as forças para seguir em frente, que durante esta fase se privou da minha presença física, mas que com paciência e amor, se questionavam se ainda faltava muito para terminar...

A Todos um muito obrigada

Resumo

Em áreas como a saúde, o número de publicações científicas, é cada vez maior devido ao avanço exponencial da ciência. Estas publicações tem o papel de disseminar o conhecimento, que tem uma função essencial nas instituições de ensino superior, tais como as escolas de enfermagem, quer como centros de pesquisa e investigação, quer como responsáveis pela forma actualizada e multidisciplinar de profissionais de saúde capazes de evidenciar uma prática informada e validada.

A indexação tem aí o seu papel fundamental, justificando a partir de se conhecer melhor o contributo das bibliotecas universitárias no acesso à informação e à documentação. Com esse propósito, pretende-se neste estudo medir a consistência da indexação nas bibliotecas das escolas de enfermagem/saúde públicas existentes em Portugal.

Foi definido como amostra a totalidade das escolas de enfermagem/saúde públicas (N=21), as quais foram analisadas em dois momentos diferentes. Para proceder ao estudo do processo de indexação foi utilizado um inquérito. Para a medição da consistência de indexação procedemos à selecção nas respectivas bases de dados de um documento livro e de uma publicação periódica existente na totalidade da amostra, comparando os termos usados pelas diferentes bibliotecas universitárias para a indexação do mesmo documento

Os resultados obtidos relativamente à consistência da indexação foram de 21.1 % para a publicação periódica e de 18.9 % para o livro, o que na sua totalidade perfaz uma consistência de 20.9 % atribuída às bibliotecas, valor que consideramos baixo, mas que vai de encontro dos estudos analisados por Zunde e Dexter (1969) que evidenciam valores entre de 10% a 80%, dependendo estes dos parâmetros em que a indexação é efectuada e a medida de consistência utilizada.

Relativamente ao estudo do processo de indexação, todas as hipóteses foram rejeitadas, pelo que verificamos que a nossa variável dependente - consistência da indexação - não sofre alterações com factores como a formação, tipo de documento, anos de experiência como indexador, o que nos abre outros caminhos de investigação, de forma a encontrar procedimentos adequados para o aumento da consistência verificada neste estudo.

Palavras-Chave: Indexação; Consistência da indexação; Indexador - perfil; Fases da indexação; Política de indexação; Escola superior de enfermagem pública - Biblioteca

Abstract

In areas such as health, the number of scientific publications is increasing due to the exponential advancement of science. These publications have the role of disseminating knowledge, which has an essential role in higher education institutions, such as nursing schools, both as research and investigations centres, and as responsible for the updated and multidisciplinary way health professionals are able to demonstrate an informed and validated practice.

That's where indexing has its fundamental role, justifying from knowing better the contribution of university libraries in access to information and documentation. For this purpose, this study aims to measure the consistency of indexing in libraries of nursing/ public health schools existing in Portugal.

It was set to sample all nursing/public health schools (N = 21), which were examined in two different times. To proceed to the study of the indexing process an investigation was used. For the measurement of the consistency of indexing, we use the selection in their document databases and a document book of regular publication in the whole sample, comparing the terms used by different university libraries for the indexing of the same document.

The results obtained with regard to indexing consistency were of 21.1% for periodic publication and 18.9% for the book, which in its totality makes a consistency of 20.9% allocated to libraries, a value we consider low, but that goes against the studies analyzed by Zunde and Dexter (1969) which highlight values between 10% to 80%, depending on these parameters on which indexing is performed and the consistency measure is used.

With regard to the study of the indexing process, all hypotheses were rejected, so we can see that our dependent variable -consistency of indexing - does not change with factors such as training, document type, years of experience as an indexer, which opens other research paths, in order to find appropriate procedures for the increased consistency checked in this study.

Keywords: Indexing; Indexing consistency; Indexer-profile; Stages of indexing; Indexing policy; University Library; Public School of Nursing - Library.

Abreviaturas e Siglas

APDIS- Associação Portuguesa de Documentação e Informação de Saúde

BIREME- Biblioteca Virtual em Saúde

BN - Biblioteca Nacional

BVS – Biblioteca Virtual de Saúde

CDD- Classificação Decimal de Dewey

CDU- Classificação Decimal Universal

DeCS – Descritores em Ciências da Saúde

GTIS- Grupo de Trabalho de Informação em Saúde

IMLA – Index Medicus Latino-Americano

LCSH – Library of Congress Subject Headings

LILACS – Literatura Latino-Americano do Caribe de Informação em Ciências da Saúde

MESH- Medical Subject Headings

NLM- National Library Medicine

KWIC – Key Word in Context

KWOC – Key Word out of Context

OMS- Organização Mundial da Saúde

OPAS- Organização Pan-Americana da Saúde

SHAL – Subject Headings Authority List

TE – Termo Especifico

TG – Termo Genérico

TIC- Tecnologias da Informação e Documentação

TR – Termo Relacionado

UNISIST -United Nations International Scientific Information System

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

UP- Usado Por

*“Não estamos no tempo de inventar
palavras.
As palavras já foram todas inventadas.
Estamos no tempo de inventar outra vez as
palavras
Que já foram todas inventada”*
Almada Negreiros, a Intervenção do dia
claro, 1921

Sumário

CAPÍTULO 1.	INTRODUÇÃO	16
I.	ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	21
CAPÍTULO 2.	INDEXAÇÃO POR ASSUNTO	22
2.1.	INDEXAÇÃO - CONCEITO	23
2.2.	EVOLUÇÃO HISTÓRICA	25
2.3.	POLÍTICA DE INDEXAÇÃO	28
2.4.	INDEXADOR	29
2.5.	FASES DA INDEXAÇÃO	33
2.6.	QUALIDADE E PRINCÍPIOS INERENTES À INDEXAÇÃO.....	36
2.7.	LINGUAGENS DOCUMENTAIS: ESTRUTURA, CARACTERÍSTICAS E SUA APLICABILIDADE	38
2.7.1.	LINGUAGEM NATURAL.....	39
2.7.2.	LINGUAGEM CONTROLADA	40
2.8.	A INDEXAÇÃO E AS NOVAS TECNOLOGIAS	43
2.9.	CONSISTÊNCIA DA INDEXAÇÃO	45
2.9.1.	FACTORES QUE AFFECTAM A CONSISTÊNCIA.....	49
CAPÍTULO 3.	POLÍTICAS E GRUPOS DE TRABALHO.....	51
CAPÍTULO 4.	ESCOLAS SUPERIORES DE ENFERMAGEM/SAÚDE EM PORTUGAL.....	57
4.1.	EVOLUÇÃO HISTÓRICA	58
4.2.	BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS	59
4.3.	A INDEXAÇÃO NAS ESCOLAS DE ENFERMAGEM.....	60
II.	ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO.....	62
CAPÍTULO 5.	METODOLOGIA.....	63
5.1.	DESENHO DE INVESTIGAÇÃO	64
5.2.	QUESTÕES	65
5.3.	HIPÓTESES.....	66
5.4.	VARIÁVEIS	66

5.5.	TIPO DE ESTUDO	67
5.6.	POPULAÇÃO.....	68
5.7.	TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS.....	69
CAPÍTULO 6.	RESULTADOS	70
6.1.	PRIMEIRO MOMENTO: PROCESSO DE INDEXAÇÃO	71
6.1.1.	CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA	72
6.1.2.	PROCESSO DE INDEXAÇÃO POR ASSUNTOS	73
6.2.	SEGUNDO MOMENTO: CONSISTÊNCIA DA INDEXAÇÃO	82
CAPÍTULO 7.	CONCLUSÕES	90
III.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	94
	APÊNDICES.....	110
	APÊNDICE I- OPERACIONALIZAÇÃO DAS VARIÁVEIS.....	111
	APÊNDICE II- CARACTERIZAÇÃO DAS BIBLIOTECAS.....	113
	APÊNDICE II - ENSAIOS PARA OS ESTUDOS DE ÍNDICES DE CONSISTÊNCIA.....	117
	ANEXO I - QUESTIONÁRIO.....	141

Índice de Figuras

Figura 1 - Processo de indexação segundo Gil Leiva.....	24
Figura 2 - Elementos intervenientes na análise da consistência da indexação	50

Índice de Gráficos

Gráfico 1- Sexo.....	72
Gráfico 2 – Habilitações literárias	72
Gráfico 3 – Tipo de documento que indexa	74
Gráfico 4 – Tipo de acesso disponibilizado aos utilizadores.....	74
Gráfico 5 – Definição de critérios de especificidade e de exaustividade na análise da informação	76
Gráfico 6- Representação dos assuntos principais e secundários.....	77
Gráfico 7- Abrangência do tema específico para o geral	77
Gráfico 8 – Utilização de linguagem controlada	78
Gráfico 9- Ordem utilizada para a representação de assuntos.....	78

Índice de Quadros

Quadro 1 - Vantagens e desvantagens da linguagem controlada e natural	42
Quadro 2- Formula de consistência da indexação	47
Quadro 3- Consistência da Indexação nas Bibliotecas Públicas de Enfermagem em Portugal.....	83
Quadro 4 - Estatística Descritiva da Consistência de Indexação.....	85
Quadro 5- Teste de Normalidade de Distribuição	85
Quadro 6 - Teste de Homogeneidade de Variâncias	86
Quadro 7 - ANOVA	86
Quadro 8 - Teste de Normalidade de Distribuição	87
Quadro 9 - Teste de Homogeneidade de Variâncias	87
Quadro 10 - Teste não paramétrico de Kruskal-Wallis	87
Quadro 11 – Teste T-Student para amostras independentes.....	89
Quadro 12 – Termos de Indexação.....	118
Quadro 13 – Ensaio da Tipologia: Livro.....	119
Quadro 14 – Termos de Indexação.....	134
Quadro 15 – Ensaio da Tipologia: Publicações Periódicas	135

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Etapas da indexação	33
Tabela 2 – Medidas de tendência central da variável “Importância atribuída às qualidades do indexador”	73
Tabela 3- Medidas de tendência central da variável “Fontes utilizadas para recolha de conceitos de indexação”	75
Tabela 4 – Medidas de tendência central para a variável “Tempo médio para proceder à indexação”	75
Tabela 5 – Medidas de tendência central da variável “Número de descritores utilizados na indexação”	76
Tabela 6 – Medidas de tendência central para a variável “Utilização de linguagens controladas”	78
Tabela 7 – Medidas de tendência central para a variável “Como proceder na indexação sem a existência de uma linguagem controlada”	79
Tabela 8 – Medidas de tendência central para a variável “Critérios para construir uma linguagem documental”	79
Tabela 9 – Medidas de tendência central para a variável “Factores que dificultam a indexação”	80
Tabela 10 – Medidas de tendência central para a variável “Comportamento na indexação”	80

Capítulo 1. Introdução

Com o efeito da globalização e entrando numa era onde as tecnologias dominam o nosso universo, a par do fenómeno conhecido por Sociedade da Informação, é agora possível, com a ajuda das TIC estar a par de tudo o que se passa em nosso redor, levando a uma optimização do desenvolvimento social e económico, onde o papel da informação é fundamental na produção de riqueza e de acumulação do saber.

A democratização do conhecimento permitiu que as bibliotecas, arquivos e centros de documentação começassem a ser procurados com maior frequência pelo público em geral e não só por classes sociais privilegiadas, generalizando-se assim a necessidade de disponibilizar rapidamente e de forma eficaz a informação. É nesta perspectiva que surgem e se propagam programas de gestão documental, capazes de fazer todo o tratamento técnico, para que a informação seja fácil e eficazmente recuperada, classificada e indexada, seguindo regras predefinidas.

A biblioteca do futuro, motivada pela crescente globalização da informação encontra-se virada para a criação de novas formas de acesso, sem restrições a um espaço físico e também para a utilização de novos meios de recuperação da informação, disponibilizados pelas TIC. A eficiência na divulgação, no e acesso à informação implica metodologias de tratamento técnico documental e ferramentas de recuperação, o que altera o perfil do bibliotecário que passa a ter um papel de gestor da informação, funcionando como elo de ligação entre o conhecimento e quem o procura.

Um ponto fulcral, neste estudo é saber se as bibliotecas universitárias das escolas superiores públicas de enfermagem/saúde se encontram apetrechadas de recursos suficientes para poderem proporcionar um bom atendimento, e facilitar o acesso à informação aos seus utilizadores, sendo a saúde uma área do saber em que a gestão da informação se tornou critica com os actuais paradigmas da prática baseada na evidência e o investimento económico e político na produção do conhecimento e respectiva divulgação da informação, no sentido de tornar mais eficazes e efectivas as respostas sociais na área da saúde a fornecer aos seus utilizadores.

A enorme quantidade de informação que hoje está disponível implica no entanto um paradoxo, pois

“nunca estivemos tão informados, o que não quer dizer que sabemos tratar e integrar os dados que literalmente nos submergem. Muita informação mata talvez a informação,

suscita evasões imaginárias, e recusa de saberes, e se choca de toda maneira ao «segredo informacional» de cada um (um organismo só utiliza uma ínfima parte dos sinais que perpassam pelo seu meio ambiente)” (Bougnoux, 1993:11)

Com o aumento da produção científica aliada à crescente interdisciplinaridade entre as áreas do conhecimento que vem ocorrendo nas últimas décadas, o trabalho de organização e tratamento da informação é cada vez mais árduo e complexo, sendo a indexação o processo que assegura a identificação, a análise e a posterior recuperação de um documento, justificando assim o interesse do seu estudo.

Para analisar o processo de indexação é fundamental analisar e medir a sua consistência de modo a que conhecer se favorece a organização e a recuperação do saber científico por parte dos utilizadores.

Nas bibliotecas das escolas superiores de enfermagem/saúde, tradicionalmente era simples identificar o perfil de utilizadores e organizar a informação. Contudo, a evolução da enfermagem e a introdução de disciplinas complementares na formação dos futuros enfermeiros, implicou uma maior interdisciplinaridade da informação nestas bibliotecas.

A experiência profissional numa biblioteca de enfermagem/saúde e o contacto com as dificuldades sentidas por parte dos utilizadores na pesquisa e recuperação dos documentos conduziu a uma preocupação em explorar os procedimentos de indexação utilizados no acesso à informação, para verificar se os mesmos se aplicam a todas as bibliotecas de enfermagem/saúde públicas em Portugal, facilitando o método de pesquisa efectuado pelo utilizador, pois o procedimento iria ser o mesmo em todas as bibliotecas em que fosse pesquisar

Para estudar a indexação e analisar a sua consistência baseamo-nos na procura de semelhanças durante a atribuição dos descritores a um determinado documento, que evidencie consistência entre indexadores. A nossa problemática pode ser então entendida como o objectivo de medir a consistência de indexação fazendo comparações nas diferentes bibliotecas em estudo.

Vários factores poderão influenciar este processo, tais como a formação e a experiência do indexador, o seu conhecimento relativamente ao assunto que está a indexar, o domínio que tem das linguagens da indexação, as necessidades dos utilizadores, a complexidade e o tipo de suporte do documento, ou o tempo dispensado para indexar um documento.

A partir do objectivo geral de conhecer os factores que podem influenciar a consistência de indexação pretende-se conduzir uma avaliação da consistência na indexação e da sua relação com a formação dos indexadores e com outros factores determinantes.

Como objectivos específicos determinamos os seguintes:

- Definir e caracterizar as políticas de indexação usadas nas bibliotecas de enfermagem;
- Identificar o papel da indexação nas bibliotecas de enfermagem
- Analisar os tipos de linguagem documental utilizados pelas bibliotecas de enfermagem.

Considerando estes objectivos, definiu-se uma metodologia de recolha de dados junto das bibliotecas universitárias das escolas superiores de enfermagem/saúde públicas em Portugal (N=21), em torno de duas técnicas.

Por um lado, pela aplicação de um questionário aos indexadores para a obtenção de dados relativos aos procedimentos de indexação e ao indexador.

É pretendido estudar variáveis que podem influenciar a variável dependente, ou seja, a consistência da indexação. Para tal iremos ter em atenção os seguintes pontos: Idade; Habilitações Académicas; Anos de experiência na indexação; Formação da pessoa que analisa a obra; Experiência em matéria de indexação; Domínio das ferramentas utilizadas na indexação; Conhecimento do âmbito temático do documento a indexar; Experiência obtida através do contacto com os utilizadores.

Por outro lado, procedeu-se à medição da consistência da indexação, através da consulta das bases de dados das respectivas bibliotecas, e posterior comparação da indexação realizada a um livro e a uma publicação periódica com base na fórmula de Hooper.

O presente estudo será apresentado em três partes. Na primeira parte pretende-se contextualizar o leitor sobre o conceito de indexação, a sua evolução histórica, o papel do indexador, a sua formação e o seu perfil. Tal como definir consistência de indexação e verificar que factores podem influenciar os seus valores, fazendo uma revisão de literatura que permita estabelecer a fundamentação teórica para a pesquisa

A segunda parte reporta-se ao enquadramento metodológico, composto por três capítulos. No primeiro apresentamos a metodologia utilizada, tal como o desenho de investigação e tipo de estudo, questões, hipóteses, variáveis e amostra, que dão suporte à investigação feita. No segundo capítulo é feita a análise dos dados estruturada em dois momentos: análise ao processo de indexação nas escolas e medição da consistência dos termos de indexação. No último capítulo expomos as conclusões e propostas de melhoria sustentadas pelos resultados obtidos em resposta às hipóteses de investigação, tal como fornecer recomendações para posteriores pesquisas.

I. Enquadramento Teórico

Capítulo 2. Indexação por assunto

2.1. Indexação - Conceito

O conceito de indexação tem sido estudado ao longo dos tempos. Considerada uma das técnicas documentais mais investigadas no campo da ciência da informação e em outras áreas científicas tais como a linguística, tem vindo a ser formulado diversos conceitos para a sua identificação e formulação teórica (Pinto Molina, 1993)

De acordo com a NP 3715:1989 a indexação resume-se a uma “*acção que consiste em descrever ou caracterizar um documento relativamente ao seu conteúdo, representando esse conteúdo numa linguagem documental*”(1989:4).

Segundo a UNESCO “*indexing is regarded as the fact of describing and identifying a document in terms of its subject content*”, “*during indexing, concepts are extracted from documents by a process of analysis, then transcribed into the elements of the indexing tools, such as thesauri, classification schemes, etc*” (1975:2).

Para Vieira “*a indexação é uma técnica de análise de conteúdo que condensa a informação significativa de um documento, através da atribuição de termos, criando uma linguagem intermediária entre o usuário e o documento. É um dos processos básicos de recuperação da informação. Pode ser realizada pelo homem (indexação manual), ou por programas de computador (indexação automática)*”(1988:43).

Pinto Molina define indexação como “*la técnica de caracterizar, el contenido de un documento y/o de las demandas documentales, reteniendo las ideas más representativas para vincularlas a unos términos de indización adecuados, bien procedentes del lenguaje natural empleado por los autores, o de un lenguaje documental previamente seleccionado*”. (1993:208)

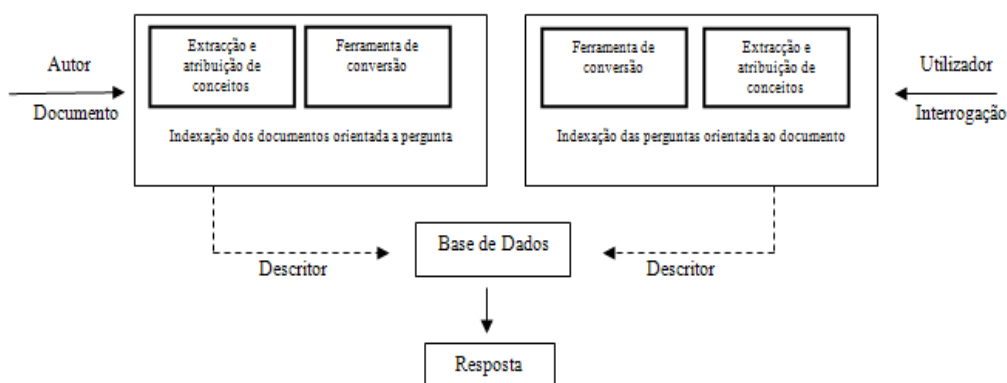
Gil Leiva (1999), defende que todas as definições que surgiram em relação ao termo indexação são incompletas pois, não abarcam toda a sua essência, nem definem as suas potencialidades, dando relevância somente ao documento como fonte de análise, deixando de parte as possíveis questões solicitadas pelos utilizadores. Pois parte-se do pressuposto que se procede à indexação de um documento para que o utilizador possa utilizar os termos no momento da pesquisa.

Para Gil Leiva o objectivo primordial da indexação “*es permitir su almacenamiento, mientras que el de la indización de las preguntas encamina la recuperación documental. Por tanto, el objetivo general de la indización es el*

almacenamiento y la recuperación de la información. Esto significa que la indización y la recuperación de la información son dos caras de una misma moneda” (1999:21).

Teoria defendida também por Fugmann [s.d.], para que objectivo da indexação é proporcionar pesquisas eficazes e eficientes, centrando o processo de indexação no utilizador.

Figura 1 - Processo de indexação segundo Gil Leiva



Fonte: Adaptado de Gil Leiva (1999)

A indexação conforme caracterizada por Lan (2002) é um processo no qual é determinado um tema principal, ou assunto, tratado num documento que é posteriormente traduzido para uma linguagem documental. A tipologia de dita linguagem pode ser definida como um sistema de símbolos estruturados, cuja finalidade é a de representar e recuperar as informações registadas nos documentos.

Lan (2002) lembra que o processo de indexação se reveste de considerável complexidade e envolve várias etapas. A etapa de grande importância é a denominada representação alfabética dos conceitos, ideias expressas nos textos, sob a forma de termos que são a via de acesso mais utilizada pelo utilizador para a pesquisa da informação. Por esse facto, se não existir sintonia entre os termos utilizados pelos indexadores para representar, e os termos utilizados pelo utilizador para pesquisar as informações que esses termos representam, estas ficarão irremediavelmente perdidas.

Segundo a World Information System for Science and Technology¹, citado por Fujita (2003:61)

“há que considerar a indexação sob dois pontos de vistas distintos: enquanto processo que consiste em descrever e identificar um documento com ajuda de representações dos conceitos contidos em um documento e quanto à sua finalidade permitindo busca e acesso à informação armazenada”.

A Norma Portuguesa 4036 (1993:5), define linguagem de indexação como “conjunto controlado de termos escolhidos numa linguagem natural e utilizados para representar, sob forma coordenada, o conteúdo dos documentos”, e define termo de indexação como uma “representação de um conceito, sob a forma de um termo derivado da linguagem natural, de preferência um substantivo simples ou composto, ou de um símbolo de notação de uma classificação”.

2.2. Evolução Histórica

As origens da indexação embora não entendida como técnica documental tal como hoje a conhecemos, remonta às épocas pré-classica, a certas ordenações de papiros egípcios e clássica, e a ordenações de registos fiscais da antiga Grécia. A indexação coordenada empregava-se na Suméria há 3000 anos, tal como se pode ver nas tabuinhas de argila com os nomes de todas as doenças caracterizadas por um sintoma particular, mas será com a adopção do códice como forma de livro em lugar dos rolos de papiro, que a ideia de indexação alfabética é levada à prática.

De acordo com Collinson (cit por Silva & Fujita, 2004:138) “o primeiro tipo de indexação existente era baseado na memória. Textos célebres, como as grandes epopeias, por exemplo, eram transmitidos oralmente. Depois disso, os primeiros índices de que se têm notícia eram arranjados pela primeira sentença de cada parágrafo”.

Segundo Witty (1973), a aproximação mais efectiva a índices temáticos alfabéticos conhecidos aparece num trabalho anónimo de séc. V “*Apothegmata*”², que foi organizado alfabeticamente no séc. VI. No entanto, será necessário esperar pelos Sec. XIV e XV para encontrar índices temáticos racionalmente estruturados.

¹ Sistema Internacional vinculado à UNESCO e conhecido pela sigla UNISIST

² Lista de máximas de vários padres gregos sobre temas teológicos

Já nesta época era notória a incongruência na indexação realizada, pois os copistas com a necessidade de identificarem e esclarecerem os assuntos principais de um determinado assunto, escreviam nas margens dos livros termos, que pudessem futuramente ser identificado. Contudo, o critério de relevância não era seguido por todos os copistas, ou bastava um deles ser substituído por outro para que houvesse alterações na identificação dos termos.

Deste modo, surgiu a necessidade de criar índices, dando origem à compilação da primeira concordância da Bíblia inglesa indexada na sua totalidade por Alexandre Cruden, relacionando assim citações com a sua localização no texto.

O grande desenvolvimento desta técnica dá-se no último terço do séc. XIX, quando alguns bibliotecários aplicaram a análise de conteúdo aos documentos.

Podemos entender como análise de assunto “*a fase inicial do processo de indexação, a qual decidirá sobre os principais tópicos de acordo com a linguagem documentaria adotada pelo sistema*” (Chu e O’Brien cit. por Fujita, 2003:68).

Para Pinto Molina há três personagens fundamentais para a análise de conteúdo, tendo cada um papel de relevo e de extrema importância “*el autor del documento original, el analista y el usuarios del servicio documental*” (1993:83), definindo-a como “*el proceso cognitivo de identificación del contenido intrínseco del texto/documento.*”(1993:158)

Um grande avanço para este domínio ocorreu após a II Guerra Mundial, com a utilização de novos métodos não convencionais, os sistemas unitermo³, concebidos por Mortimer Taube, baseado no aparecimento da informática e alterando em definitivo, o processo de indexação em Ciência da Informação. Outro ponto foi o surgimento dos descritores,⁴ utilizado pela primeira vez por Calvin Moorers, que tornavam mais eficaz a recuperação da informação.

Destacar nesta evolução o aparecimento dos primeiros Thesauros em inícios dos anos 60, produzindo toda uma série de reacções e novas perspectivas. A partir desse momento, tem decorrido um processo de criação de uma teoria da indexação, que ajuda

³ Listas de palavras seleccionadas a partir de um documento, ao qual cada unitermo tem o mesmo peso hierárquico, pois nenhum vai ocupar uma posição de relevância em relação aos outros.

⁴ Termo ou conjunto de termos, normalizados ou controlados, que expressam o conteúdo significativo de um documento. Os descritores serão as palavras-chave, extraídas para e pela indexação

a explicar a natureza desta técnica, o seu procedimento e a estrutura e características do seu produto final.

Para Fujita (2003: 61) “*a indexação como processo de análise documental é realizada mais intensamente desde o aumento de publicações periódicas e da literatura técnico científica de modo geral, que impulsionaram a necessidade de criação de mecanismos de controle bibliográfico*”. Este aumento das publicações fez com que surgisse a necessidade de elaboração de uma técnica para organização por assunto do conteúdo desse tipo de publicação.

É no ano de 1957 que Hans Meter Luhn, começa a trabalhar em indexação automática, aplicando o método de medir a frequência com que determinadas palavras surgem num documento.

Em fins da década de 50 e princípio de 60 do séc. XX, quando os computadores começaram a ser aplicados à recuperação da informação, reconheceu-se que a pesquisa em texto integral era uma possibilidade muito atractiva (Lancaster, 2003)

Os Sistemas de recuperação da informação baseados em computadores surgiram em duas vertentes:

1. Os grandes sistemas desenvolvidos pela NLM, pela NASA e pelo Departamento de Defesa Norte Americano (DOD), que se baseavam na representação dos conceitos presentes nos documentos mediante termos de indexação retirados de vocabulários controlados por especialistas em indexação.
2. No Health Law Center da Universidade de Pittsburgh, optou-se por colocar texto completo em formato electrónico utilizando o computador para pesquisar palavras ou combinações de palavras existentes no texto. É nesta área, que as técnicas de pesquisa em texto integral se desenvolvem. Esta é a base que permitiu o aparecimento, mais tarde, de sistemas de recuperação de informação como o LEXIS.

2.3. Política de Indexação

Não há informação publicada se as bibliotecas das escolas superiores de enfermagem/saúde em Portugal, possuem ou não política de indexação⁵. Contudo, o presente trabalho permite desencadear a possibilidade de abrir caminhos para a criação de uma Comissão para a elaboração de uma política unificada e concisa para a área das escolas de enfermagem, contribuindo esta para que o utilizador e o documento deixem de estar separados criando uma interação permanente, reciclando e renovando o circuito documental, desde a pesquisa da informação, até a sua recuperação.

Para uma boa indexação é necessário existir uma política, um conjunto de procedimentos estandardizados definidos de forma explícita e partilhada entre indexadores que permita padronizar e definir as principais características para a optimização da recuperação da informação. Mas para que uma política de indexação seja eficaz alguns aspectos deverão ser tidos em conta.

Carneiro menciona algumas características que devem compor uma política de indexação para que seja funcional *“a) características e objetivos da organização, determinantes do tipo de serviço a ser oferecido; b) identificação dos usuários, para atendimento de suas necessidades de informação; c) recursos humanos, materiais e financeiros, que delimitam o funcionamento de um sistema de recuperação da informações.* (1985:221).

Guimarães declara que *“una politica solo podrá tener continuidad y perfeccionamiento en el tiempo si se registra debidamente en documentos para que se pueda dar claridad y consistência al conjunto de decisiones tomadas independientemente de los elementos humanos que las llevan a efecto”* (2000:56).

Como Fujita; Rubi e Bocatto referem:

“a política de indexação torna-se importante porque visa à gestão da informação registada de modo a dar visibilidade na recuperação, além de identificar condutas teóricas e práticas das equipas de tratamento da informação documental envolvidas para definir um padrão de cultura organizacional coerente com a demanda da comunidade académica interna e externa. Nesse sentido, é procedente a observação quanto ao nível de influência da interação sociocognitiva dos profissionais com o contexto de tratamento da informação documental na tarefa de indexação”(2010:131).

⁵ Caso que irá ser analisado na parte metodológica

A política deve mencionar e ter em atenção várias aspectos, tais como a sua cobertura, o processo de selecção e aquisição de documentos, identificar os níveis de exaustividade e especificidade de uma indexação, tais como a capacidade de revocação e precisão, deve mencionar as estratégias de pesquisa documental, o tempo que o sistema demora a obter a informação e a sua avaliação (Carneiro, 1985), sem nunca esquecer que *“a política de indexação não deve ser vista como uma lista procedimentos a serem seguidos, e sim uma filosofia que reflete os interesses e objectivos da biblioteca* (Rubi, 2004:19).

A finalidade de criação de um manual de indexação é a de ser entendido como uma base fulcral de apoio na recuperação da informação e não somente na descrição e parametrização de procedimentos a adoptar durante a realização da indexação.

Deve ser considerado pelo indexador como um instrumento de trabalho indispensável e norteador dos princípios de indexação adoptados pelo sistema de informação para que seja garantida a consistência da indexação. É nele que se encontram registados todos os pontos definidos pela política, fornecendo as regras, directrizes e procedimentos que o indexador deve seguir. Com a sua utilização a uniformização dos conceitos é possível, tal como fazer uma avaliação se a política estabelecida é adequada para o objectivo a que se destina.

2.4. Indexador

Um aspecto fundamental no processo de indexação é o próprio do indexador poder conduzir o processo de indexação com qualidade e eficiência é fundamental ter formação adequada. No entanto, tal como o próprio processo de indexação, também a formação nesta área tem sofrido evolução ao longo dos tempos no quadro da evolução do próprio perfil do bibliotecário. A esse propósito importa ter em conta questões associadas ao decurso do campo da ciência da informação e a sua relação com o ensino/formação desses profissionais, assim, Silva e Ribeiro lembram que:

“a afirmação profissional na área da documentação/informação, sustentada por uma formação específica, teve início em meados de Oitocentos, sendo nas instituições nacionais devotadas à conservação das espécies bibliográficas e arquivísticas que essa mesma formação começou a ser ministrada. As Bibliotecas e os Arquivos Nacionais constituíam os centros privilegiados para formar, pela via da

experiência prática, os profissionais destinados a desempenhar funções biblioteconómicas e arquivísticas, que, à época, tinham por objectivo essencial auxiliar os investigadores (especialmente historiadores) na identificação das fontes necessárias aos seus estudos” (2004: 1).

Assim, o primeiro curso superior de bibliotecário-arquivista surgiu em 1887, ligado ao Curso Superior de Letras, abrangendo conteúdos como Diplomática, Numismática e Bibliologia que eram leccionados no Arquivo Nacional da Torre do Tombo ou na Biblioteca Nacional, além de outras disciplinas como História, Filologia e Literatura. Com o estabelecimento de um regime republicano em 1910), aumentou o relevo que era dado à cultura, instrução e promoção da leitura, bibliotecas e arquivos. Com a criação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1911, o Curso de bibliotecário-arquivista passou a estar integrado na formação universitária, mantendo-se com poucas alterações até aos anos 80, altura em que foi substituído pelo Curso de Especialização em Ciências Documentais, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, numa tentativa de adaptar às novas realidades da sociedade e do mercado de trabalho. Pelo meio salientam-se algumas reformulações ocorridas neste curso, sobretudo nos anos 30, altura em que passa a ser uma pós-graduação, sob a dependência da inspecção das bibliotecas e arquivos, destinando-se a preparar tecnicamente os profissionais destas áreas. Contudo, esta formação em serviço mostrou-se pouco eficaz. Assim, em 1935, o curso volta a estar sob a alçada do ensino universitário, passando para a Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade de Coimbra (Ribeiro, 2005).

Em 1969, face à insuficiência de técnicos bibliotecários, arquivistas e documentalistas, foi instituído um estágio técnico, que funcionava como formação em serviço. Até 1982, a formação em Portugal privilegiou uma visão documentalista, ligada à história e ao modelo francês, mas simultaneamente abriu-se às propostas técnicas, tecnológicas e informacionais americanas.

Com o Curso de Especialização em Ciências Documentais assistiu-se não apenas a mudanças no currículo, mas também a uma separação na formação de bibliotecários e documentalistas relativamente aos arquivistas, com a criação de duas opções diferenciadas. Em finais dos anos 90 e sobretudo nos primeiros anos do século XXI, o número de cursos universitários, privados e públicos, cresceu de forma significativa. Em 2001, com o nome de ciência da informação, surgiu uma alternativa ao modelo formativo anterior, inserindo-se num novo paradigma que ultrapassa a visão

reducionista de documento, passando a englobar diversas áreas disciplinares afins (Ribeiro, 2005). Nestes últimos anos, o interesse por otimizar o ensino desta área em Portugal tem sido notório, tal é perceptível com os cursos que se vão desenvolvendo e com a necessidade de criar e de identificar o perfil do indexador. Este facto desenvolveu-se mais com o crescimento da informação na Web. Naves (2001), foca essa problemática ao questionar qual será o futuro do indexador nesta sociedade, e qual o seu papel dentro das bibliotecas virtuais e dos documentos que estas aportam.

As mudanças na formação dos indexadores estão intimamente ligadas à evolução das Ciências da Informação e do próprio perfil do profissional da informação, tem a noção que as suas habilidades profissionais podem ser aplicadas não somente no campo biblioteca, mas sim em outras áreas do conhecimento seguindo a corrente imposta pela sociedade da informação e a globalização.

Com as novas tecnologias, cria-se a possibilidade de aceder a uma panóplia de informação sem estar directamente dentro do espaço biblioteca. Esta, deixa de ser um espaço fechado para estar aberta à comunidade e ao mundo e o profissional da informação passa a ser o gestor da informação e não ter somente o papel de conservar e fazer o tratamento técnico documental da informação.

Para tal, e de forma a poder abranger uma comunidade tão vasta o indexador tem de possuir certas características que o vão ajudar a desempenhar as suas funções. De acordo com o Referencial I- D, um profissional de informação deve possuir trinta e três domínios de competências subdividido em cinco grupos, uniformizando deste modo as competências atribuídas a estes profissionais, e definindo que a “ *profissão em causa, a da informação-documentação (I-D), continua a cumprir a missão fundamental que lhe incumbe, isto é, encontrar a informação para uso profissional (depois de a ter sabido pesquisar), tratá-la para aumentar a sua qualidade, geri-la, torná-la facilmente acessível e transmiti-la aos que dela necessitam, utilizadores ou clientes*” (Conselho Europeu das Associações de Informação e Documentação, 2005:15), deve acima de tudo, além de ter em atenção os princípios de indexação, ter sempre em mente os interesses dos utilizadores e das suas necessidades de informação, para tal este deve possuir a capacidade de prever os tipos de pedidos que irão ser solicitados no seu serviço, tal como fornecer sempre as respostas adequadas.

Sendo a indexação um processo subjectivo, no qual dois ou mais indexadores podem analisar e indexar um documento de forma diferente, dependendo do local onde trabalham e do interesse que pretendem dar ao documento torna-se fundamental a preocupação com a **consistência** no acto de indexar, exigindo um elevado nível de concordância em relação aos termos para indexar um documento.

Para Fujita, Rubi e Boccato

“para além da catalogação, responsável pela representação descritiva dos documentos, o bibliotecário também deve fazer a representação temática do documento, caracterizando o processo da indexação juntamente com o procedimento da catalogação. Afirmamos que o bibliotecário precisa compreender que deve actuar como um indexador, realizando a análise de assunto para compreender o documento, identificando e seleccionando os conceitos que melhor representem seu conteúdo durante o tratamento temático da informação” (2009:36).

De acordo com o definido no referencial I-D, no ponto 106 – Análise e representação da informação, referenciado no exemplo de nível 4, o indexador deve

“Definir a política de análise e indexação do serviço de documentação; escolher a(s) ferramenta(s) de acesso (plano de classificação, tesouro, léxico, etc.) adaptada(s) aos utilizadores, estabelecendo comparações entre elas. Definir o método de elaboração de uma linguagem controlada. Escolher e implementar um módulo de tesouro num software documental. Escolher e implementar uma ferramenta de análise e de resumo automático“ (Conselho Europeu das Associações de Informação e Documentação, 2005: 45).

Assim este, tem que se encontrar qualificado para responder às novas realidades, tornando-se importante manter uma educação ao longo da vida mediante a participação em acontecimentos, cursos, formação profissional, visitas e estágios que levem a actualização em função das necessidades exigidas para o exercício profissional.

Com o desenvolvimento das novas tecnologias as unidades de informação continuarão a sentir a necessidade de conhecer os utilizadores para atender-los em função das actividades que desempenham, dos seus desejos e percepções relativas às necessidades de informação. Tem que se estabelecer um equilíbrio entre aquilo que a unidade de informação pode oferecer e as necessidades dos utilizadores, tendo sempre em mente a qualidade da indexação.

Será este um aspecto visível na realidade dos profissionais portugueses? Serão de facto as necessidades dos utilizadores tidas em conta durante o processo de indexação? Estes, são alguns pontos ao qual pretendemos obter respostas de forma a perceber em que aspecto o perfil do indexador pode ser alterado de modo a ser o mais versátil possível.

2.5. Fases da Indexação

Ao considerar o processo de indexação o número de etapas propostos por diferentes autores é variável. Gil Leiva, sistematizou as diferentes teorias defendidas sobre a quantidade de fases que a indexação deve possuir:

Tabela 1 - Etapas da indexação

Duas etapas	a) Reconhecimento e extracção de conceitos informativos; b) Tradução desses conceitos em linguagem documental	Chaumier (1988:23)
	a) Análise do conteúdo que resulta na selecção dos conceitos para representar o documento; b) Tradução dos conceitos seleccionados para a linguagem de indexação utilizada pelo sistema de informação ou base de dados.	Fidel (1994:573)
Três etapas	a) Examinar o documento e estabelecer os conteúdos da matéria; b) Identificar os conceitos principais do assunto ou dos documentos; c) Traduzir os conceitos ou termos seleccionados em termos de linguagem de indexação	Amat (1989:177)
	a) Exame do documento e determinação do seu conteúdo; b) Identificação e selecção dos conceitos principais do seu conteúdo; c) Selecção dos termos de indexação	UNE 50- 121-91 (1975:105)
Quatro etapas	a) Conhecimento do conteúdo conceptual do documento; b) Extracção dos conceitos em linguagem natural; c) Tradução de esses conceitos para a linguagem documental; d) Busca de outros conceitos pertinentes não expressos pelo autor	Djik y Slype (1972:105)
	a) Contacto com o documento b) Identificação dos conceitos explícitos e implícitos do documento; c) Tradução dos conceitos expressos em linguagem natural a descritores; d) Estabelecimento de enlaces sintácticos entre conceitos	Slype (1991:116)
Cinco ou mais etapas	a) Revisão dos objectivos da operação, caso se considere necessário; b) Conhecimento prévio do documento; c) Determinação do seu assunto principal; d) Identificação dos elementos do seu conteúdo que o devem descrever e a extracção dos termos correspondentes; e) Verificar a pertinência dos termos seleccionados; f) Tradução dos termos de linguagem natural para linguagem documental; g) Verificação da pertinência da descrição;	Guinchat y Menou (19383:179)

h) Formalização da descrição quando o sistema prevê regras especiais de apresentação ou de escrita	
a) Registo dos dados bibliográficos;	Cleveland y
b) Análise do conteúdo dos documentos a partir do título, resumo e texto completo;	Cleveland (1990:104)
c) Determinação do assunto;	
d) Conversão dos conceitos extraídos para a linguagem de indexação;	
e) Reexaminação da indexação	

Fonte: Traduzido de Gil Leiva, 1999:23

Ao analisar o quadro verificamos que os autores divergem no número de fases em que é estruturado o processo de indexação, havendo autores que identificam como dois os momentos necessários para o acto de indexar, em desacordo com outros que consideram este número como não sendo suficiente, entrando em maior pormenor nas etapas que devem ser seguidas, o que pode cair em exageros.

Em Portugal o documento que regulamenta o método para a análise de documentos, determinação do seu conteúdo e selecção de termos de indexação, é a NP 3715:1989, identificando um número total de três fases.

Os princípios de indexação emanados pela UNISIST (1975) e o documento publicado por Maria Mendes e Maria Simões (2002), também são referências no seu estudo e na sua aplicabilidade no mundo do trabalho. Segundo estes autores o processo de indexação resume-se a duas ou três fases essenciais, que de acordo com a NP 3715:1989 se sobrepõe. Vamos dar ênfase a duas delas, ao qual na primeira o foco de atenção é o conceito e na segunda o termo.

Primeira Fase - Reconhecimento e análise dos conceitos que contêm a informação

Para proceder ao reconhecimento dos conceitos representados num documento, há que ter em atenção três aspectos (UNISIST, 1975):

- Apreensão do conteúdo total do documento;
- Identificação dos conceitos que representam este conteúdo;
- Selecção dos conceitos necessários para uma pesquisa posterior.

A leitura do documento raramente é feita na sua forma integral, pois é um processo bastante moroso, que envolve muitos recursos que as instituições por norma não possuem. No entanto, há certos elementos que devem ser examinados o mais minuciosamente possível (NP 3715:1989):

- Título;
- Resumo;
- Sumário;
- Introdução, início dos capítulos, parágrafos e conclusão;
- Ilustrações, diagramas, quadros e respectivas legendas;
- Palavras ou grupos de palavras sublinhadas ou realçadas por um tipo de letra diferente

A identificação dos conceitos irá ser determinada pelo indexador tendo em atenção o perfil do utilizador as características do serviço, as características do fundo bibliográfico e o tipo de informação que lhe será solicitada.

Na selecção dos conceitos a atenção direcciona-se pela sua especificidade e exaustividade. *“Dentre os conceitos identificados, poderá dar-se o caso de nem todos possuírem conteúdo temático válido considerando a especificidade própria do núcleo bibliográfico em causa; deverão seleccionar-se apenas aqueles a que se reconheça potencial valor informativo”*(Mendes & Simões, 2002:43).

De acordo com a NP 3715:1989, o indexador deve criar uma grelha de identificação, que contenha os dados necessários para a sua selecção:

- a) “O documento ocupa-se de um objecto afectado por uma actividade?”*
- b) O assunto contém um conceito (por exemplo uma acção, uma operação, um processo)?*
- c) O objecto é afectado pela actividade identificada?*
- d) O documento ocupa-se do agente desta acção?*
- e) Tem necessidade de recorrer a meios especiais para realizar a acção (por exemplo instrumentos, técnicas ou métodos especiais)?*
- f) Estes elementos estão inseridos no contexto de um lugar ou meio ambiente particulares?*
- g) As variáveis dependentes ou independentes estão identificadas?*
- h) O assunto foi tratado de um ponto de vista particular que normalmente não se associa a esta área de estudo? (1989:5-6).*

Segunda fase - Representação dos conceitos na linguagem documental

Para se proceder a representação dos conceitos em termos de indexação por norma o indexador utiliza linguagens documentais, controlando a linguagem natural.

Sabemos que em alguns sistemas apenas se recuperam os conceitos pela linguagem natural, sendo indexados os títulos e/ou resumos das publicações usando apenas a linguagem categorial. De forma a saber que tipo de linguagem utilizar, o indexador deve ter um conhecimento prévio dos instrumentos existentes e quais as suas vantagens e desvantagens. Os tipos de linguagem podem ser categoriais (Pré-coordenadas) ou combinatórias (Pós-coordenadas), que irão ser aprofundadas no trabalho.

2.6. Qualidade e princípios inerentes à indexação

Para medir e verificar a qualidade de um processo de indexação, há elementos específicos a ter em conta: a exaustividade, a especificidade e a sua consistência. (NP 3715: 1989).

Ao analisar a exaustividade, há que verificar se todos os assuntos apresentados no documento são identificados durante a indexação e depois traduzidos para uma linguagem documental. Relativamente à especificidade, importa entender se são retirados e identificados somente os assuntos realmente tratados no documento. Carneiro (cit. por Rubi & Fujita) esclarece que “*o nível de especificidade e de exaustividade é uma decisão política, que deve ser estabelecida pela administração do sistema de recuperação da informação de acordo com sua especialização*” (2003:70).

Cada serviço decide e analisa estas duas características de acordo com a sua tipologia e sua área de conhecimento, se é geral ou específica, indo sempre ao encontro das necessidades do utilizador. O tipo de documento também influencia a exaustividade e a especificidade da indexação. De salientar que, relativamente à especificidade, quando esta é muito baixa, há um risco acrescido de, no momento da pesquisa, haver uma taxa elevada de revocação⁶ e de precisão⁷. O oposto acontece em relação à

⁶ Diz respeito ao número de documentos recuperados pelo sistema em relação ao número total de documentos existentes sobre o tema

exaustividade. Relativamente à consistência, por ser a questão de partida desta investigação terá um maior destaque neste trabalho.

A qualidade de um processo de indexação depende de um conjunto de princípios que devem ser considerados como critérios na sua avaliação, contribuindo para a eficácia do serviço. Na publicação de Mendes e Simões (2002), encontram-se discriminadas os sete princípios.

a) Qualidade da análise

O que está em causa é a apreensão exacta do conteúdo documental conjugado com a sua pertinência; a qualidade da indexação e, em primeiro lugar, da análise efectuada, é uma garantia para que, em determinada pesquisa, não se recuperem documentos sem informação pertinente (ruído), ficando eventualmente escondidos outros que poderiam interessar (silêncio).

b) Interesse do utilizador: características do fundo bibliográfico

O perfil e o interesse do utilizador podem ser variados e cada vez mais é difícil definir com clareza o seu perfil pela panóplia de informação que existe e pela qual ele pode pesquisar, e pela interdisciplinaridade dos temas acessíveis pelas novas tecnologias. Para tal, é essencial a atenção para a uniformidade dos conceitos e verificar o tipo de serviço no qual se enquadra o fundo bibliográfico

c) Simplicidade formal

Os termos devem ser os mais simples possíveis, a não ser quando haja a necessidade de utilizar termos compostos para identificar um conceito ou quando não existe outra forma possível de retratar o assunto pretendido.

⁷ Diz respeito ao número de documentos recuperados pelo utilizador, relacionando-se assim com a capacidade de o sistema impedir ou não a recuperação de documentos não relevantes para a pesquisa

d) Coerência e uniformidade

Este item diz respeito a consistência da indexação, através da qual se procura garantir que para a representação de um mesmo conceito, a escolha seja sempre de um mesmo termo.

e) Controlo da sinonímia

O controlo de sinonímia defende que o para o mesmo conceito a escolha do termo que o representa deve ser sempre o mesmo

f) Analogia

Utiliza-se uma solução análoga, quando surgem dúvidas na aplicação das normas e dos princípios estabelecidos, de forma a fazer valer a coerência e a uniformidade

g) Controlo da ambiguidade

Para proceder ao controlo da ambiguidade há que ter um controlo na polissemia e com os termos homógrafos, pois um mesmo termo não pode representar dois conceitos diferentes, de forma a evitar o “ruído” na recuperação da informação.

2.7. Linguagens documentais: estrutura, características e sua aplicabilidade

A indexação requer um trabalho de análise, síntese e representação, para determinar os descritores, devendo apoiar-se numa terminologia que atenda aos diversos perfis socioculturais e profissionais dos utilizadores. Nesse sentido, a Biblioteconomia e a Ciência da Informação vêm elaborando, ao longo dos tempos, ferramentas para apoiar a representação dos conteúdos, facilitando a pesquisa e recuperação.

Existem dois tipos de linguagem documentais, a categorial e a combinatória, divergindo estas no ponto em que na categorial os conceitos são ordenados de acordo com um determinado esquema, e entre eles são estabelecidas relações de subordinação hierárquica. É o tipo de linguagem que corresponde às classificações. Na linguagem combinatória, os conceitos não se encontram dependentes de uma estrutura hierárquica estabelecida à priori. A sua ordenação é alfabética de modo a formar uma lista de

descritores, permitindo que os assuntos sejam analisados por um termo específico ou pela combinação dos mesmos.

Neste estudo iremos focar somente as linguagens combinatórias, por serem as mais indicadas para o processo de indexação, pois apresentam-se numa estrutura flexível que permite a identificação de conceitos e a sua representação por termos de indexação, enquanto que numa linguagem categorial a identificação é feita por um assunto principal e generalizável.

Gil Leiva define linguagem documental como:

“un conjunto de términos normalizados y controlados, vinculados entre sí por medio de una sintaxis específica, para expresar como deben utilizarse los términos en la fase de análisis o para explicitar sus relaciones de sinonimia, de jerarquía, de proximidad temática o de antonomia. Los lenguajes documentales son herramientas empleadas en la indización de los documentos (almacenamiento) y para la indización de las preguntas (recuperación)” (1999:49).

Servindo como elo de ligação entre o pensamento dos utilizadores e a informação armazenada. A esse propósito acrescenta que, *“la experiencia demuestra que un elemento fundamental para alcanzar una indización consistente es el uso de lenguajes de indización controlados”* (2008:116).

A diversidade de tipologias das linguagens documentais converte-as num elemento de apoio a disciplinas como a Biblioteconomia, a Documentação, a Bibliografia e a Arquivística cujas necessidades de descrição oferece possibilidades concretas, de forma a fomentar a consistência nos termos da indexação, evitando que documentos que tratam do mesmo assunto lhes sejam atribuídos termos diferentes. Existem duas categorias de linguagem inseridas numa estrutura combinatória, a linguagem natural e a controlada.

2.7.1. Linguagem Natural

A linguagem natural é fundada no princípio da pós-coordenação, ou seja, os assuntos de um núcleo documental são analisados e representados em conceitos cuja combinação caracteriza a evolução dos conhecimentos. Assim podemos considerar que

“se componen de un vocabulário no predefinido que se va generando a partir de la realización de procesos de indización”(Gil Urdiciain,2004:23).

A combinação dos termos é feita no momento em que o utilizador procede á pesquisa de informação com a utilização de operadores booleanos, (E, OU, E NÃO). Quando o utilizador emprega palavras soltas, “unitermos”, para a pesquisa, a sua coordenação pode ser o oposto daquilo que ele realmente quer obter, devido à falta de pertinência no momento de atribuir os unitermos, havendo uma grande probabilidade de ficar insatisfeito com o resultado obtido. Este tipo de linguagem em ciências exactas até pode ter algum sentido, pois há muitos conceitos específicos, facto que não acontece por exemplo em ciências sociais. Têm de representar pensamentos e raciocínios diversos. Nesse contexto e para uma maior objectividade, surgiu a necessidade de se criar um outro tipo de linguagem, a controlada, que permitisse (Simões, 2008:32):

- a) *“Reduzir a ambiguidade semântica;*
- b) *Reduzir a ambiguidade sintáctica;*
- c) *Obter um alto nível de consistência na representação dos assuntos;*
- d) *Realizar pesquisas dentro do mesmo assunto, não só através de termos específicos, mas também de outros, com um nível mais geral”*

Para evitar estas situações de ambiguidade, as linguagens combinatórias introduziram a possibilidade de uma certa pré-coordenação de conceitos, ou seja, recorrer a termos compostos.

2.7.2. Linguagem controlada

Na linguagem controlada os assuntos encontram-se organizados segundo uma estrutura pré-coordenada, onde os termos são combinados no momento da indexação, garantindo precisão terminológica e permitindo ao indexador analisar todas as possibilidades de combinação entre os termos (Simões, 2008:40)

“a aplicação de uma linguagem deste tipo levaria a uma maior consistência no sistema de indexação, na medida em que esta contribuiria para uma maior uniformidade na representação da informação, pois usar-se-ia sempre a mesma lista por parte dos indexadores. No que diz respeito à pesquisa, os utilizadores usariam também os termos dessa mesma lista, factor que seria determinante para a garantia de uma maior pertinência dos resultados obtidos”.

Como grande desvantagem deste tipo de linguagem surge o facto de, a nível de estrutura semântica, deixarem muito a desejar, pois no seu surgimento, não possuíam uma estrutura hierárquica definida, dificultando a consulta e criando mais confusão. O único operador utilizado era o “ver também.”, que o poderia reencaminhar para um termo mais genérico ou específico, exigindo um maior esforço no processo de pesquisa pois *“proporcionavam ingenuamente ao utilizador várias relações alternativas para aceder a assuntos que integrasse a mesma cadeia semântica, através de níveis diferentes de hierarquia. Assim as relações de hierarquia e associativa diluíam-se nestas listas”* (Simões, 2008:41).

Lancaster (2003:50) também mencionou esta problemática ao afirmar que numa estrutura pré-coordenada os termos de indexação possuem as seguintes características:

1. *“The multidimensionality of the term relationship is difficult to depict.*
2. *Terms can only be listed in a particular sequence (A, B,C, D,E), which implies that the first term is more important than the others.*
3. *It is not easy (if not completely impossible) to combine term at the time a search is performed”.*

Em relação à sua estrutura semântica, as linguagens controladas foram evoluindo, aspecto que é visível no thesaurus, que é definido como uma lista de autoridades constituída pelo conjunto ordenado de conceitos destinados a representar de forma unívoca os conceitos dos documentos, podendo ser somente utilizados os termos que aí se encontra descritos. Para fazer a combinação entre termos e ligações entre descritores e não descritores utilizavam as seguintes relações (TG; TE; UP; TR).

Para Lancaster (2003:19), a estrutura desta linguagem era designada por:

1. *“Control synonyms by choosing one form as the standard and referring from all others.*
2. *Distinguish among homographs. For example, turkey (country) is a term quite distinct from turkey (bird).*
3. *Bring or link together those terms whose meanings are most closely related. Two types of relationships may be explicitly identified: the hierarchical and the nonhierarchical (or associative) relationship”.*

Quadro 1 - Vantagens e desvantagens da linguagem controlada e natural

	Linguagem Natural	Linguagem Controlada
Vantagens	<ul style="list-style-type: none"> • Permite o imediato registo da informação numa base de dados, sem necessidade de consultar uma linguagem controlada • Processo de pesquisa é facilitado com a ausência de práticas específicas no uso de uma linguagem controlada • Os termos são extraídos directamente dos documentos que vão constituir a base de dados • Assuntos específicos citados nos documentos podem ser encontrados • Elimina os conflitos de comunicação entre os indexadores e os utilizadores, pois ambos terão acesso aos mesmos termos 	<ul style="list-style-type: none"> • Controlo total do vocabulário de indexação, minimizando os problemas de comunicação entre indexadores e utilizadores • Com o uso de um thesaurus, os indexadores podem assinalar correctamente os conceitos dos documentos • Se bem constituído, o vocabulário controlado poderá oferecer uma alta recuperação e relevância ampliando a confiança do utilizador em frente a um possível resultado negativo • As relações hierárquicas e as remissivas do vocabulário controlado auxiliam tanto o indexador como o utilizador na identificação de conceitos relacionados • Redução no tempo de consulta à base, pois a estratégia de pesquisa será aperfeiçoada com o uso de thesaurus
Desvantagens	<ul style="list-style-type: none"> • Os utilizadores da informação, no processo de busca, precisam fazer um esforço intelectual maior para identificar os sinónimos, as grafias alternativas, etc. • Haverá alta incidência de respostas negativas ou de relações incorrectas entre os termos utilizados na pesquisa (por ausência de padronização) • Custos de acesso tendem a aumentar com a entrada de termos de pesquisa aleatório • Uma estratégia de pesquisa que envolva todos os principais conceitos e os seus sinónimos deve ser elaborada por cada base de dados • Perde de confiança do utilizador com a possibilidade de obter respostas negativas 	<ul style="list-style-type: none"> • Custos: a produção e manutenção da base de dados terá maior despesa com a equipa de indexadores. Será necessário ainda manter pessoal especializado na actualização do thesaurus • O vocabulário controlado poderá não reflectir adequadamente os objectivos do produtor da base, caso esteja desactualizado • Um vocabulário controlado poderá distanciar-se dos conceitos adequados para a representação das necessidades de informação dos utilizadores • Necessidade de experiência no uso de linguagens controladas tanto para os indexadores como para os utilizadores • Desactualização da linguagem poderá conduzir a falsos resultados.

Fonte: adaptado de Lopes (2002:47-48)

Ao avaliar estes dois tipos de linguagem há quem defenda que o ideal para uma optimização da indexação é o uso de ambos, indo ao encontro das questões levantadas pelo utilizador e da organização do conhecimento de forma mais consistente.

2.8. A Indexação e as novas tecnologias

Uma tecnologia é um conjunto complexo de conhecimentos, de meios e de *Know-how*, organizado com vista a uma produção. Com a globalização e com o aumento do conhecimento, as tecnologias foram evoluindo de um modo exponencial.

Na área da ciência da informação as TIC criaram ferramentas com a capacidade de auxiliarem o trabalho do indexador nas suas tarefas de uniformização de procedimentos, do uso de linguagem documentais e de ficheiros de autoridades registando todos os pontos de acesso ao assunto, em certos casos substituindo mesmo o seu papel.

Com o processo de indexação e a utilização de linguagens documentais disponibilizadas, tendo por finalidade estabelecer uma estrutura ordenada do conhecimento, chegou-se à conclusão que a indexação manual é um processo moroso e caro, que poderia ser melhorado e simplificado com o apoio das novas tecnologias, permitindo o aparecimento da indexação automática. Vieira define-a como

“uma operação que identifica, através de programas de computador, palavras ou expressões significativas dos documentos, para descrever de forma condensada o seu conteúdo. As palavras significativas são selecionadas automaticamente, através de metodologias específicas, adotadas de acordo com as políticas de indexação e recuperação da informação, desenvolvimento de software e capacidade de hardware dos sistemas de informação”(1988:48).

Consiste então em fazer reconhecer ao computador os termos que figuram no título, resumo ou mesmo no texto, e empregar esses termos tal e qual aparecem, ou traduzidos em outros, equivalentes ou conceptualmente próximos, de modo a ser possível a sua localização num documento.

Quem iniciou os métodos da indexação automática foi Luhn, em 1957 coincidindo com os primeiros trabalhos de Chomsky⁸ que abriam um novo caminho sobre o estudo da estrutura da frase. Tratava-se, de uma primeira escola, baseada em métodos estatísticos e de recuperação de informação superficiais e pouco rigorosos, que, paulatinamente foi dando origem aos primeiros trabalhos de natureza morfológica e sintáctica, apoiados no conhecimento base dos diferentes domínios científicos, ou seja nos conceitos de um vocabulário controlado. No que concerne a indexação automática

⁸ Considerado como o linguista responsável pela revolução na ciência cognitiva e na ciência da linguagem
Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Filosofia

podemos identificar dois tipos diferentes de processos: a indexação por extracção automática e por atribuição automática. Na extracção automática é calculada a frequência da aparição dos termos significativos, confrontado numa primeira fase com uma lista de palavras proibidas. Depois da comparação concluída é feita a eliminação das palavras não significativas, sendo depois as restantes ordenadas de acordo com a sua frequência. O processo por atribuição necessita de um controlo terminológico.

Para representar o conteúdo de um documento deve ser atribuído um perfil de palavras ou expressões que costumam ocorrer nos documentos. A indexação realiza-se atribuindo palavras-chave procedentes de um thesaurus e executa-se em duas etapas: a pesquisa de entradas do thesaurus correspondente aos conceitos presentes no texto, e a tradução das ditas entradas, pelos descritores do thesaurus (Lancaster, 2003).

Deste modo surgiu pelas mãos de Luhn o índice KWIC, caracterizado pelo uso da linguagem natural, e como índice rotativo onde as palavras correspondentes ao título do documento eram tidas como uma entrada para o índice, ou seja, a palavra-chave aparecia em destaque e as restantes do título apareciam com menor visibilidade, sendo este processo denominado como processo “reverso”. Este reconhecimento das palavras-chave é atribuído ao facto de que o programa reconhece as palavras que não são tidas como palavras-chave, baseada numa lista pré definida de palavras proibidas, impedindo deste modo que estas sejam adoptadas como termo de indexação (Bruzina, Maculan& Lima, 2007).

Como a atribuição dos termos é feita através do título, o sistema não tinha a capacidade de controlar os termos significativos e os sinónimos, havendo para isso muitos termos para identificar o mesmo conceito.

O Método KWOC, diverge do método KWIC, no sentido em que as palavras-chave encontram-se fora do contexto, ou seja, aparecem no início seguida do título completo do documentos, sendo a palavra correspondente no título substituído por asterisco (*) (Lancaster, 2003).

Este tipo de indexação permite resolver algumas limitações sentidas na indexação manual, apresentando contudo, algumas deficiências no momento da recuperação da informação.

2.9. Consistência da Indexação

Devido à importância da indexação para uma eficiente recuperação da informação, a preocupação relativamente à sua consistência não é recente.

Dada a complexidade da linguagem natural, pelas várias conotações que são atribuídas às palavras, uma consistência absoluta é praticamente impossível, mesmo havendo vocabulários controlados para a sua identificação.

Zunde e Dexter, definem consistência da indexação como:

“indexing consistency is essentially a measure of the similarity of reaction of different human beings processing the same information. Thus, more precisely, we shall define indexing consistency in a group of indexers as the degree of agreement in the representation of the essential information content of the document by certain sets of indexing terms selected individually and independently by each of the indexers in the group”(1969:259).

Para Gil Leiva

“la consistencia en la indización es la comparación del resultado de esta tarea para averiguar la coincidencia en la asignación de palabras clave o descriptores. Las comparaciones se llevan a cabo entre la indización de vários indizadores en el análisis de un mismo documento o (consistência interindizador) o bien, la confrontación de la indización de un indizador en el análisis de un mismo documento en periodos diferentes (consistência intraindizador)” (2001:69).

Para Fujita, Rubi e Boccato

“a uniformidade e a consistência são requisitos básicos para o controle e o acesso bibliográfico efetivo no ambiente global on-line e que a tendência crescente na integração, fusão e disponibilização de diferentes registros bibliográficos revela uma forte afirmação dos valores de consistência entre os diferentes tipos de bases de dados, o que ajudará o usuário a buscar de maneira mais fácil e eficiente entre a extensa gama bibliográfica”(2009:38).

Para Lancaster (2003) a consistência da indexação é algo subjectivo, pois depende muito do ponto de vista que cada indexador dá ao interpretar um determinado documento, e quais os aspectos que considera de interesse para que lhe seja atribuído um termo de indexação.

Quanto à relação entre a precisão da recuperação da informação e a consistência da sua indexação, Leonard, (citado por Slevert & Andrews,1991:1)

“interindexer consistency and retrieval effectiveness exhibit a tendency toward a direct, positive relationship, i.e. high interindexer consistency in assignment of terms appears to be associated with a high retrieval effectiveness of the documents indexed. The concern for maintaining high consistency in indexing seems to have been valid and the work of developing an applying indexing rules and vocabulary controls seems justified”.

Para medir a consistência, pode-se levar a cabo uma avaliação intrínseca, que pode ser qualitativa e quantitativa e uma avaliação extrínseca da indexação. Segundo Gil Leiva (2008:385) avaliação intrínseca, denomina-se como um conjunto de tarefas centradas no resultado final da indexação, ou seja, nos descritores, cabeçalhos, subcabeçalhos e identificadores.

É qualitativa quando se reporta a uma análise de cada componente que no seu conjunto proporcionam a qualidade da indexação, e quantitativa quando procura conhecer o grau de semelhança entre os indexadores.

Numa avaliação extrínseca o que se pretende é realizar um grau de comparação entre dois serviços externos diferentes de forma a ver o seu grau de consistência. *“en la evaluación extrínseca el resultado de la indización se usa para compararlo con la indización de outra unidad de información que también há indizado los mismos documentos (interconsistencia⁹) o para comprobar el papel que juega la indización en la recuperación (exhaustividad y precisión)”* (2008:388).

Para tal o grau de consistência será maior quanto mais semelhantes forem as indexações. Ao fazer as devidas comparações, as categorias variam de 0 a 1 ou de 0 a 100, quando se considera a percentagem (%). A semelhança entre indexações pode quantificar-se por meio de fórmulas matemáticas. Para calcular os índices de consistência entre duas indexações, podemos adoptar as fórmulas de Hooper ou de Rolling:

⁹ Denomina-se interconsistência ou consistência inter-indexador quando se realiza uma comparação entre dois ou mais indexadores que diferentes indexam o mesmo documento. Quando a análise se reporta a um profissional que indexa o mesmo documento em diferentes momentos temporais refere-se a intraconsistência ou consistência intra-indexador

Quadro 2- Formula de consistência da indexação

Hooper (1965)	Rolling (1981)
$\frac{C}{A+B-C}$ <p>Uma variante dessa equação é:</p> $\frac{100C}{C+A+B}$ <p>onde,</p> <p>C= Termos comuns nas duas indexações A= Termos usados na indexação A mas não na B B= Termos usados na indexação B mas não na A</p>	$\frac{2C}{A+B}$ <p>onde,</p> <p>C= Termos comuns nas duas indexações A= Termos usados na indexação A B= Termos usados na indexação B</p>

Fonte: Adaptado de Gil Leiva (2008:386)

Neste estudo iremos utilizar a fórmula de Hooper, por ser a adoptada nos estudos efectuados por Gil Leiva, que vão servir de referência para a nossa investigação.

A finalidade da indexação não é conseguir 100% de consistência na indexação, mas sim recuperar documentos pertinentes para dar resposta as solicitações dos utilizadores.

Zunde e Dexter (1969) mencionam que nos estudos efectuados ao longo dos tempos sobre esta matéria, os valores obtidos variam de 10% a 80%, dependendo estes dos parâmetros em que a indexação é efectuada e a medida de consistência utilizada.

Assim dos vários estudos efectuados para a obtenção de medidas para a avaliação da consistência, estes são diversos.

Lancaster (1968) mostrou que a consistência na atribuição de cabeçalhos de assunto (Mesh) era de 46,1% quando os resultados de três indexadores foram baseados numa média de 16 artigos. Os subcabeçalhos também foram usados, no entanto, a consistência caiu para 34,4%. Num estudo anterior chegou-se à conclusão de que os indicadores de função tinham um efeito ainda mais drástico na redução da consistência da indexação (Lancaster 1694), uma constatação que foi confirmada por Sinnet (1964) e por Mullison et. al.(1969).

Gil Leiva, Rubi, Fujita (2008) realizaram outro estudo com o intuito de determinar o nível de consistência entre 30 bibliotecas universitárias brasileiras. O

índice de consistência na indexação (rígido¹⁰) obtido foi de 27.3 %. e na indexação (relaxada¹¹), de 34.3 %, ficando na sua totalidade abaixo dos 39 %.

Estes autores chegaram à conclusão que os factores que influenciam os valores obtidos advêm da incompatibilidade no uso de diferentes linguagens documentais, a ausência de uma política de indexação bem como a falta de definição de directrizes claramente estabelecidas e ainda a criação de procedimentos de indexação seguidos pelos indexadores de forma a aumentar o índice de consistência entre eles.

Num outro estudo efectuado também por Gil Leiva (2001), analisando as realidades das bibliotecas públicas espanholas, o valor obtido foi mais elevado do que nas bibliotecas universitárias, onde o índice de consistência varia de 46.6 % (relaxada) e 37.7 % (rígido), não especificando nenhuma justificação para os resultados obtidos.

Abad Garcia, Abad Pérez e Aleixandre Benavent, (1998) pretenderam avaliar a consistência de indexação existente no terceiro volume do repertório “*Documentación Médica Española*” (1996) verificando em que medida os critérios utilizados pelos indexadores são partilhados pelos utilizadores, ou seja, se a recuperação da informação é eficaz. Obtiveram uma percentagem de consistência no valor de 86%, um resultado bastante elevado ao comparar com outros estudos efectuados.

Funk, Reid e McGoogan (1983) mediram a consistência da indexação na base de dados Medline, onde seleccionaram 760 artigos indexados, por dois indexadores diferentes, verificando que o índice de consistência obtido com a utilização da linguagem MeSH, nos artigos é de 61.1 %. Um aspecto que pode influenciar a medida da consistência é o número de termos a utilizar na representação de um documento, tal como a língua em que se encontra escrito o artigo, dificultando a identificação da escolha do termo correcto.

Tonta (1991) fez a medição da consistência da indexação comparando a Biblioteca do Congresso e a Biblioteca Britânica, obtendo um valor de 16 % de consistência, num total de 82 títulos analisados.

¹⁰ Quando o assunto coincide completamente

¹¹ Quando há semelhanças entre o cabeçalho ou o subcabeçalho de assuntos

2.9.1. Factores que afectam a consistência

Ao elaborar um estudo da consistência entre dois indexadores há vários aspectos a ter em conta. Hurwitz (1969), considera que a falta de conhecimento que o indexador possui sobre a área do conhecimento do documento que se encontra a indexar é um factor que contribui para uma baixa consistência. Já Strehl (1998), deparou no seu estudo que a falta de políticas de indexação e de linguagens documentais específicas nas áreas estudadas prejudicam o nível de consistência.

Para Sievert e Andrews (1991) a profundidade da indexação, ou seja, o número de termos utilizados é também um aspecto importante. Quanto mais termos de indexação forem extraídos de um documentos, menor será a sua consistência, pois é mais fácil para dois ou mais indexadores coincidirem num número reduzido de termos do que em vários.

Outros investigadores focam o indexador como factor que afecta a consistência, (Sousa & Alves, 2001) ao elucidarem que dois ou mais indexadores diferentes, terão uma perspectiva diferente de que aspectos são de interesse para indexar, tal como a escolha dos termos que melhor se coadunam para a sua representação. Outro aspecto focado é que um mesmo indexador pode tomar decisões diferentes no processo de indexar em momentos diferentes, para tal tem de ter em atenção a coerência na indexação, de forma a ser o mais linear possível na atribuição dos termos.

Gil Leiva, Rubi e Fujita (2008) afirmam que a consistência se encontra ligada a duas variáveis, o desempenho do indexador e a qualidade dos instrumentos de indexação, valorizando a iniciativa de uma política de indexação. Gil Leiva (2008) considera como factores que interferem na consistência, a formação, os conhecimentos do assunto, o profissionalismo e a motivação do indexador, as características do documento e as condições em que se leva a cabo a indexação, (figura 2)

Figura 2 - Elementos intervenientes na análise da consistência da indexação

Indexador	<ul style="list-style-type: none">• Formação e experiência em indexação: indexador experiente contra principiante• Conhecimento da matéria• Domínio das ferramentas da indexação (linguagens da indexação)• Profissionalismo
Contexto	<ul style="list-style-type: none">• Políticas de indexações feitas pela instituição• Objectivo da indexação: temas principais contra especificidade• Tipos e necessidades dos utilizadores• Carga de trabalho e tempo dedicado
Objecto	<ul style="list-style-type: none">• Complexidade do objecto indexado: livro infantil contra patentes• Características e propriedades do objecto indexado: material textual contra material gráfico ou audiovisual• Tamanho: indexação de textos curtos contra textos compridos
Momento	<ul style="list-style-type: none">• A comparação executa-se com as palavras-chave retiradas directamente do texto, ou também, uma vez convertidas essas palavras-chave em descritores, após a sua filtragem com vocabulário controlado
Fórmula	<ul style="list-style-type: none">• São variadas as fórmulas matemáticas utilizadas para conseguir os índices de consistência

Fonte: Adaptado de Gil Leiva (2008:75)

Lancaster (2003), foca esta problemática, identificando diversos factores que afectam o resultado da consistência da indexação, dando ênfase aos seguintes:

- Número de termos atribuídos no processo de indexação;
- Linguagem controlada Versus Linguagem natural;
- Tamanho e especificidade do vocabulário utilizado;
- Características do assunto a indexar e a sua terminologia;
- Factores do indexador
- Ferramentas disponibilizadas para o processo de indexação;
- A extensão do tema deverá ser indexada no seu todo

Capítulo 3. Políticas e Grupos de Trabalho

A indexação e o modo como ela se processa e se organiza tem sido objecto de estudo, aumentando a necessidade de criar políticas com o objectivo comum de uniformizar e de democratizar o acesso à informação.

Em Portugal essa necessidade foi desde cedo assumida pela Porbase - Base Nacional de Dados Bibliográficos, que desenvolveu um projecto denominado Projecto CLIP – Compatibilização de Linguagens de Indexação em Portugal. Tinha como principal objectivo criar uma cooperação no uso de termos de indexação por parte das bibliotecas portuguesas participantes no Porbase, para proporcionar uma única linguagem de indexação para todas as bibliotecas que uniformize conceitos e facilite o acesso à informação. Este projecto envolveu essencialmente as Bibliotecas do Ensino Superior e a Biblioteca Nacional, em que cada serviço elegeria um representante para defender o interesse da instituição.

Com este projecto, foram criados vários grupos de trabalho em áreas específicas de forma a trabalhar a respectiva linguagem de indexação, Tendo sido aprovadas as terminologias na área da Agricultura, Ambiente, Artes, Ciências da Saúde, Direito e Política e Questões Sociais.

Também a Biblioteca Nacional, se empenhou na definição de um conjunto de regras e princípios com o intuito de criar uma linguagem de indexação pré-coordenada, construída de um modo indutivo e evolutivo. Para a construção do manual foram consultados vários manuais de indexação acabando a escolha por recair no sistema utilizado pela Library of Congress Subject Headings.

Este manual visa facilitar a criação de um catálogo alfabético de assuntos na Biblioteca Nacional, de modo a facilitar o acesso à informação por parte dos seus utilizadores, sendo para tal essencial criar o máximo de especificidade da linguagem documental, facto que não era possível somente com a utilização da Classificação Decimal Universal. A escolha de uma linguagem pré-coordenada era a solução mais viável, favorecendo assim a automatização da indexação pois “ *o processo de pesquisa reúne as vantagens da pré-coordenação - mais especificidade, maior pertinência, mais rapidez - e as vantagens da pós-coordenação - maior cobertura*” (Portugal. Biblioteca Nacional, 1998: 1.ºed/1988/09, p. 1).

Com a criação e difusão deste manual é possível estabelecer os princípios, critérios e regras, necessários para a construção de um catálogo de assuntos, necessário para a descrição do conteúdo dos documentos pertencentes a uma biblioteca.

Relativamente à área da Saúde, tinha sido constituído um grupo de indexação GTIS- Grupo de Trabalho de Informação em Saúde em 1988, que começou a trabalhar na construção e no estudo de linguagens documentais. Com a criação do Projecto CLIP, este grupo aderiu de imediato a esta iniciativa, participando nas actividades de uniformização e compatibilização das linguagens, dando origem em 1991, à Associação Portuguesa de Documentação e Informação de Saúde – APDIS, tendo como finalidade:

“a agregação dos profissionais responsáveis pelo tratamento, organização, disponibilização e divulgação da Documentação e Informação específicas da área da saúde, bem como a articulação com sistemas ou redes nacionais e internacionais similares, de modo a contribuir, para a investigação, educação e desenvolvimento de cuidados de saúde em Portugal. A APDIS está pois organizada exclusivamente com objectivos científicos e educacionais e destina-se a apoiar os bibliotecários e profissionais da informação envolvidos nas equipas da investigação, da educação e da saúde pública” (APDIS, 2011).

Esta Associação adoptou como tipologia de linguagem documental o DeCS – Descritores em Ciências da Saúde feita pela Bireme, que é uma tradução brasileira do MeSH- Medical Subject Headings, da National Library of Medicine de Washington, ao qual compete a APDIS, a validação dos termos que não estão cobertos pela linguagem Decs e que são considerados pertinentes, tal como realizar ajustamentos em português de certos termos brasileiros, que não tem aplicabilidade na nossa língua.

Hungria refere que:

“ a Associação tem aí o seu papel, que é de entusiasmar os profissionais que trabalham nos serviços a utilizar a mesma linguagem documental e utilizarem o mesmo programa informático para que não se repitam as tarefas nos diferentes organismos. A Associação quer fomentar e desenvolver capacidades em todos os que trabalham nas bibliotecas e serviços de documentação de saúde, para que funcione com as mesmas regras, com os mesmos princípios, o que é fundamental para conseguir uma rede”(1991:3).

A nível internacional e devido ao crescimento exponencial de publicações de investigação e de trabalhos científicos na América Latina e Caribe, foi sentida a necessidade de criar um mecanismo que permitisse o fortalecimento e a ampliação do fluxo de informação relacionado com a saúde que emanava nesses países, para tal surgiu a BIREME em 1967, primeiramente denominada como Biblioteca Regional de Medicina, passando depois a chamar-se Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde, mantendo na mesma a sigla pela qual era conhecida. A BIREME, define como principais fundamentos para a sua origem o:

- *“acesso à informação científica e técnica em saúde é essencial para o desenvolvimento dos sistemas de pesquisa, educação e atenção à saúde;*
- *A necessidade de cooperação técnica para desenvolver e fortalecer as capacidades e infraestruturas nacionais e regional de informação científica e técnica dos países da América Latina e do Caribe de acordo com o estado de arte internacional;*
- *A necessidade de aumentar de modo sustentável a visibilidade, acessibilidade, disseminação, uso e impacto da informação científica gerada nos níveis nacional, regional e global”* (BIREME, [s.d.]).

Os seus modelos de gestão de informação podem ser divididos em quatro períodos diferentes:

Num, primeiro período, que corresponde a 1967 a 1976, desenvolvem acções de formação de recursos humanos, gestão de colecções, pesquisas bibliográficas em bases de dados como a MEDLINE, entre outras (BIREME, [s.d.]).

No segundo período, ciclo que vai de 1977 a 1986, a BIREME dedicou-se a fazer a criação e desenvolvimento da rede de bibliotecas na região. Em 1979 lançou o IMLA, que deu uma visibilidade da BIREME não como biblioteca mas sim como centro de informação e indexação para a região. O IMLA, passou a ser a hoje conhecida base de dados bibliográfica LILACS (BIREME, [s.d.]).

No final da década de oitenta, terceiro período, a acção da Bireme fomenta a descentralização das funções de controlo bibliográfico da produção científica. (BIREME, [s.d.]).

E no quarto período, tem início nos anos 90, este período é identificado com a aplicabilidade da Web, como método de produção das fontes e fluxos de informação científica e técnica.

Com a construção e desenvolvimento da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), em 1998 foi possível juntar num único espaço on-line um conjunto de instituições, sistemas e fontes de informação, acessível em todo o mundo e a todo o tipo de utilizador. “*pela primeira vez abre-se a possibilidade real de acesso equitativo à informação em saúde*”(BIREME/OPAS/OMS, 2007:2).

Tendo como objectivo o de responder de uma forma organizada e eficiente as necessidades emergentes dos Países para produzir e difundir fontes de informação relacionadas com a área da saúde pela Web.

“la construcción de la Biblioteca Virtual en Salud en la acción social consciente y necesaria para que los trabajadores de la salud y la población de la Región se puedan beneficiar de las nuevas oportunidades que este nuevo mundo informacional nos ofrece. El paso hacia un nuevo milenio y un nuevo modelo de convivencia es un reto al que no nos podemos sustrear. Al asumir el compromiso de hacer de la BVS una realidad. La Organización Panamericana de la Salud y sus países miembro han reafirmado una vocación visionaria similar a la que inspiró la creación de la Organización hace ya casi un siglo” (Casas, 1998: 74).

DeCS- Descritores em Ciências da saúde

A DeCS é uma linguagem controlada criada pela BIREME com o objectivo de auxiliar na procura de termos de indexação, para que em todas as bibliotecas de saúde esta seja o mais uniforme e consistente possível, servindo para tal como linguagem única de indexação. A sua criação vem de um estudo efectuado a partir do MeSH, contudo foram acrescentadas áreas específicas como a Saúde Pública, Homeopatia, Ciência e Saúde e Vigilância Sanitária (BIREME, [s.d.]).

A sua estrutura é hierárquica permitindo a pesquisa por termos mais gerais para os mais específicos, estando a sua actualização e revisão a cargo da BIREME.

MeSH – Médical Subject Headings

A linguagem MeSH, foi inicialmente concebida em 1960, contudo, a sua estrutura já tinha sido pensada em 1947, quando a Biblioteca de Medicina do Exército estabeleceu um contracto com a Biblioteca de Medicina da Universidade de Johns Hopkins do País de Gales, para realizarem um estudo sobre os problemas relacionados

com a bibliografia médica, com ênfase na aplicação das novas tecnologias da informação, tal como estudar o impacto que tem a criação de uma listagem de cabeçalho de assuntos.

Em 1954, a Biblioteca das Forças Armadas, publica a SHAL – Subject Heading Authority List. Desenhado para representar o assunto das publicações periódicas indexadas na lista da literatura médica. A primeira edição do MeSH veio revolucionar e afastar as antigas práticas utilizadas pelas bibliotecas, sendo recomendado a sua utilização, tanto na indexação como na catalogação de documentos. De acordo com Rogers referenciado na página da NLM, atesta que a entrada desta linguagem permitiu inúmeras vantagens para a gestão da informação:

“ the adoption of a single subject authority list for both book sand periodical articles is a departure from tradicional practice. We take the view that subject cataloging and periodical indexing, as exemplified in the Index Medicus and in the NLM catalog, are identical processes in their major dimensions. A single list can and should be used for both purposes. This has two major virtues: simplicity for users, in requiring familiarity whit only a single scheme; and economy to the Library in the development and maintenance of a single scheme ” (U.S. National Library of Medicine, 2004).

Capítulo 4. Escolas Superiores de Enfermagem/Saúde em Portugal

Iremos neste ponto referenciar a evolução histórica das escolas de enfermagem, das suas bibliotecas e da necessidade na reformulação das suas actividades de modo a acompanharem o percurso ditado pela globalização e pela evolução do perfil do utilizador destes serviços.

4.1. Evolução Histórica

Com o reconhecimento explícito pelo Decreto-Lei nº. 36219, de 10 de Abril, de que o nível de preparação científica e técnica dos enfermeiros era muito exigente, em 1952 o Governo publicou o Decreto-Lei nº. 38884, de 28 de Agosto, dando assim início à Reforma do Ensino de Enfermagem. De acordo com Pedrosa, os pontos de referência desta lei são os seguintes:

- *A passagem do curso Geral para uma duração de três anos;*
- *O acrescento de 6 meses de estágio ao ano único do Curso de Auxiliares;*
- *A passagem do Ensino de Enfermagem para Escolas de Enfermagem, oficiais e particulares, com autonomia técnica e administrativa;*
- *A criação do Curso Complementar de Enfermagem para a preparação dos monitores dessas novas Escolas;*

Esta mudança implicou também a dotação de todas as escolas de enfermagem de uma biblioteca capaz de dar resposta às necessidades dos alunos do curso de enfermagem.

Com a conversão das escolas de enfermagem em escolas superiores, pela Lei nº. 67/78, e com a publicação do Decreto-Lei nº. 480/88, de 23 de Dezembro estas integraram-se no ensino politécnico, implicando, deste modo, que cada escola tivesse uma biblioteca apta a dar resposta não só a uma instituição do ensino superior, mas também de responder às necessidades dos alunos, assim como do seu corpo docente e dos investigadores por estes procuradas.

4.2. Bibliotecas Universitárias

Com as alterações sentidas no plano de estudos de enfermagem e com a introdução das especialidades, mestrados e doutoramentos na área, com a importância dada a outras disciplinas como Psicologia, Prevenção da Saúde, Gestão e Administração da Saúde, as bibliotecas assumem um papel de extrema importância para a formação dos alunos destas instituições de ensino superior, servindo cada vez mais como um veículo de transmissão de conhecimentos.

Carvalho define que:

“as bibliotecas universitárias são, no âmbito do sistema do ensino superior, estruturas multifuncionais que têm como função apoiar práticas de aquisição de conhecimentos visando o desenvolvimento de competências multidisciplinares da própria comunidade académica. A sua existência é assegurada pelo desempenho contínuo e processual de múltiplas tarefas enquadradas por normas de acção e orientadas por objectivos definidos pelas instituições em que se situam. Por outro lado, as bibliotecas universitárias, ao contribuírem decisivamente para a qualidade de aprendizagem, ensino e investigação universitárias, e ao afirmarem-se como espaços ecléticos imprescindíveis ao desenvolvimento económico-social destas comunidades” (2010:39).

Para tal compete à biblioteca adoptar medidas que possam ajudar os alunos a resolver os seus problemas de informação e acompanhar o seu processo de ensino e aprendizagem. Toda e qualquer actividade feita pela biblioteca universitária têm de estar direccionada para o seu tipo de utilizador. De acordo com Amante:

“as bibliotecas universitárias devem trabalhar no sentido de apetrechar os alunos do Ensino Superior com um conjunto de competências que lhes permitam, de forma autónoma, identificar, avaliar, organizar e sistematizar a informação de que necessitam, independentemente dos suportes em que esta se apresente. A aquisição destas competências é determinante para o seu processo de aprendizagem ao longo da vida e para a sua participação, informada e responsável, na sociedade” (2007:5).

Com a entrada de mudanças curriculares, tal como o processo de Bolonha, o papel do aluno tem vindo a sofrer alterações. A este, compete-lhe cada vez mais ser autónomo e ter capacidades de solucionar problemas, ter espírito crítico, exigindo-lhe também uma atitude mais independente na pesquisa e recuperação da informação.

Estas alterações tem impulsionado o papel da biblioteca a acompanhar as mudanças, tal como defende Rodrigues “*é necessário procurar os caminhos da mudança e, sobretudo, começar a percorrê-los. Em nossa opinião, é fundamental alterar a “cultura organizacional” e a imagem da biblioteca universitária: de um serviço que estará disponível para os seus utilizadores, para um serviço que os procura; de um local que oferece livros e lugares de leitura, para uma entidade que gere e disponibiliza recursos informativos essenciais para o sucesso da actividade escolar, pedagógica e científica*” (1994:3).

Neste sentido, a educação deve ser estruturada em quatro Pilares: *aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver e aprender a ser* (Delors, [et. al.], 1998).

A biblioteca passa a ser um ponto de formação e um dos principais difusores de informação credível, fornecendo ferramentas, através de acções de formação, num mundo de bases de dados, catálogos, documentos electrónicos e publicações online (Lemos & Macedo, 2003).

4.3. A Indexação nas Escolas de Enfermagem

A necessidade e desenvolvimento do interesse pelo processo de indexação nas bibliotecas das escolas superiores de enfermagem em Portugal deu-se com o aumento das publicações (boom da informação) na década de 70/80 levando estas a procurarem novos métodos de tratamento da informação.

Como não foram encontrados registo escritos sobre o interesse destas bibliotecas pela tarefa de indexar procedeu-se ao contacto com alguns dos primeiros funcionários das bibliotecas destas instituições fomos desvelando o percurso da parametrização da indexação nas bibliotecas de enfermagem em Portugal.

A primeira escola de enfermagem a fazer indexação em Portugal foi a Escola Superior de Enfermagem de Beja em 1984, com a utilização de unitermos para a identificação dos conceitos dos documentos. As restantes escolas começaram a utilizar o mesmo tipo de classificação, excepto a de Beja que já tinha arrancado com a criação de uma linguagem documental.

As formas de pesquisa utilizadas, eram realizadas através da duplicação das fichas catalográficas normalizadas (7,5 cm x 12.5 cm), por autores, (onde se sublinhava

a vermelho as primeiras letras do autor), e por título (ao qual se utilizava o mesmo procedimento e número de assuntos), todos eles organizados por ordem alfabética. Esta duplicação constante de fichas acarretava inúmeros inconvenientes, ao nível dos recursos envolvidos. Algumas escolas possuíam orçamento suficiente para adquirirem equipamentos próprios para a duplicação das fichas, contudo a maioria destas, no processo de duplicação utilizavam papel químico e com uma qualidade reduzida.

Em resultado destas dificuldades observa-se a falta de profundidade nos termos de indexação, ficando-se somente por grandes termos ou conceitos. Dai, resultou a necessidade de procurar um outro sistema que fosse mais detalhado e que facilitasse a pesquisa e recolha da informação.

O II encontro Nacional das Bibliotecas das Escolas de enfermagem, realizado na década de oitenta, estipula que todas elas iriam iniciar este processo enviando uma listagem com os termos utilizados na classificação e solicitados pelos seus alunos aos funcionários das bibliotecas, para uma comissão criada para esse fim.

Posteriormente essa comissão começou a tratar e a analisar todas as listagens enviadas iniciando a construção de um thesaurus específico para as escolas de enfermagem.

Um ano depois, e já tendo sido elaborado o tratamento de todas os termos até a letra “E”, inclusive, tomaram conhecimento de uma lista de termos elaborada pela Bireme de uma tabela de descritores (thesaurus) a partir do MeSH.

Foi a partir de 1990 que as escolas iniciaram o processo de indexação com a utilização dessa linguagem como ferramenta de trabalho.

Outro factor que impulsionou a indexação, foi a iniciativa da UNESCO que no final da década de 80, disponibilizou um software gratuito (ISIS) para todas as bibliotecas que o pretendessem, permitindo deste modo o tratamento técnico documental do espólio bibliográfico, o que veio a facilitar o uso do thesaurus, deixando de lado as velhas fichas Taube, acompanhadas das fichas documento, vindo assim a aumentar a capacidade de resposta das bibliotecas.

II. Enquadramento Metodológico

Capítulo 5. Metodologia

Pinto considera que a metodologia se refere à “*descrição e análise dos métodos científicos, às suas potencialidades e limites, assim como aos pressupostos subjacentes à sua aplicação. O objectivo da metodologia não é compreender os produtos da investigação científica, mas antes o próprio procedimento científico*” (1990:35).

A metodologia estabelece relação com a descrição e análise dos métodos científicos, com as suas potencialidades e metas, assim como com os desígnios subjacentes à sua aplicação. Tem como objectivo compreender o próprio procedimento científico.

Marconi e Lakatos (1991:6), consideram que a metodologia

“é o caminho pelo qual se chega a determinado resultado, ainda que esse caminho não tenha fixado de antemão modo reflectido e deliberado(...) é uma forma de seleccionar técnicas, formas de avaliar alternativas para acção científica (...) Assim, enquanto as técnicas utilizadas por um cientista são fruto de suas decisões, o modo pelo qual tais decisões são tomadas depende de suas regras de decisão. Método são regras de escolha, técnica são as próprias escolhas (...) método é a ordem que se deve impor aos diferentes processos necessários para atingir um fim dado (...) é o caminho a seguir para chegar à vontade das ciências”.

Tendo em consideração que o que se pretende é medir valores correspondentes à consistência da indexação, a opção metodológica centra-se numa abordagem quantitativa.

5.1. Desenho de Investigação

Todos os desenhos de investigação têm em comum a observação sistemática dos fenómenos de interesse, o uso da teoria e de diversos métodos para analisar os dados e interpretar os resultados. Para além de ser importante o nível de conhecimento no domínio em estudo para a escolha do tipo de investigação, é o objectivo desta que determina o método apropriado ao estudo de um fenómeno (Fortin, 1999).

Com este trabalho pretende-se em primeira instância traçar o perfil do indexador das bibliotecas de enfermagem/saúde, e em segundo avaliar o nível de consistência existente em diferentes bases de dados das mesmas, tal como aferir alguns procedimentos que contribuam para uma melhoria na consistência da indexação.

Para tal, consideramos oportuno organizar a investigação em dois momentos, de forma a contemplar na íntegra os dois aspectos atrás mencionados e dar realce aos resultados obtidos.

No primeiro momento, para a avaliação do perfil do indexador e do processo de indexação utilizado nas escolas, recorreu-se a um questionário elaborado para o efeito.

Para medir a consistência da indexação foi usada a fórmula de Hooper, que tem sido utilizada em diferentes estudos por Gil Leiva (1997, 1999, 2001, 2002, 2008).

$$C_i = \frac{T_{co}}{(A+B) - T_{co}}$$

Tco = Número de termos comuns nas duas indexações;

A = Número de termos usados na indexação A

B = Número de termos usados na indexação B.

5.2. Questões

Para ser possível encontrar relações que influenciam a consistência da indexação nas diferentes bibliotecas é necessário questionar vários parâmetros, tais como:

Q1 – Qual a formação e a experiência do indexador?

Q2- Qual o conhecimento do indexador relativamente ao assunto que está a indexar?

Q3 – Qual é o domínio do indexador relativamente às ferramentas da indexação (linguagens)?

Q4 – Que papel é atribuído às necessidades dos utilizadores?

Q5 – Qual a complexidade e o tipo de suporte do documento?

Q6 – Quanto tempo é dispensado para indexar um documento?

5.3. Hipóteses

Com base nestes pontos, é possível explicitar um conjunto de hipóteses que apresentam as orientações para guiarem o presente estudo.

Para Tuckman (2002:113) *“uma hipótese é uma resposta que se sugere, para uma questão proposta no problema. Na medida em que representa uma expectativa, a hipótese difere da observação, que representa o que se verificou”*.

Para tal, foram definidas as seguintes hipóteses:

H1 – O grau de consistência da indexação aumenta com a formação do indexador;

H2 – O grau de consistência da indexação aumenta com a experiência do indexador;

H3- O grau de consistência da indexação é influenciado pela tipologia do documento a indexar;

H4 - O Grau de consistência da indexação é maior com a utilização de linguagens documentais e menor com a utilização de linguagens naturais.

5.4. Variáveis

De acordo com Marconi e Lakatos, *“uma variável pode ser considerada como uma classificação ou medida; uma quantidade que varia; um conceito operacional, que contém ou apresenta valores; aspecto, propriedade ou fator, discernível em um objecto de estudo e passível de mensuração”* (2003:137).

Para compreender a natureza do estudo, foram definidas as seguintes variáveis:

Independentes:

Para Tuckman (2002:121) a

“variável independente, que é uma variável estímulo ou input, actua tanto a nível da pessoa, como do seu meio, para afectar o comportamento...é o factor que é medido, manipulado e seleccionado pelo investigador, para determinar a sua relação com um fenómeno observado.”

- Idade
- Habilitações Académicas
- Anos de experiência na indexação
- Formação da pessoa que analisa a obra
- Experiência em matéria de indexação
- Domínio das ferramentas utilizadas na indexação
- Conhecimento do âmbito temático do documento a indexar
- Experiência obtida através do contacto com os utilizadores

Dependentes:

Para Tuckman (2002:122) a

“variável dependente é uma variável de resposta ou output. É um aspecto observado do comportamento de um organismo que foi estimulado...é o factor que é observado e medido, para determinar o efeito da variável independente, ou seja, o factor que se manifesta, desaparece ou varia, à medida que o investigador introduz, remove, ou faz variar a variável independente”.

- Consistência da Indexação

5.5. Tipo de Estudo

Considera-se um estudo descritivo correlacional, uma vez que pretendemos conhecer factores ou percepções ligadas a um determinado fenómeno, tendo em conta que estes estudos fornecem uma descrição de dados, quer se apresentem sob a forma de palavras, de números ou de enunciados descritivos de relações entre variáveis *“...visam denominar, classificar, descrever uma população ou conceptualizar uma situação”*. (Fortin, 1999:138).

Pretende-se, de facto, caracterizar as variáveis envolvidas no fenómeno em estudo, ou seja, analisar os factores ligados a consistência da Indexação, a fim de obter uma imagem completa do fenómeno em estudo e verificar a relação entre o perfil do indexador e o grau de consistência obtido.

5.6. População

Tendo em conta que o objectivo geral deste estudo é avaliar a consistência da indexação nas bibliotecas de enfermagem, a nossa população recairá sobre os indexadores existentes nas seguintes escolas superiores de enfermagem/saúde públicas,¹² abrangendo a totalidade de bibliotecas existentes em Portugal:

1. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra
2. Escola Superior de Enfermagem de Lisboa
3. Escola Superior de Enfermagem do Porto
4. Instituto Politécnico de Beja – Escola Superior de Saúde
5. Instituto Politécnico de Bragança – Escola Superior de Saúde
6. Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias
7. Instituto Politécnico da Guarda – Escola Superior de Saúde
8. Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Saúde
9. Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior de Saúde
10. Instituto Politécnico de Santarém – Escola Superior de Saúde
11. Instituto Politécnico de Setúbal – Escola Superior de Saúde
12. Instituto Politécnico de Viana do Castelo – Escola Superior de Saúde
13. Instituto Politécnico de Viseu – Escola Superior de Saúde
14. Universidade dos Açores – Escola Superior de Enfermagem de Angra do Heroísmo
15. Universidade dos Açores – Escola Superior de Enfermagem de Ponta Delgada
16. Universidade do Algarve – Escola Superior de Saúde
17. Universidade de Aveiro – Escola Superior de Saúde
18. Universidade de Évora – Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus
19. Universidade da Madeira – Escola Superior de Enfermagem da Madeira
20. Universidade do Minho – Escola Superior de Enfermagem
21. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Escola Superior de Enfermagem de Vila Real

¹² Perfazendo um total de 21 indexadores, um por cada biblioteca

5.7. Tratamento e análise de dados

Os dados obtidos através da aplicação do questionário foram trabalhados estatisticamente através do programa informático SPSS- Statistical Package for the Social Sciences.

A operacionalização das variáveis utilizadas no estudo encontra-se em apêndice (I)

Para apresentação dos resultados obtidos na avaliação do processo de indexação, foi utilizada estatística descritiva (média) e apresentação dos resultados em gráficos. Para testar as hipóteses apresentadas, foi utilizada estatística inferencial, efectuou-se teste de normalidade de distribuição Shapiro-Wilk, uma vez que a amostra possuía menos de 50 bibliotecas.

Para a avaliação da homogeneidade de distribuição utilizou-se o teste de Levene. De forma a proceder a comparação de médias foram utilizados os seguintes testes: para a comparação entre o uso das diferentes linguagens foi utilizado o teste t student, a ANOVA para testar diferenças entre duas ou mais variáveis, e o teste Kruskal-Wallis como alternativa a ANOVA, para os casos que não se observaram os pressupostos para a utilização de testes paramétricos. Quanto às medidas de associação também se teve em consideração as variáveis quanto à escala de medida e a normalidade de distribuição utilizando-se a correlação de Pearson.

O nível de significância admitido foi de 0.05 %.

Capítulo 6. Resultados

Neste capítulo encontram-se condensados os dados obtidos no questionário para a caracterização do processo de indexação utilizado nos serviços estudados, e a medição da consistência da indexação.

6.1. Primeiro momento: Processo de indexação

No processo de recolha de dados foi utilizado o inquérito para analisar o processo de indexação nas escolas em estudo. O inquérito *“pode ser definido como uma interrogação particular acerca de uma situação englobando indivíduos, com o objectivo de generalizar. Neste caso, o investigador intervém colocando questões, mas sem intenção explícita de modificar a situação na qual actua enquanto inquiridor”*. (Ghiglione & Matalon, 1993: 8).

O inquérito foi construído para o presente estudo e encontra-se dividido em três partes:

- I. Caracterização Sócio-demográfica dos indexadores inquiridos, composto por três questões (sexo, idade e habilitações literárias);
- II. Caracterização da Biblioteca, com um total de seis questões referentes ao tipo de documentação que possui, ao número de utilizadores, ao fundo bibliográfico e ao programa de gestão utilizado.
- III. Por último, o processo de indexação, composto por treze questões que pretendem analisar, opiniões e dados relativos ao indexador e ao processo de indexação. O tipo de questões utilizadas, são na sua maioria compostas por escolha múltipla e pela escala de Likert.

Este foi estruturado num sistema de acesso livre, o Online Software, Free Web Survey Tool¹³, e depois enviado por correio electrónico para todas as bibliotecas das escolas superiores de enfermagem/saúde públicas em Portugal (N=21).

¹³ <http://www.esurveyspro.com/>

6.1.1. Caracterização da amostra

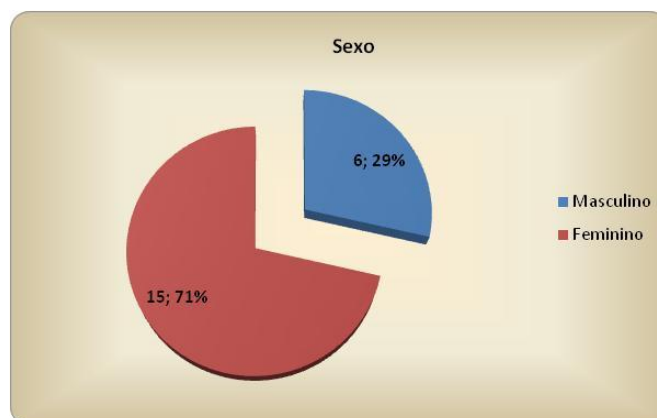


Gráfico 1- Sexo

Este estudo teve em atenção as vinte e uma escolas superiores de enfermagem/saúde públicas existentes em Portugal. Em cada biblioteca só uma pessoa, de preferência um indexador, procede ao preenchimento do questionário. Obtivemos um índice de 100% nas respostas obtidas. Dos dados obtidos fizemos primeiramente uma análise em relação ao género (gráfico 1), evidenciando que 71 % (f=15), dos inquiridos é do sexo feminino, em contrapartida com os 29 % (f=6), do sexo masculino.

Apesar de haver uma diferença bastante evidente em relação aos dois géneros, não podemos chegar a nenhum tipo de conclusão, pois não abarcamos no estudo os restantes indexadores existentes em cada biblioteca. Contudo, como na maioria das áreas ligadas às letras o sexo feminino tem uma maior prevalência no nosso país.

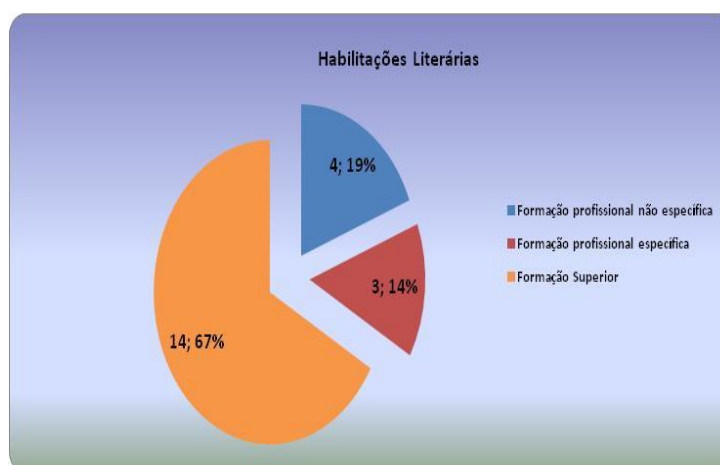


Gráfico 2 – Habilitações literárias

Quanto aos dados obtidos nas habilitações literárias (gráfico 2), estas foram classificadas em três categorias: formação profissional não específica, que engloba os inquiridos que responderam possuir, o 12.º ano e os que mencionaram o Curso Geral dos Liceus; a formação profissional específica, onde inserimos os Cursos de Especialização Profissional, Curso Técnico Profissional e Biblioteca Arquivo e Documentação, na formação superior encontram-se a Licenciatura, Pós-Graduação e Mestrado.

Verificamos que a maioria dos inquiridos possuem um nível académico superior, obtendo um valor total de 67 % (f=14) o que demonstra o interesse cada vez maior por estes serviços de pessoas altamente especializadas e capacitadas para uma boa gestão, indexação, controlo e difusão da informação. No entanto, existe ainda uma proporção significativa de respondentes que refere não ter formação 19 % (f=4), quanto a formação profissional específica o valor obtido é de 14 % (f=3).

6.1.2. Processo de indexação por assuntos

Tabela 2 – Medidas de tendência central da variável “Importância atribuída às qualidades do indexador”

		Precisão	Imparcialidade	Especificidade	Ser Didáctico	Multiplicidade	Fidelidade	Exaustividade	Revocação
N	Frequência absoluta	20	19	19	18	17	19	18	16
	Valores omissos	1	2	2	3	4	2	3	5
Média		4,45	4,26	4,32	3,61	3,35	3,84	3,94	3,69
Mediana		4,50	4,00	4,00	4,00	3,00	4,00	4,00	4,00
Moda		5	4	5	4	3 e 4	4	4	4

Ao serem questionados sobre a importância atribuída às qualidades do indexador (tabela 2), os inquiridos consideram que a precisão tem uma extrema importância ($x = 4,45$). Das restantes qualidades, os inquiridos consideram a Multiplicidade, apenas importante ($x = 3,35$), as restantes são consideradas muito importantes.

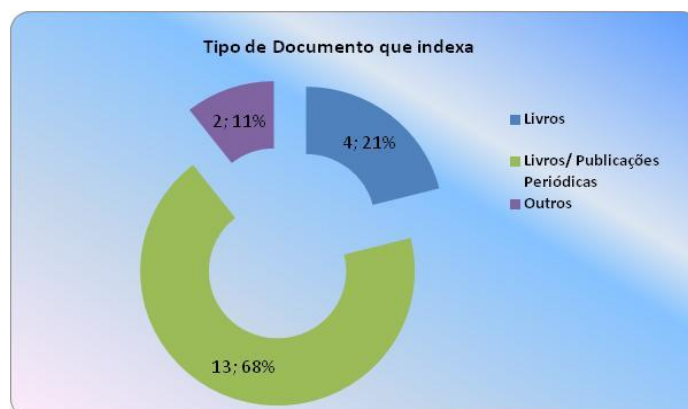


Gráfico 3 – Tipo de documento que indexa

Os inquiridos indicam que os livros/publicações periódicas são os documentos mais indexados obtendo uma percentagem de 68% (f=13), seguido pelos que mencionam fazer apenas a indexação de livros - 21% (f=4) (gráfico 3).



Gráfico 4 – Tipo de acesso disponibilizado aos utilizadores

Quanto ao tipo de acesso à informação disponível nos serviços (gráfico 4), 91 % (f =20), refere que o acesso é livre, tendo o utilizador a possibilidade de pesquisar e consultar livremente a documentação. Contudo, ainda há uma biblioteca ao qual o acesso à documentação é condicionado, não estando especificado os tipos de condicionantes aplicados. Um inquirido afirma que para aceder à documentação tem obrigatoriamente que estar presente um funcionário no serviço.

Tabela 3- Medidas de tendência central da variável “Fontes utilizadas para recolha de conceitos de indexação”

		Título	Subtítulo	Resumo	Sumário	Introdução	Desenvolvimento	Ilustrações	Tabelas	Palavras-Chave	Referências Bibliográficas
N	Frequência absoluta	19	18	19	20	18	18	16	17	20	17
	Valores omissos	2	3	2	1	3	3	5	4	1	4
Média		3,63	3,50	4,74	4,50	4,28	3,72	2,56	2,76	4,25	2,12
Mediana		4,00	3,00	5,00	5,00	4,00	3,50	2,00	2,00	4,50	2,00
Moda		3 e 5	3 e 5	5	5	5	3	2	2	5	2

Como principais fontes para obterem os conceitos de indexação (tabela 3), em média, o resumo ($x = 4,75$) e o sumário ($x = 4,50$) do documento são as que os inquiridos referem utilizar sempre, seguidas pelo título ($x = 4,00$), subtítulo ($x = 3,50$), introdução ($x = 4,28$), desenvolvimento ($x = 3,50$) e palavras-chave ($x = 4,25$) que são utilizadas “quase sempre”. As ilustrações ($x = 2,56$) e as tabelas ($x = 2,76$), em média, são utilizadas “às vezes”, as fontes que raramente utilizam são as referências bibliográficas ($x = 2,12$).

Tabela 4 – Medidas de tendência central para a variável “Tempo médio para proceder à indexação”

		Publicações Periódicas	Livros	Material Cartográfico	Sites/ Bases de Dados
N	Frequência absoluta	15	20	4	2
	Valores omissos	6	1	17	19
Média		1,73	2,35	1,00	2,00
Median		2,00	2,00	1,00	2,00
Moda		1	2	1	2

Ao serem questionados quanto ao tempo que demoram, em minutos, a proceder à indexação de várias tipologias documentais (tabela 4), as respostas recolhidas foram as seguintes: em média, o material cartográfico demora 5-10 minutos ($x = 1,00$) a ser indexado, os livros ($x = 2,35$), os sites/bases de dados ($x = 2,00$) e as publicações periódicas ($x = 1,73$) demoram 11-20 minutos, havendo um grande número de valores omissos referentes aos inquiridos que referem não indexar esse tipo de documentos.

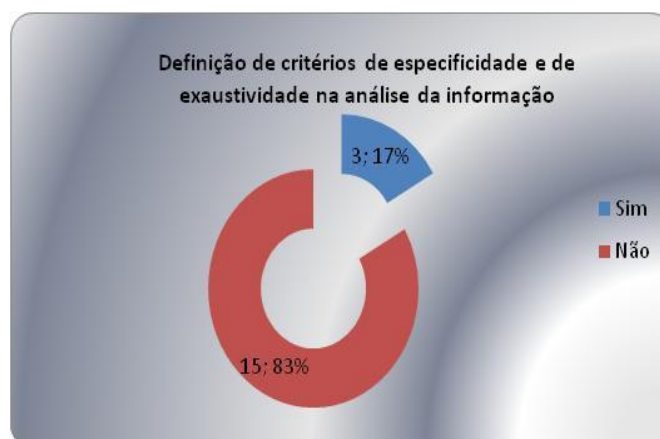


Gráfico 5 – Definição de critérios de especificidade e de exaustividade na análise da informação

Ao analisar o gráfico nº. 5, deparamo-nos com um factor determinante, pois não se encontram definidos critérios para zelar pela especificidade e exaustividade da análise da informação, 83% (f=15), ou seja, não verificam se os assuntos são identificados o mais especificadamente possível, e se os mesmos se encontram incluídos no processo de indexação de acordo com as necessidades de informação sentidas pelo utilizador do respectivo serviço. Assim, apenas 17 % (f=3), afirmam ter essa preocupação, mencionando as seguintes justificações: “Pontos de acesso e obrigação de escolher o termo específico”; “O interesse dos assuntos para os utilizadores”; “o número de descritores utilizados nunca será igual a um, os descritores específicos são sempre utilizados”.

Tabela 5 – Medidas de tendência central da variável “Número de descritores utilizados na indexação”

		Publicações Periódicas	Livros	Material cartográfico	Sites/ Bases de Dados
N	Frequência absoluta	16	19	4	3
	Valores omissos	5	2	17	18
Média		2,31	2,74	1,00	2,67
Mediana		1,00	2,00	1,00	1,00
Moda		1	2	1	1

Relativamente ao número de descritores, para identificar um documento, é uma questão controversa. Há quem defenda que o número limitado de termos permite uma maior consistência na indexação e há quem considere, que os assuntos abordados num documento devem ser indexados na sua totalidade, pois num só documento há assuntos diversificados que podem ser de interesse para vários utilizadores de um serviço. Dos *Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Filosofia*

dados obtidos (tabela 5), verificamos que o material cartográfico é o que apresenta um número mais baixo de descritores. Neste tipo de documentos, em média, os inquiridos utilizam 1-5 descritores ($x = 1,00$) para proceder à indexação. Para os livros ($x = 2,74$) e os sites/bases de dados ($x = 2,67$) os inquiridos referem, utilizar 12-20 descritores. Quanto as publicações periódicas, referem utilizar, em média, 6-11 descritores ($x = 2,31$).



Gráfico 6- Representação dos assuntos principais e secundários



Gráfico 7- Abrangência do tema específico para o geral

Durante o processo de indexação há vários aspectos a ter em atenção. Durante este questionário fomos tentando abarcar o máximo de conceitos e especificidades que dizem respeito a este processo. Para tal, os inquiridos foram questionados sobre se fazem ou não a representação dos assuntos principais e secundários de um documento, ao qual verificamos que num total de 20 inquiridos que responderam a questão, 65% ($f=13$) afirmam que sim que tem esse cuidado (gráfico 6). Adicionalmente, 83% ($f=15$) exprimem preocupação com a abrangência do tema, do específico para o geral (gráfico 7), ainda que 58% ($f=11$) afirmam que utilizam no processo de indexação a representação do geral para o específico, no entanto 42% ($f=8$), importam-se mais com a representação do específico para o geral (gráfico 8).

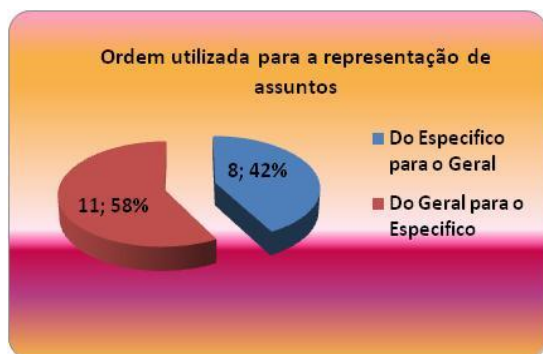


Gráfico 9- Ordem utilizada para a representação de assuntos



Gráfico 8 - Utilização de linguagem controlada

Ao serem questionados, sobre a utilização de linguagens controladas para procederem a indexação dos documentos que suportam as respectivas bibliotecas, podemos verificar que das 20 respostas obtidas 75 % (f=15) utilizam linguagens controladas em oposição, 25 % (f=5), afirma não as utilizar, o que nos remete para a utilização de linguagem natural para dito procedimento (gráfico 9).

Tabela 6 – Medidas de tendência central para a variável “Utilização de linguagens controladas”

		Descritores em ciências da saúde (DeCS)	Médical Subject Headings (MeSH)	Lince: linguagem de indexação para as ciências da educação	Thesaurus da UNESCO	Thesaurus: termos de droga e de toxicod dependência	Eurovoc, Thesaurus multilingue da União Europeia	AGROVOC	Não utilizo linguagens controladas
N	Frequência absoluta	20	13	18	14	15	15	11	4
	Valores omissos	1	8	3	7	6	6	10	17
Média		4,10	2,69	3,17	2,79	2,80	2,73	2,00	1,00
Mediana		4,50	3,00	3,00	3,00	2,00	3,00	2,00	1,00
Moda		5	1	5	1	1 e 5	1	1	1

Das linguagens propostas os Descritores em ciências da saúde (DeCS), obteve a média mais elevada ($x = 4,10$), que a indicaram como a linguagem utilizada “sempre” no processo de indexação. O Lince: linguagem de indexação para as ciências da indexação ($x = 3,17$), o Thesaurus: termos de droga e toxicod dependência ($x = 2,80$), Medical Subject Headings ($x = 2,69$), Thesauris da UNESCO ($x = 2,79$), e o Eurovoc ($x = 2,73$), na sua aplicabilidade nas bibliotecas em estudo, é utilizada “as vezes”.

Tabela 7 – Medidas de tendência central para a variável “Como proceder na indexação sem a existência de uma linguagem controlada”

		Criava uma linguagem própria	Faria a indexação de acordo com as solicitações dos utilizadores	De acordo com o que parecesse mais conveniente no momento de indexar	Não criaria nenhum tipo de linguagem	Útiliva os termos do título do documento
N	Frequência absoluta	14	11	11	12	13
	Valores omissos	7	10	10	9	8
Média		3,14	3,36	2,00	1,67	2,08
Mediana		3,00	4,00	2,00	1,00	2,00
Moda		3 e 4	4	1	1	1

Para tentarmos perceber que atitudes os indexadores tomariam, sem a existência de uma linguagem controlada que lhes satisfizesse as necessidades quanto ao processo de indexação, foi questionado como procederiam perante estes factos. Das respostas obtidas (tabela 7), uma média de ($x = 3,14$), consideram que a atitude que tomariam era a criação de uma linguagem própria e que fariam a indexação de acordo com as solicitações dos utilizadores ($x = 2,00$). Tendo as restantes afirmações obtido um valor representativo em que “não concordam”

Tabela 8 – Medidas de tendência central para a variável “Critérios para construir uma linguagem documental”

		Número limite de palavras por descritor	Uso do singular e do plural	Sinónimos	Descritores compostos	Termos homógrafos ou inconsistentes	Rotação dos descritores	Relação entre assuntos redundantes	Relação de um assunto com a sua subcategoria	Descritores que indicam período histórico	Identificadores geográficos	Assuntos compostos por identificadores geográficos e cronológicos
N	Frequência absoluta	16	16	14	14	10	11	11	14	12	13	13
	Valores omissos	5	5	7	7	11	10	10	7	9	8	8
Média		4,00	3,38	3,00	3,50	2,00	2,55	2,64	3,86	3,75	3,77	3,69
Mediana		4,00	4,00	3,00	4,00	1,00	2,00	2,00	4,00	3,50	4,00	4,00
Moda		5	4	1	4	1	1	1	3 e 5	3	3 e 5	5

Quanto aos critérios utilizados para a criação de uma linguagem controlada (tabela 8), os factores que concernem ao número limite de palavras por descritor ($x = 4,00$); à relação de um assunto com a sua subcategoria ($x = 3,86$); descritores que indicam período histórico ($x = 3,75$), identificadores geográficos ($x = 3,77$) e assuntos compostos por identificadores geográficos e cronológicos ($x = 3,69$), foram identificados como os critérios mais importantes para a criação de uma linguagem.

Tabela 9 – Medidas de tendência central para a variável “Factores que dificultam a indexação”

		Complexidade	Tipo de suporte	Tempo limitado	Pouca experiência como indexador	Falta de conhecimentos na área
N	Frequência absoluta	17	15	18	16	17
	Valores omissos	4	6	3	5	4
Média		3,47	2,13	2,89	2,56	3,18
Mediana		4,00	2,00	3,00	2,00	3,00
Moda		4	2	2 e 3	2	3

No momento de indexar há factores externos e/ou internos ao indexador que podem alterar ou dificultar essa tarefa, tornando-a mais morosa ou em certos casos, mais difíceis de fazer, havendo a necessidade de pedir opinião a terceiros. Dos factores aos quais os indexadores consideram os mais problemáticos para as suas funções (tabela9), foram os seguintes: Complexidade dos documentos ($x = 3,47$), tempo limitado para proceder à indexação ($x = 2,89$), a pouca experiência do indexador nesta actividade, ($x = 2,56$) e por último a falta de conhecimento na área do documento a indexar ($x = 3,18$).

Tabela 10 – Medidas de tendência central para a variável “Comportamento na indexação”

		Os conhecimentos que possuo das regras de indexação são adequados	Para o meu serviço devo usar limites de termos de indexação num documento	A indexação deve ser feita exclusivamente e por um técnico superior	Os meus conhecimentos sobre as áreas científicas que fazem parte da biblioteca são os suficientes	Utilizo o thesaurus em todo o processo de indexação	Considero que o indexador deve estar em contacto com os utilizadores	Para fazer indexação tenho em conta os pedidos dos utilizadores
N	Frequência absoluta	20	17	20	18	18	18	19
	Valores omissos	1	4	1	3	3	3	2
Média		3,65	3,06	2,70	3,28	3,67	4,39	3,68
Mediana		3,50	3,00	2,00	3,00	4,00	5,00	4,00
Moda		3	4	1	3	5	5	5

Para finalizar o questionário foi feita uma recolha com o uso de uma escala de Likert sobre a opinião geral do comportamento do indexador no momento de indexar, tendo sido proporcionadas várias afirmações, ao qual o inquirido, numa escala de *Não Concordo a Concordo Plenamente*, expressa a sua opinião (tabela 10). Das afirmações expostas há quatro que obtêm uma média superior às restantes e que importa salientar. Os inquiridos concordam plenamente que os conhecimentos que possuem das regras de indexação são adequadas ($x = 3,65$), utilizam o thesaurus em todo o processo de

indexação ($x = 3,67$), o indexador deve estar em contacto com os utilizadores ($x = 4,39$), tal como ter em conta os seus pedidos ($x = 3,68$).

Resumindo os valores apresentados verificamos que das 21 bibliotecas a maioria dos profissionais possui formação específica na área das ciências da informação, o que mostra o interesse cada vez maior em prestar um serviço com qualidade e rigor.

No entanto os dados fornecidos em relação à experiência da indexação são bastante diversos, onde o indexador mais novo que se encontra a realizar essas funções tem uma experiência de 3 anos, em contrapartida o mais velho possui uma experiência de 35 anos. Será que essa discrepância de anos de serviço irá interferir no modo como a indexação é elaborada? As competências no momento de indexar serão as mesmas?

No acto de indexar, a maioria utiliza linguagens controladas para o efeito sendo o DeCS a linguagem de eleição para a maior parte dos inquiridos. Quanto a utilização de linguagem natural é mencionada por algumas escolas como sendo o método de indexação escolhido. Uma referiu que utiliza a linguagem categorial para o processo de indexação, ou seja, faz a classificação dos documentos. Quanto ao número de pessoas que indexam nos serviços e a sua categoria profissional remete-se na maior parte das respostas obtidas com a indexação a ser efectuada em conjunto, por um técnico superior e um assistente técnico. Essa escolha é pertinente devido à qualificação académica de um, e da proximidade com o utilizador do outro, permitindo aperceber-se das necessidades destes, e realizar uma indexação adequada de acordo com as mesmas. Ao serem questionados sobre a existência de uma política de indexação e sobre a existência de um manual de indexação, 6 bibliotecas responderam que possuem política (apêndice II), e 7 indexam de acordo com um manual estabelecido pela entidade. (apêndice II)

6.2. Segundo momento: Consistência da indexação

Com base nestes elementos propomo-nos agora analisar a consistência da indexação das bibliotecas da nossa amostra.

Depois de identificadas as características de cada biblioteca, começamos por fazer a selecção de documentos que se encontram disponibilizados em todas as bases de dados. As que não tinham um catálogo disponível em linha, foram contactados por correio electrónico e/ou por telefone. Foram identificados o livro: Colliere; M. F (s.d). *Promover a vida: da prática das mulheres de virtude aos cuidados de enfermagem*. Lisboa: Lidel, e a publicação periódica: *Referência: revista de educação e formação em enfermagem* / propr. Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca. Coimbra: E.S.E.A.F., 1998-

Nos ensaios para a medição da consistência aos livros não consideramos a Escola Superior de Enfermagem de Ponte Delgada da Universidade dos Açores por não fazer indexação. No ensaio da publicação periódica excluímos dez escolas¹⁴, pelos mesmos motivos.

¹⁴ Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Bragança; Escola Superior de saúde do Instituto Politécnico de Leiria; Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Santarém; Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Setúbal; Escola Superior de Enfermagem de Angra do Heroísmo da Universidade dos Açores; Escola Superior de Enfermagem de Ponta Delgada da Universidade dos Açores; Escola Superior de Saúde da Universidade de Aveiro; Escola Superior de Enfermagem da Universidade da Madeira; Escola Superior de Enfermagem da Universidade do Minho; Escola Superior de Enfermagem de Vila Real da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Quadro 3- Consistência da Indexação nas Bibliotecas Públicas de Enfermagem em Portugal

Nome da Biblioteca	% Livro	% Revista	Total
Escola Superior de Enfermagem de Coimbra	20.4 %	23.4 %	21.9 %
Escola Superior de Enfermagem de Lisboa	17.5 %	23.4 %	20.4 %
Escola Superior de Enfermagem do Porto	26.6 %	33.6 %	30.1 %
Instituto Politécnico de Beja – Escola Superior de Saúde	10.2 %	31 %	20.6 %
Instituto Politécnico de Bragança – Escola Superior de Saúde	22 %	Não indexa	22 %
Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias do Instituto Politécnico de Castelo Branco	23.3 %	33.6 %	28.4 %
Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico da Guarda	24 %	0 %	24 %
Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Saúde	9.4 %	Não indexa	9.4 %
Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Portalegre	13.7 %	17.8 %	15.75 %
Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Santarém	11.9 %	Não indexa	11.9 %
Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Setúbal	29.4%	Não tem	29.4 %
Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Viana do Castelo	23.2 %	3 %	13.1 %
Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Viseu	25.5 %	21.5 %	23.5 %
Universidade dos Açores – Escola Superior de Enfermagem de Angra do Heroísmo	14.9 %	Não indexa	14.9 %
Universidade dos Açores – Escola Superior de Enfermagem de Ponta Delgada	Não indexa	Não indexa	Não indexa
Universidade do Algarve – Escola Superior de Saúde	31.1 %	13.7 %	22.4 %

Universidade de Aveiro – Escola Superior de Saúde	34.3 %	Não indexa	34.3 %
Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus da Universidade de Évora	13.4 %	3 %	8.2 %
Universidade da Madeira – Escola Superior de Enfermagem da Madeira	27.2%	23.3 %	25.2 %
Universidade do Minho – Escola Superior de Enfermagem	Não indexa	Não indexa	Não indexa
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Escola Superior de Enfermagem de Vila Real	23.2 %	Não indexa	23.2 %
Total:	21.1 %	18.9 %	20.9 %

Realizando uma avaliação global dos dados apresentados (quadro 4), verificamos que os valores obtidos dos ensaios efectuados (apêndice III), para a medição da consistência da indexação, apresentam valores bastante baixos, contudo, dentro do padrão referenciado por Zunde e Dexter (1969) mencionam que nos estudos efectuados ao longo dos tempos sobre esta temática, os valores obtidos variam de 10% a 80%. Ao analisar a indexação do livro verificamos que duas bibliotecas não efectuam nenhum tipo de indexação, fazendo com que nos questionemos como conseguem dar resposta às solicitações dos utilizadores.

Quanto à publicação periódica, a percentagem de bibliotecas que não a fazem é muito mais elevada, o que nos deixou surpresos, pois sendo esta uma área onde a sua utilização é muito alta como método de evidenciar investigações e resultados de saúde de uma forma rápida e actualizada, dando reconhecimento a quem faz a investigação - que em muitos casos são docentes destas instituições.

Tentamos proceder à medição da consistência em analíticos de publicações periódicas, mas o número de escolas que faziam a sua indexação é muito reduzida, não sendo para tal viável para o estudo.

Para proceder à avaliação das variáveis de forma a rejeitar ou não as hipóteses anteriormente apresentadas, definimos que a variável “Total de Consistência” através da média da consistência do livro e consistência da revista para cada escola.

Quadro 4 - Estatística Descritiva da Consistência de Indexação

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Consistência Livros	19	9,40	34,30	21,1158	7,29956
Consistência Revistas	12	,00	33,60	18,9417	11,81782
Total da Consistência	19	8,20	34,30	20,9816	7,20889

Através do Teste de Shapiro-Wilk (uma vez que a amostra tem menos de 50 bibliotecas), verifica-se se a variável “total de consistência” possui normalidade de distribuição. Como $p\text{-value} = 0,708$ é superior ao nível de significância definido, podemos afirmar que existe normalidade de distribuição e passando-se a análise das hipóteses colocadas

Quadro 5- Teste de Normalidade de Distribuição

	Shapiro-Wilk		
	Statistic	df	Sig.
Total da Consistência	,967	19	,708

Hipótese 1 – O Grau de consistência da indexação é maior de acordo com a formação do indexador

Para verificar se o Total de Consistência é maior de acordo com a formação do indexador, utiliza-se a Análise de Variância (ANOVA), uma vez que se pretende comparar médias de consistência entre mais de dois grupos (formação não específica, formação específica, formação superior).

Quadro 6 - Teste de Homogeneidade de Variâncias

Teste de Levene	df1	df2	Sig.
3,347	2	16	,061

Após verificar que existe homogeneidade de variâncias através do Teste de Levene (p-value = 0,061), pode ser utilizado o teste ANOVA.

Quadro 7 - ANOVA

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Entre os grupos	110,111	2	55,056	1,067	,367

No entanto os resultados não mostram diferenças significativas na consistência de indexação entre os diferentes grupos considerados ($F(2) = 1,067$; $p > 0,05$)

Para tal, consideramos esta hipótese como nula, não sendo visível uma diferença que possa validar a hipótese mencionada.

Hipótese 2 – O Grau de consistência da indexação é maior de acordo com a experiência do indexador

Para verificar se existe relação entre o total de consistência e a experiência do indexador, ao serem duas variáveis quantitativas, terá que ser usada uma correlação.

Como o total de consistência e a experiência do indexador possuem normalidade de distribuição, (p-value = 0,467), utilizou-se a Correlação de Pearson, tendo-se obtido um valor muito baixo ($R = -0,014$; $p > 0,05$), pelo que a experiência do indexador não parece ter significância estatística em relação com a consistência da indexação.

Quadro 8 - Teste de Normalidade de Distribuição

	Shapiro-Wilk		
	Statistic	df	Sig.
Experiência como indexador	,951	17	,467

Hipótese 3 – O Grau de consistência da indexação é influenciado de acordo com a tipologia do documento a indexar

Apesar de a variável “total de consistência” possuir normalidade de distribuição, como já foi verificado, não existe homogeneidade de variâncias do total de consistência para os grupos “livros”, “outros” e “livros/publicações periódicas” (p-value = 0,001).

Quadro 9 - Teste de Homogeneidade de Variâncias

Teste de Levene	df1	df2	Sig.
10,779	2	14	,001

Assim, terá que ser usado o teste não paramétrico de Kruskal-Wallis.

Quadro 10 - Teste não paramétrico de Kruskal-Wallis

Teste Estatístico^{a,b}

	Total da Consistência
Chi-Square	3,287
df	2
Asymp. Sig.	,193

a. KruskalWallisTest

Teste Estatístico^{a,b}

	Total da Consistência
Chi-Square	3,287
df	2
Asymp. Sig.	,193

a. KruskalWallisTest

b. GroupingVariable: Tipo de doc. que indexa

Os resultados mostram que não existem diferenças estatisticamente significativas entre as médias do total de consistência para cada um dos grupos (χ^2 (2) =3,287; p=0,193), ou seja, não há diferenças entre o grau de consistência das bibliotecas que indexam só livros e as que indexam livros e publicações periódicas.

Hipótese 4- O Grau de consistência da indexação é maior com a utilização de linguagens documentais e menor com a utilização de linguagens naturais

Para a análise das variáveis “total da consistência” e “tipo de linguagem documental utilizada”, utiliza-se o teste t-student, uma vez que pretendemos comparar a média do grau de consistência das bibliotecas que utilizam linguagem controlada com as que utilizam linguagem natural.

Quadro 11 – Teste T-Student para amostras independentes

Teste para Amostras Independentes

		Teste de Levene para Homogeneidade de Variância		Teste t-Student para comparação de duas médias				
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference
Total da Consistência	Com Homogeneidade de Variâncias	,034	,856	,106	16	,917	,50333	4,73221
	Sem Homogeneidade de Variâncias			,097	2,658	,929	,50333	5,18181

Como os dois grupos possuem homogeneidade de variâncias (através do teste de Levene, p-value = 0,856), verifica-se que não existem diferenças estatisticamente significativas entre a média do grau de consistências entre o uso da linguagem controlada ou natural (p-value = 0,917), rejeitando as hipóteses.

Capítulo 7. Conclusões

Com este estudo pretendemos verificar vários aspectos referentes à indexação, que influenciam a sua **consistência** com impacto no acesso à informação que representam. Para tal, consideramo-la sob dois pontos de vista diferentes: enquanto processo que consiste em **descrever e identificar** um documento com ajuda da representação dos conceitos contidos no mesmo e quanto à sua **finalidade** que permite fornecer métodos adequados na pesquisa e acesso à informação armazenada.

O papel das bibliotecas universitárias nesta tarefa é primordial, pois funciona como elo de ligação entre a informação que é emanada por estudos e trabalhos de investigação e quem procura, produz e necessita de recorrer a este tipo de conhecimento, gerando assim uma nova onda de conhecimento, tornando-se num ciclo em constante rotação.

Depois de definido o conceito de política e manual de indexação questionámo-nos se as nossas bibliotecas os possuíam. Os resultados obtidos permitem-nos verificar que, das 21 bibliotecas, seis afirmam possuir uma política de indexação definida nos seus serviços. Quanto ao manual de indexação, são apenas seis as que afirmam que tem um manual onde se encontra a uniformização dos termos utilizados no seu processo.

Concluímos que nas bibliotecas públicas de enfermagem/saúde estudadas, a introdução de uma política de indexação ainda é pouco usual, sentindo-se, contudo, a preocupação destes serviços em proceder à parametrização de procedimentos. Como o número total de bibliotecas é reduzido, propomos a criação de um grupo de trabalho para a criação de uma política única, criando ao mesmo tempo um manual de indexação de acordo com a realidade de cada uma.

Quanto ao uso de linguagens para o processo de indexação, a maioria das bibliotecas utilizam linguagem controlada. No entanto, encontramos na descrição que os indexadores fizeram das suas práticas, uma variedade de linguagens utilizadas no momento de indexar. Esta variável pode interferir na consistência, pois a sua escolha é diversificada para cada indexador. Se a linguagem fosse comum a hipótese de escolha do mesmo termo para o mesmo conceito era muito mais elevada, aumentando assim o valor da consistência.

Para uma caracterização das bibliotecas analisadas, verificamos que a experiência dos profissionais que se encontram a trabalhar nestes serviços é muito variado onde temos indexadores com 35 anos de serviço até outros que afirmam

raramente desempenhar estas actividades, não sendo possível neste estudo comprovar se a discrepância em relação aos diferentes anos de experiência profissional, nem a frequência com que indexam influenciam ou não o valor da consistência obtido,

Em certos serviços a indexação é feita somente por técnicos superiores, noutros por uma equipa formada entre técnicos superiores e assistentes técnicos. Consideramos ser este o método correcto, pois incentiva o trabalho em equipa e no momento de indexar tem-se em conta duas perspectivas diferentes: uma do técnico superior, e outra do assistente que interage diariamente com os utilizadores, respondendo às suas solicitações e dúvidas, quer nos métodos de pesquisa, quer nos termos por eles solicitados.

Ao serem questionados sobre a tipologia de documentos que indexam as respostas obtidas não foram as esperadas, pois apesar de todas as tipologias documentais terem sido mencionadas, as que tiveram uma percentagem mais elevada foram sem sombra de dúvidas os livros e as publicações periódicas. Contudo, a indexação de analíticos foi mencionada por um número bastante reduzido de inquiridos, facto que nos suscitou curiosidade, pois é através dos analíticos que a divulgação científica se propaga de uma forma mais rápida, principalmente com a ajuda das TIC, e com a internet onde se democratizou o acesso ao conhecimento introduzindo novos hábitos de consulta e de divulgação de estudos de investigação. Este facto parece-nos extremamente negativo, porque a informação mais recente é publicada em artigos de publicações periódicas e a sua divulgação junto do público consumidor deve ser o mais rápido possível, não permitindo assim quer o acesso a informação pertinente junto dos utilizadores das bibliotecas, quer à sua recuperação e posterior difusão, excepto em bases de dados de referência.

Quanto ao comportamento na indexação os dados obtidos foram bastante satisfatórios, pois conseguimos verificar que o indexador diz ter o cuidado de ter em atenção as necessidades dos seus utilizadores, definindo estratégias de modo a estar sempre em contacto com estes e conjugar os termos escolhidos de indexação de acordo com o seu perfil.

Outras afirmações que podemos dar relevo são as que consideram que a indexação é um processo que não deve ser feito exclusivamente pelo técnico superior, mas sim em conjunto com o técnico assistente, facto verificado na caracterização global.

O resultado obtido nos ensaios para a obtenção do valor da **consistência de indexação** não foi o que era o esperado. Sendo estas bibliotecas consideradas bibliotecas especializadas assumimos de antemão que o uso do mesmo tipo de linguagem iria resultar num nível de consistência de indexação mais elevado do que foi obtido (20.9 %). Dos estudos analisados, o nosso representa o valor mais baixo, excepto o elaborado por Tonta (1991). Contudo, não é possível fazer nenhuma comparação com a realidade portuguesa, pois não há estudos efectuados sobre esta temática e não é fidedigno proceder a comparações com os estudos anteriormente analisados, pois as metodologias de investigação e de recolha de dados são diferentes.

Quanto às **hipóteses** definidas estas foram todas rejeitadas. Tal, pode-se dever ao número da amostra ser reduzido não sendo possível generalizar os resultados o que influenciou os dados estatísticos obtidos através dos testes efectuados no programa SPSS. Consideramos que vários factores tidos em conta em outros estudos também poderiam influenciar a nossa variável dependente - consistência da indexação - facto que não foi corroborado pelos resultados obtidos. Todavia, abre caminhos para futuras investigações onde esta comparação possa ser elaborada, por exemplo, entre as bibliotecas públicas e privadas do ensino superior e politécnico em enfermagem/saúde em Portugal, aumentando o número da amostra e verificando se existem diferenças estatísticas entre elas, fazendo um estudo comparativo, ou então entre bibliotecas de escolas de enfermagem/saúde públicas de outros países europeus, para confrontar realidades diferentes.

Podemos ver este estudo como o começo de uma linha para futuras investigações na área da consistência em Portugal. Foi uma dificuldade sentida em encontrar informação que fizesse referência à nossa realidade, consideramos para tal que este é um bom ponto de partida, que pode ser trabalhado e limado para conclusões mais precisas, como nos diz António Machado “*caminhante não há caminho! O caminho faz-se ao caminhar!*”.

III. Referências Bibliográficas

Bibliografia

- ✓ Almeida, L. S. & Freira, T. (2003). *Metodologia da investigação em psicologia e educação*. Braga: Psiquilibrios
- ✓ Ashworth, W. (1967). *Manual de bibliotecas especializadas e de serviços informativos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- ✓ Bakewell; K, G. B (1978). *Classification and indexing practice*. London: Clive Bingley
- ✓ Bell, J. (1997). *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa: Gradiva
- ✓ Boccato, V. R. C. (2009). A Linguagem documentária vista pelo conteúdo, forma e uso na perspectiva de catalogadores e usuários. In. Fujita; M. S. L. org. *A Indexação de livros: a percepção de catalogadores e usuários de bibliotecas universitárias, Um estudo de observação do contexto sociocognitivo com protocolos verbais*. São Paulo: Cultura Académica, p. 119-135
- ✓ Bounoux, D. (1993). *Sciences de l'information et de la communication*. Paris: Larousse
- ✓ Delors, J. [et. al] (1998). *Educação um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. São Paulo: Cortez Editora
- ✓ Fortin, M.-F. (1999). *O processo de investigação: da concepção à realização*. Loures: Lusociência.
- ✓ Fujita; M. S. L. & Rubi, M. P & Boccato, V. R. C (2009). As Diferentes perspectivas teóricas e metodológicas sobre a indexação e catalogação de assuntos. In. Fujita; M. S. L. org. (2009). *A Indexação de livros: a percepção de catalogadores e usuários de bibliotecas universitárias, Um estudo de observação do contexto sociocognitivo com protocolos verbais*. São Paulo: Cultura Académica, p. 19-42

- ✓ Fujita; M. S. L. org. (2009). *A Indexação de livros: a percepção de catalogadores e usuários de bibliotecas universitárias, Um estudo de observação do contexto sociocognitivo com protocolos verbais*. São Paulo: Cultura Académica
- ✓ Gauthier, B., Dir. (2003). *Investigação social: da problemática à colheita de dados*. Loures: Lusociência.
- ✓ Ghiglione, R. & Matalon, B. (1993). *O inquérito: teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora
- ✓ Gil Leiva, I (1999). *La Automatización de la indización de documentos*. Gijón: Ediciones Trea
- ✓ Gil Leiva, I. (2008). *Manual de indización: teoría y práctica*. Gijón: Ediciones Trea
- ✓ Gil Urdicain; B. (2004). *Manual de lenguajes documentales*. 2.º Ed. Gijón: Ediciones Trea
- ✓ Gonçalves, C.C. & Hungria, M. A. (1973). *Considerações sobre indexação*. Lisboa: [s.n.]
- ✓ Hill, M. M. & Hill, A. (2000). *Investigação por questionário*. Lisboa: Edições Silabo
- ✓ Hungria, M. A. (1991). APDIS: Passo a passo até à rede de informação. “*Nursing*”, 4 (44), p. 2-3. Entrevista cedida à revista.
- ✓ Huot, R. (2002). *Métodos quantitativos para as ciências humanas*. Lisboa: Instituto Piaget
- ✓ Lakatos, E. & Marconi, M. (1991). *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas
- ✓ Lan, R. H. V. D (2002). *Tesouro e terminologia: uma inter-relação lógica*. Porto Alegre: [s.n.]. Tese de doutoramento apresentada a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras

- ✓ Lancaster, E. W. (2003). *Indexing and abstracting in theory and practice*. Third Edition. London: Facet Publishing
- ✓ Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber*. Porto Alegre: Artmed
- ✓ Marconi, M. A. & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Editora Atlas S. A.
- ✓ Maroco, J. (2010). *Análise estatística com utilização do SPSS*. Lisboa: Edições Silabo
- ✓ Mendes, M. T. P & Simões, M. G. (2002). *Indexação por assuntos: princípios gerais e normas*. Lisboa: Gabinete de Estudos
- ✓ NP 3715 (1989). *Documentação: método para a análise de documentos, determinação do seu conteúdo e selecção de termos de indexação*. Lisboa: CT7 (IPQ)
- ✓ NP 4036 (1993). *Tesaurus monolingues: directivas para a sua construção e desenvolvimento*. Lisboa: CT7 (IPQ)
- ✓ Nunes, L. (2003). *Um olhar sobre o ombro: enfermagem em Portugal (1881-1998)*. Loures: Lusociência
- ✓ Pedrosa, A. (2004). A enfermagem Portuguesa: referências históricas. “Referência”. 11, p. 69-78
- ✓ Pereira, A. (2008). *Guia prático de utilização do SPSS: análise de dados para ciências sociais e psicologia*. 7.º Ed. Lisboa: Edições Silabo
- ✓ Pinto Molina, M. (1993). *Análisis documental: fundamentos y procedimientos*. 2.º ed. Madrid: Eudema
- ✓ Pinto, A. C. (1990). *Metodologia da investigação psicológica*. Porto: Edições Jornal de Psicologia
- ✓ Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

- ✓ Ribeiro, J. L. P. (2010). *Metodologia de investigação em psicologia e saúde*. 3.º ed. Porto: livpsic.
- ✓ Sales, R. (2008). *Tesauros e ontologias sob a luz da teoria comunicativa da terminologia*. Florianópolis: [s.n.]
- ✓ Silva, A. C. O. (2002). *A Biblioteca escolar e o acesso ao conhecimento: classificar e indexar*. [s.l.]: [s.n.]
- ✓ Silva, A. M. & Ribeiro, F. (2002). *Das «ciências» documentais à ciência da informação*. Porto: Edições Afrontamento
- ✓ Silva, A. S. & Pinto, J. M. (1989). *Metodologia das ciências sociais*. 3.ª Ed. Porto: Edições Afrontamento
- ✓ Simões, M. G. (2008). *Da abstracção à complexidade formal: relações conceptuais num tesouro*. Coimbra: Edições Almedina
- ✓ Soares, M. I. (1997). *Da blusa de brim à touca branca: contributo para a história do ensino de enfermagem em Portugal (188-1950)*. Lisboa: Associação Portuguesa de Enfermeiros
- ✓ Tuckman, B. W. (2002). *Manual de investigação em educação*. 2.ª Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- ✓ United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (1975). *Indexing principles*. Paris: UNISIST

Webgrafia

- ✓ Abad Garcia, M. F. & Abad Pérez, I. & Benavente, R. A. (1998). Evaluacion en la indizacion del repertório documentacion medica española”*Revista Espanhola de Documentación Científica*”21(4), consultado em 20-09-2011. Disponível na WWW: http://bddoc.csic.es:8080/basisbwdocs_rdisoc/rev0001/1998_vol21-4/1998_vol21-4_pp389-401.htm
- ✓ Alcaide, G. S. & Gava, R. J. & Rodrigues, W. S. & Santos, D. F (2001). Análise comparativa e de consistência entre representações automática e manual de informações documentarias. “*Transinformação*”.13(1), p 23-41. Disponível na WWW:<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000000329&dd1=7c341>
- ✓ AMANTE, M. J.(2007). *Bibliotecas universitárias: semear hoje para colher amanhã*. In CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 9, Açores, 2007 Informação para a Cidadania, o Desenvolvimento e a Inovação: Actas. Lisboa: BAD. Consultado em 15-09-2011. Disponível na WWW: <http://repositorio.iscte.pt/bitstream/10071/346/1/bibliotecasuniversitarias.pdf>
- ✓ Amaral. S. A. (1996). Marketing e desafio profissional em unidades de informação. “ *Ciência da Informação*”. 25(3). Consultado em 19-10-2010. Disponível na WWW: revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/download/452/411
- ✓ Araújo, H. C. B & Fonseca Júnior, L. C & Silva, H. T. L. & Vitulho, N. A. V. (2011). *Linguagens de indexação: uso das linguagens presentes na prática da indexação*. Maranhão: Universidade Federal do Maranhão. Consultado em 10-09-2011. Disponível na WWW: <http://rabci.org/rabci/sites/default/files/LINGUAGENS%20DE%20INDEXA%C3%87%C3%83O%20uso%20das%20linguagens%20presentes%20na%20pr%C3%A1tica%20da%20indexa%C3%A7%C3%A3o.pdf>

- ✓ BIREME y el sistema Latinoamericano y del Caribe de Información en Ciências de la Salud: hacia la biblioteca virtual en salud. In. VI Reunión del Sistema Latinoamericano y del Caribe de Información en Ciências de la Salud. San José, Costa Rica, 23-24 marzo. Consultado em 01-11-2011. Disponível na WWW: <http://regional.bvsalud.org/bvs/por/pdf/bvsesp.pdf>
- ✓ BIREME, (s.d.). *Sobre a BIREME*. São Paulo: Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da saúde. Consultado em 01-11-2011. Disponível na WWW: http://new.paho.org/bireme/index.php?option=com_content&view=article&id=32&Itemid=41&lang=pt
- ✓ BIREME/OPAS/OMS (2007). *Guia de atualização do DeCS*. São Paulo: BIREME/OPAS/OMS. Consultado em 03-11-2011. Disponível na WWW: <http://bvsmodelo.bvsalud.org/download/decs/DeCS-GuiaAtualizacao.pdf>
- ✓ Campos, M. L. A. & Gomes, H. E. (2006). Metodologia de elaboração de tesauro conceitual: a categorização como princípio norteador. “*Perspectivas em Ciência da Informação*”. 11(3), p. 348-359. Consultado em 14-06-2011. Disponível na WWW: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-99362006000300005&script=sci_arttext
- ✓ Carneiro, M. V. (1985). Diretrizes para uma política de indexação. “*Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*” 14(2). Consultado em 20-06-2011. Disponível na WWW: <http://www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=13788>
- ✓ Carvalho, G. F. S (2009). *O profissional da informação frente aos desafios da sociedade da informação: uma reflexão acerca do processo de recuperação da informação*. Belo Horizonte: [s.n.]. Consultado em 06-05-2011. Disponível na WWW: <http://rabci.org/rabci/sites/default/files/Trabalho.pdf>
- ✓ Carvalho, M. M. M. (2010). *Do conceito à prática: a importância da qualidade na Biblioteca da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro*. Vila Real: [s.n.]. Dissertação de Mestrado apresentada a Universidade de Trás-os-Montes para a obtenção do grau de Mestre em Gestão, variante Gestão Pública e

- Autárquica. Consultada em 01-10-2011. Disponível na WWW:
http://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/111/3/msc_mmmcarvalho.pdf
- ✓ Casas, J. A. (1998). *La Biblioteca virtual de salud: el futuro del sistema latinoamericano y del Caribe de información en ciencias de la salud*. In Conferência de Clausura al IV Congreso Panamericano de Información en Ciencias de la salud, San José, Costa Rica, 24-27, Marzo, Consultado em 04-11-2011. Disponível na WWW: <http://regional.bvsalud.org/bvs/por/pdf/ecasas.pdf>
 - ✓ Cintra, A. M. M. (1983). Elementos de linguística para estudos de indexação. “*Ciência da Informação*” 12 (1), p. 5-22. Consultado em 15-11-2010. Disponível na WWW:
<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/1526/1144>
 - ✓ CLIP- Compatibilização de Linguagens de Indexação em Português (1995). *Projecto CLIP: fontes para o controlo de terminologia*. Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro. Disponível na WWW:
http://books.google.pt/books?id=8CqMGY48S08C&pg=PA2&lpg=PA2&dq=:+fontes+para+o+controlo+de+terminologia+Por+Maria+Lu%C3%ADsa+Santos,+Maria+In%C3%AAs+Lopes&source=bl&ots=Y4uPRIkg4u&sig=66_Dxil2L2QSfwELInr8Xk148ZM&hl=pt-PT&ei=bsyzTsmpl4n44QSDvJH1Aw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&sqi=2&ved=0CBsQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false
 - ✓ Edgar, W. B. (2007). Toward a theory of University Library Group Work: na approach for development. “*The journal of Academic Librarianship*” 33(2), p. 268-275. Consultado em 20-10-2011. Disponível na WWW:
http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MiamiImageURL&_cid=272069&_user=2460380&_pii=S0099133306002291&_check=y&_origin=&_coverDate=31-Mar-2007&view=c&wchp=dGLzVlt-zSkWA&md5=15ab7f13d1b7793540f60c1c755fc0a1/1-s2.0-S0099133306002291-main.pdf

- ✓ França. BnF (2011). RAMEAU- Répertoire d'autorité-matière encyclopédique et alphabétique unifié. France: BnF. Consultado em 02-11-2011. Disponível na WWW: <http://rameau.bnf.fr/informations/rameauenbref.htm>
- ✓ Fujita, M. S. L & Rubi, M. P (2006). O Ensino de procedimentos de política de indexação na perspectiva do conhecimento organizacional: uma proposta de programa para a educação à distância do bibliotecário” *Perspectiva da Ciência de Informação*” 11(1), p. 48-66. Consultado em 25-05-2011. Disponível na WWW: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v11n1/v11n1a05.pdf>
- ✓ Fujita, M. S. L & Rubi, M. P. & Boccato, V. R. (2009). O Contexto sociocognitivo do catalogador em bibliotecas universitárias: perspectivas para uma política de tratamento da informação documentaria “ *DatagramaZero*” 10(2). Consultado em 10-01-2011. Disponível na WWW: http://www.dgz.org.br/abr09/Art_06.htm
- ✓ Fujita, M. S. L & Rubi, M. P. (2006). Um Modelo de leitura documentária para a indexação de artigos científicos: princípios de elaboração e uso para a formação de indexadores “*DataGramaZero*” 7(3) Consultado em 10-09-2011 Disponível na WWW: http://www.datagramazero.org.br/jun06/Art_04.htm
- ✓ Fujita, M. S. L. (1999). A Leitura do indexador: estudo de observação. “*Perspectiva da Ciência de Informação*” 4(1), p. 101-116. Consultado em 10-01-2011. Disponível na WWW: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/viewFile/597/366>
- ✓ Fujita, M. S. L. (2003). A identificação de conceitos no processo de análise de assunto para indexação. “*Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*”, 1(1), 60-90. Consultado em 03-02.2010. Disponível na WWW: <http://dici.ibict.br/archive/00000239/02/RDBCI-2004-9.pdf>
- ✓ Funk, M. E. & Reid, C. A & McGoogan, L. S. (1983). Indexing consistency in Medline” *Bull. Med. Libr. Assoc.*” 71(2), p. 176-183. Consultado em 17-07-2011. Disponível na WWW: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC227138/pdf/mlab00066-0056.pdf>

- ✓ Gil Leiva, I (2002). Consistencia en la indizacion de documentos entre indizadores noveles. “*Anales de Documentación*”. 5, 99-111. Consultado em 03-02-2010. Disponível na WWW: <http://revistas.um.es/analesdoc/article/view/2211/2201>
- ✓ Gil Leiva, I (2008). Consistência na indexação em bibliotecas universitárias brasileiras. “*TransInformação*”. 20(3), 233-253. Consultado em 02.02.2010. Disponível na WWW: <http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/viewarticle.php?id=304>
- ✓ Gil Leiva, I (2011). El Acceso a la información pública: estudio de casos de Brasil, España y Portugal. “*Informação & Sociedade*”. 21(1), p. 73-89. Consultado em 07-10-2011. Disponível na WWW: <http://eprints.rclis.org/bitstream/10760/15769/1/Articulo%20Acceso%20informacion%20publica%20Gil%20Leiva%20Moya%20Martinez.pdf>
- ✓ Gil Leiva, I. (2001). Consistencia en la asignación de materias en bibliotecas públicas del estado. “*Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios*”, (63), 69-86. Consultado em 08-02-2010. Disponível na WWW: <http://www.aab.es/pdfs/baab63/63a4.pdf>
- ✓ Giles, C. L & Councill, I. G. (2004). Who gets acknowledged: measuring scientific contributions through automatic acknowledgment indexing. “*Proceedings of the national academy of sciences of the united states of America*” 101(51), p. 17599-17604. Consultado em 20-10-2011. Disponível na WWW: <http://www.pnas.org/content/101/51/17599.full.pdf+html>
- ✓ Gomes, H. E. (1989). O indexador face às novas tecnologias da informação” *Transinformação*” . 2 (1), p. 161-171. Consultado em 20-10-2011. Disponível na WWW: <http://www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=10932>
- ✓ Gonçalves, C. C & Satar, E. A. (s.d.). *Evolução da documentação em Portugal e a formação dos seus profissionais*. In: Primer Congreso Universitario de Ciencias de la documentación. [s.l.: s.n.]. Consultado em 08-06-2011. Disponível na WWW:

<http://www.ucm.es/info/multidoc/multidoc/revista/num10/paginas/pdfs/cccorreia.pdf>

- ✓ Good, B. M. (2009). Term Based comparison metrics for controlled and uncontrolled indexing languages. “*Information Research*” 14(1). Consultado em 25-09-2011. Disponível na WWW: <http://informationr.net/ir/14-1/paper395.html>
- ✓ Guimarães, J. A. C. (2000). Políticas de análisis y representación de contenido para la gestion del conocimiento en las organizaciones.”*Scire*” 6(2), p. 49-58. Consultado em 17-07-2011. Disponível na WWW: <http://ibersid.eu/ojs/index.php/scire/article/.../1115>
- ✓ Hurwitz, F. I (1969). A Study of indexer consistency. “*American Documentation*”. 20(1), p.92-97. Consultado em 03-08-2011. Disponível na WWW: <http://web.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?sid=4b4df9a1-f9c6-4502-b88b-270331bf2b90%40sessionmgr114&vid=2&hid=122>
- ✓ Inácio, M. O. & Fujita, M. S. L (2009). A Indexação no tratamento da informação documental de domínios específicos: um estudo em contexto de bibliotecas universitárias. “ *Revista de iniciação Científica da FFC*” 9(2), p. 130-146. Consultado em 03-08-2011. Disponível na WWW: http://www.sibi.ufrj.br/snbu/pdfs/posters//final_278.pdf
- ✓ Lemos, L, O. C. & Macedo, M. C. (2003). *A cooperação entre bibliotecas do ensino superior em Portugal: passado, presente e perspectiva futura*. In JORNADAS PORBASE, 9, Lisboa, 2003- Novos Contextos para a Cooperação. Consultado em 20-10-211. Disponível na WWW: http://sigarra.up.pt/up_uk/web_gessi_docs.download_file?p_name=F405558867/jornadasporbase9comunica.pdf
- ✓ Lopes, I. L. (2002). Uso das linguagens controladas e natural em bases de dados: revisão da literatura. “*Ciência Informação*” 31(1), p. 41-52. Consultado em 20-09-2011. Disponível na WWW: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v31n1/a05v31n1.pdf>
- ✓ Lucas, C. R. (1997). Biblioteconomia: produção e administração da interpretação. “*Ciência da Informação*” 26(1), p. 46-53. Consultado em 06-03-

2011. Disponível em
WWW:http://dici.ibict.br/archive/00000623/01/biblioteconomia_produ%C3%A7%C3%A3o.pdf
- ✓ Medelyan, O & Witten, I. H (s.d.). *Measuring inter-indexer Consistency using a Thesaurus*. [s.l.:s.n.]. Consultado em 03-02-2010. Disponível na WWW: <http://www.cs.waikato.ac.nz/~ihw/papers/06-OM-IHW-MeasureUsingThesaurus.pdf>
 - ✓ Menon, Bruno (2004). Journés d'étude ADBS L'indexation à l'heure du numérique "*Documentaliste- sciences de l'information*" 41 (6), p. 340-342. Consultado em 04-09-2011. Disponível na WWW: <http://www.cairn.info/revue-documentaliste-sciences-de-l-information-2004-6-page-340.htm>
 - ✓ Mingam, M. (2005). Rameau. "*Bulletin dès Bibliothèques de France*" 50(5). Consultado em 01-11-2011. Disponível na WWW: <http://bbf.enssib.fr/consulter/bbf-2005-05-0038-001>
 - ✓ Mugnaini, R. (2003). A Bibliometria na exploração de bases de dados: a importância da linguística. "*Transinformação*".15(1), p. 45-52. CONSULTADO EM 06-02-2011. Disponível na WWW: <http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/viewissue.php?id=2>
 - ✓ Naves, M. M. L (2001). Estudo de fatores interferentes no processo de análise de assunto. "*Perspectiva da Ciência da Informação*" 6 (2), p. 189-203. Consultado em 06-02-2011. Disponível na WWW: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/428/236>
 - ✓ Pinheiro, L. V. R. (1978). Medidas de consistência da indexação: interconsistência. "*Ciência da Informação*". 7 (2), 109-114. Consultado em 02-02-2010. Disponível na WWW: <http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/1682/1287>
 - ✓ Pinto, V. B. (2001). Indexação documentaria: uma forma de representação do conhecimento registrado. "*Perspectiva da Ciência da Informação*" 6(2), p. 223-

234. Consultado em 20-08-2011. Disponível na www: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/viewFile/423/239>
- ✓ Porbase. Base Nacional de Dados Bibliográficos (2006). *Regulamento do Projecto CLIP*. Lisboa: Biblioteca Nacional. Consultado em 20-11-2011. Disponível na WWW: <http://www.porbase.org/projectos/regulamento-clip.html>
 - ✓ Portugal. Biblioteca Nacional (1998). *SIPORbase- Sistema de indexação em Portugal: manual*. 3.^a Edição revista e aumentada. Lisboa: Biblioteca Nacional. Disponível na WWW: http://books.google.com/books?id=EMX2pfFwKDQC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false
 - ✓ Ribeiro, F. (s.d.). *Formação e mercado de trabalho em informação e documentação em Portugal*. Porto: [s.n]. Consultado em 25-10-2011. Disponível na WWW: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo11111.pdf>
 - ✓ RODRIGUES, E. (1994). *As bibliotecas universitárias e a formação dos estudantes de engenharia no domínio da documentação/informação*. In CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 5, Lisboa, 1994 - “Multiculturalismo” : comunicações. Lisboa: Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas. Consultado em 20-10-2011. Disponível na WWW: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/419/1/BAD1.pdf>
 - ✓ Rubi, M. P & Fujita, M. S. P. (2003). Elementos de política de indexação em manuais de indexação de sistemas de informação especializados. “ *Perspectiva em Ciências da informação*”. 8(1), p. 66-77. Consultada em 01-07-2011. Disponível na WWW: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/viewFile/375/193>
 - ✓ Rubi, M. P. & Fujita, M. S. L. (2010). Política de indexação na catalogação de assunto em bibliotecas universitárias: a visão sociocognitiva da atuação profissional com protocolo verbal. “ *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*”. 7(2), 118-150. Consultado em 08-02-2010. Disponível na WWW: <http://polaris.bc.unicamp.br/seer/ojs/viewarticle.php?id=243>

- ✓ Rubi, M. P. (2004). *A Política de indexação na perspectiva do conhecimento organizacional*. Marília: [s.n.]. Dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista. Consultado em 08-02-2010. Disponível na WWW: http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/rubi_mp_me_mar.pdf
- ✓ Salasário, M. G. C. (2000). Biblioteca especializada e informação: da teoria conceitual à prática na biblioteca do laboratório de mecânica de precisão - LMP/UFSC. “*ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*”. 5(5), p. 104-119. Consultado em 05-10-2011. Disponível na WWW: <http://repositorio.iscte.pt/bitstream/10071/346/1/bibliotecasuniversitarias.pdf>
- ✓ Saracevic, Tefko (1978). Educação em Ciência da informação na década de 1980. “*Ciência da Informação*” 7(1), p. 3-12. Consultado em 11-09-2011. Disponível na WWW: <http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/1539/1155>
- ✓ Siervet, M. C. & Andrews, M. J. (1991). Indexing consistency in information science abstracts. “*Journal of the American Society for Information Science*”. 42(1), 1-6. Consultado em 03-02-2010. Disponível na WWW: <http://www3.interscience.wiley.com/cgi-bin/fulltext/10049381/PDFSTART>
- ✓ Silva, A. M. & Ribeiro, F. (2004). *Formação, perfil e competências do profissional da informação* [Em linha]. In. *Bibliotecas e Arquivos: nas encruzilhadas da informação e da cultura: (re) inventar a profissão: actas*. Porto: [s.n.]. Consultado em 23-12-2011. Disponível na WWW: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/14056/2/formaoperfil000073239.pdf>
- ✓ Silva, M. R. (2004). A Prática de indexação: análise da evolução de tendências teóricas e metodológicas. “*Transinformação*” 16(2), p. 133-161. Consultado em 06-10-2011. Disponível na WWW: <http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/viewarticle.php?id=65>
- ✓ Soler Monreal, M. C. (2009). *Evaluación de vocabulários controlados en la indización de documentos mediante índices de consistência entre indizadores*.

- Valencia: Universidad Politecnica de valência. Consultado em 08-02-2010. Disponível na WWW: <http://dspace.upv.es/xmlui/handle/10251/6341>
- ✓ Souza, M. I. F. & Alves, M. D. R. (2011). Atuação do bibliotecário no Sistema Agência de Informação da Embrapa: perfil profissional. “*Comunicado Técnico*”, 7, p. 1-4. Consultado em 13-04-2011. Disponível na WWW: <http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/8290/1/COMNICADOTE C7.pdf>
 - ✓ Strehl, L. (1998). Avaliação da consistência da indexação realizada em uma biblioteca universitária de artes. “*Ciência da Informação*”. 27 (3), 329-335. Consultado em 03-02-2010. Disponível na WWW: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v27n3/27n3a11.pdf>
 - ✓ Tonta, Y. (s.d.) *A study of indexing consistency: consistency between the library of congress and the British Library Catalogers*. Berkeley:[s.n.]. Consultado em 07-10-2011. Disponível na WWW: <http://eprints.rclis.org/bitstream/10760/9464/1/indxcons.pdf>
 - ✓ U. S. National Library of Medicine (2004). *Medical Subject Headings: history of MeSH*. Bethesda: U. S. National Library of Medicine. Consultado em 02-11-2011. Disponível na WWW: http://www.nlm.nih.gov/mesh/intro_hist2005.html
 - ✓ Vaz, J. (2000). Developments in Portugal regarding classification and indexing:1999/2000. “*Classification and Indexing Section Newsletter*”, nº. 22. Consultado em 22-10-2011. Disponível na WWW: <http://ifla.org/en/classification-and-indexing>
 - ✓ Vieira, S. B. (1988). Indexação automática e manual: revisão de literatura. “*Ciência da Informação*”. 17(1), p. 43-57. Consultado em 10-09-2010. Disponível na WWW: <http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/1391/1017>
 - ✓ Witty, F. J. (1973). The beginnings of indexing and abstracting: some notes towards a history of indexing and abstracting in antiquity and the middle ages.

“*The indexer*”. 8(4), 193-198. Consultado em 03-02-2010. Disponível na WWW: http://www.theindexer.org/files/08-4/08-4_193.pdf

- ✓ Zunde, P. & Dexter, M. E. (1969). Indexing consistency and quality. “*American Documentation*” 20 (3), 259-267. Consultado em 03-02-2010. Disponível na WWW:

<http://content.ebscohost.com/pdf9/pdf/1969/YP5/01Jul69/16977648.pdf?T=P&P=AN&K=16977648&EbscoContent=dGJyMMvl7ESeprY4y9fwOLCmr0iep69SsK%2B4TbKWxWXS&ContentCustomer=dGJyMOzprkiuqLdIuePfgeyx%2BEu3q64A&D=bth>

Apêndices

Apêndice I- Operacionalização das variáveis

Variável	Tipo de variável	Atributos	Códigos
Importância atribuída às qualidades do indexador	Qualitativa Ordinal	-9	Não responde
		1	Nada Importante
		2	Pouco Importante
		3	Importante
		4	Muito Importante
Fontes utilizadas para recolha de conceitos de indexação	Qualitativa Ordinal	-9	Não responde
		1	Nunca
		2	Raramente
		3	As vezes
		4	Quase sempre
Tempo médio para proceder à indexação	Qualitativa Ordinal	-9	Não responde
		1	5-10
		2	11-20
		3	21-25
		4	26-35
		5	>36
Número de descritores utilizados na indexação	Qualitativa Ordinal	-9	Não responde
		1	1-5
		2	6-11
		3	12-20
		4	21-30
		5	31-40
Utilização de linguagens controladas	Qualitativa Ordinal	-9	Não responde
		1	Nunca
		2	Raramente
		3	As vezes
		4	Quase sempre
Como proceder uma indexação sem a existência de uma linguagem controlada	Qualitativa Ordinal	-9	Não responde
		1	Não concordo
		2	Concordo pouco
		3	Concordo
		4	Concordo bastante
Critérios para construir uma linguagem documental	Qualitativa Ordinal	-9	Não responde
		1	Nunca
		2	Raramente
		3	As vezes
		4	Quase sempre
Factores que dificultam a indexação	Qualitativa Ordinal	-9	Não responde
		1	Nunca
		2	Raramente
		3	As vezes
		4	Quase sempre
Comportamento na indexação	Qualitativa Ordinal	-9	Não responde
		1	Não concordo
		2	Concordo pouco
		3	Concordo
		4	Concordo bastante
		5	Concordo plenamente

Apêndice II- Caracterização das Bibliotecas

Nome da Biblioteca	Anos como indexador	Nº. de pessoas a indexar (categoria)	Formação Específica	Ling. Documental / Natural	Política de Indexação	Manual de Indexação
Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias do Instituto Politécnico de Castelo Branco	Não responde	4- Não especificado	Licenciatura: História ; Pós- Graduação: Ciências Documentais	Linguagem Natural	Não	Não
Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico da Guarda	19 Anos	1 - Técnico Superior	Licenciatura: História; Pós-Graduação: Ciências Documentais	DeCS: Sempre Thesaurus UNESCO: Sempre Eurovoc: Sempre	Sim <i>“Trata-se do processo de representação do conteúdo dos documentos, previamente registados no sistema de gestão de bibliotecas, conduzido por técnicos, com o objectivo de uma maior difusão da informação disponibilizada, contribuindo como ponto de acesso por assunto para os utilizadores da biblioteca”</i>	Não
Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Viseu	10 anos	1- Técnico Superior	Licenciatura: Filosofia	MeSH: Sempre	Não	Não
Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Viana do Castelo	21 Anos	2- Assistentes Técnicos	Curso de Especialização Tecnológica em Bibliotecas e Serviços de Documentação	DeCS: Sempre MeSH: Quase sempre Lince: Quase sempre	Não	Não
Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Setúbal	5 Anos	1 - Técnico Superior 1 - Assistente Técnico	Licenciatura: Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses e Franceses	DeCS: Sempre MeSH: Quase sempre	Não	Sim <i>“ Uniformização de procedimentos”</i>
Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Santarém	8 Anos	1- Não especificado	Licenciatura: História Pós-Graduação: Ciências Documentais	Linguagem Natural	Não	Não
Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Portalegre	30 Anos	1 - Técnico Superior 1 - Assistente Técnico	Licenciatura: Informação e Documentação	DeCS: Sempre Lince: Sempre Thesaurus: termos de droga e de toxicoddependência: Sempre	Não	Sim “Manual de Indexação Controlada do IPP”

Nome da Biblioteca	Anos como indexador	Nº. de pessoas a indexar (categoria)	Formação Específica	Ling. Documental / Natural	Política de Indexação	Manual de Indexação
Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Leiria	Desde 2005	1 - Técnico Superior 1 - Assistente Técnico	Licenciatura: Linguística Pós-Graduação: Ciências Documentais - Variante Bibliotecas e Documentação	DeCS: Sempre Eurovoc: Sempre	Não responde "A política de indexação corresponderá à escolha e seleção dos critérios que estarão na base da indexação dos documentos. Esta deverá estar em conformidade com os objetivos da biblioteca, e com as necessidades informativas dos utilizadores. Uma maior ou menor recuperação da informação dependerá da escolha dos critérios de indexação, como o da exaustividade e especificidade."	Sim. "Manual muito básico, onde consta uma lista de termos de indexação em inglês, que não são traduzidos. Aparece igualmente a indicação dos campos do Aleph relativos à indexação"
Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Bragança	23 Anos	1- Técnico Superior 2 - Assistentes Técnicos	BAD	Diz que não mas depois afirma utilizar: DeCS- Sempre Thesaurus da UNESCO: Sempre	Não	Não
Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Beja	35 Anos	4 - Não especificado	Frequência Universitária	DeCS: As Vezes	Não	Não
Escola Superior de Saúde da Universidade do Algarve	28 Anos	1 - Técnico Superior 1 - Assistente Técnico	Licenciatura: História Pós-Graduação: bibliotecário-arquivista Mestrado: MA in Librarianship (UK) Doutoramento: Em curso	Linguagem natural	Não	Não
Escola Superior de Saúde da Universidade de Aveiro	15 Anos	6 -Não especificado	Pós-Graduação: Ciências Documentais	DeCS: As Vezes MeSH: As vezes Eurovoc: As vezes	Não	Não
Escola Superior de Enfermagem do Porto	16 Anos	1 - Técnico Superior 1 - Assistente Técnico	Licenciatura: Ciências Históricas Pós-Graduação: Ciências Documentais	Diz que não mas depois afirma que utiliza: DeCS: Quase Sempre	Sim "Extrair assuntos pertinentes que vão de encontro ao perfil dos utilizadores desta biblioteca."	Sim "Descritores das ciências da saúde"
Escola Superior de Enfermagem de Vila Real da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro	Cerca de 30 anos	2 - Técnico Profissionais Especialistas Principais	BAD	DeCS: Sempre Lince: Sempre Thesaurus: termos de droga e de toxicoddependência: Sempre Eurovoc: Sempre	Não	Não

Nome da Biblioteca	Anos como indexador	Nº. de pessoas a indexar (categoria)	Formação Específica	Ling. Documental / Natural	Política de Indexação	Manual de Indexação
Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus da Universidade de Évora	14 Anos	1 - Técnico Superior	Licenciatura: Geografia Planeamento Regional Pós- Graduação: Ciências Documentais	DeCS: Quase Sempre	Sim "A política de indexação para além de um conjunto de normas e procedimentos que devem ser seguidos deverá ser um princípio que reflita os interesses e objectivos da Biblioteca e norteie os procedimentos de indexação, permitindo que os utilizadores encontrem com maior rapidez, o maior número de documentos com a máxima pertinência"	Sim "Está a ser elaborada uma listagem de cabeçalhos de assuntos para cada área."
Escola Superior de Enfermagem de Lisboa	Desde anos 80	1 - Coordenadora Técnica 2 - Assistentes Técnicos	Frequenta a Licenciatura em Ciências da Informação e Documentação	DeCS: Sempre Lince: linguagem de indexação para as ciências da educação: Sempre	Não "Tive dúvidas entre o sim e o não, porque não existe uma verdadeira política de indexação. Embora tenhamos alguns princípios e instrumentos pré determinados, não há um documento "escrito" orientador e normalizador. A elaboração do manual de indexação tem sido um projecto consecutivamente adiado na nova realidade ESEL. A qualidade da indexação assim produzida não é uniforme e é questionável, porque está dependente do rigor, conhecimentos técnicos, experiência e grau de exigência que cada um imprime ao seu trabalho. Não há uma supervisão sistemática do trabalho realizado"	Não
Escola Superior de Enfermagem de Coimbra	Não específica	1 - Técnico Superior 5 - Assistentes Técnicos	BAD	DeCS: Sempre Lince: Quase sempre	Sim "PI é um processo de representação do conteúdo dos documentos, através de conceitos nele contidos, com o objectivo de disponibilizar a informação aos utilizadores da biblioteca"	Não responde
Escola Superior de Enfermagem de Angra do Heroísmo da Universidade dos Açores	"Raramente indexa"	0	Curso Técnico Profissional	Não responde	Não responde	Não responde
Escola Superior de Enfermagem de Ponta Delgada da Universidade dos Açores	19Anos	1- Assistente Técnico	Curso Técnico Profissional	DeCS: Sempre Lince: Sempre Thesaurus: termos de droga e de toxicodependência: Sempre	Não responde	Sim
Escola Superior de Enfermagem da Universidade do Minho	30 Anos	1- Assistente Técnico	BAD	DeCS: Sempre	Sim "é a extração de termos de uma publicação com vista á sua posterior recuperação."	Sim " O Manual não foi elaborado pelos serviços. É seguido o thesaurus da BIREME"
Escola Superior de Enfermagem da Universidade da Madeira	3 Anos	1 - Não especificado	Licenciatura: História Pós-Graduação: Ciências Documentais - Arquivo	DeCS: Sempre MeSH: Sempre Lince: Sempre Thesaurus da UNESCO: Sempre Thesaurus: termos de droga e de toxicodependência: Sempre EuroVoc: Sempre AGROVOC: Sempre	Sim "Conjunto de directrizes que explicam e justificam as opções técnicas da biblioteca e às quais os funcionários devem respeitar nas suas rotinas de trabalho tendo sempre em consideração o acervo e o utilizador."	Não

Apêndice II - Ensaio para os estudos de Índices de consistência

Identificação do Livro:

Colliere, M. – F. (2002). *Promover a vida: da prática das mulheres de virtude aos cuidados de enfermagem*. Lisboa: Lidel

Quadro 12 – Termos de Indexação

Nome da Biblioteca	Termos (UNIMARC 606)
Escola Superior de Enfermagem de Coimbra	Enfermagem; Enfermagem – papel da mulher; Enfermagem - Organizações; Enfermeira; Cuidados de Enfermagem
Escola Superior de Enfermagem de Lisboa	Cuidados de enfermagem; Enfermeiras; Identidade profissional; Papel do profissional de enfermagem
Escola Superior de Enfermagem do Porto	Cuidados- enfermagem
Instituto Politécnico de Beja – Escola Superior de Saúde	História de Enfermagem
Instituto Politécnico de Bragança – Escola Superior de Saúde	Cuidados de enfermagem; Enfermagem; Enfermeiro; saúde da mulher
Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias do Instituto Politécnico de Castelo Branco	Enfermagem - Mulher; cuidados
Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico da Guarda	Enfermagem
Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Saúde	Cuidados de enfermagem, Cuidar, Economia da Saúde; Filosofia em enfermagem; História da enfermagem; Imagem profissional; Imagem social; Investigação em enfermagem; Papel do profissional de enfermagem; Profissão de enfermagem
Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Portalegre	Contribuições das mulheres - história; enfermagem - contribuições das mulheres; Enfermagem – Séc. 20; Enfermeiras – identidade profissional; identidade profissional
Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Santarém	Administração; Enfermeira; Cuidados de enfermagem; Prática de enfermagem; Papel da enfermeira; Evolução da enfermagem; Enfermagem - evolução; Enfermeira – papel; Enfermagem – Cuidados; Enfermagem - prática
Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Setúbal	Cuidados de enfermagem; enfermagem; papel do profissional de enfermagem
Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Viana do Castelo	Cuidados de Enfermagem; História da enfermagem

Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Viseu	Enfermagem; História da enfermagem
Universidade dos Açores – Escola Superior de Enfermagem de Angra do Heroísmo	Cuidados de enfermagem; Mulheres; Enfermeiras; Papel do profissional de enfermagem; Enfermagem prática
Universidade dos Açores – Escola Superior de Enfermagem de Ponta Delgada	Não indexa
Universidade do Algarve – Escola Superior de Saúde	História da enfermagem; Enfermagem; Cuidados de Enfermagem; Mulheres
Universidade de Aveiro – Escola Superior de Saúde	Cuidados de enfermagem; Enfermagem – Identidade profissional
Universidade de Évora – Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus	Enfermeiros; Identidade profissional; Enfermagem; Prática profissional; papel do profissional de enfermagem; Competência profissional
Universidade da Madeira – Escola Superior de Enfermagem da Madeira	Enfermagem; Cuidados de enfermagem; Teoria de enfermagem
Universidade do Minho – Escola Superior de Enfermagem	Sem indexação
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Escola Superior de Enfermagem de Vila Real	História da enfermagem; Cuidados de enfermagem

Quadro 13 – Ensaio da Tipologia: Livro

Pares de Bibliotecas	Índice de Consistência
1. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra - Escola Superior de Enfermagem de Lisboa	12.5 %
2. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra - Escola Superior de Enfermagem do Porto	16.6 %
3. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra - Instituto Politécnico de Beja – Escola Superior de Saúde	0%
4. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra - Instituto Politécnico de Bragança – Escola Superior de Saúde	28.5 %
5. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra - Instituto	16.6 %

Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias	
6. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra - Instituto Politécnico da Guarda – Escola Superior de Saúde	20 %
7. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra - Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Saúde	7.1 %
8. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra - Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior de Saúde	11.1 %
9. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra - Instituto Politécnico de Santarém – Escola Superior de Saúde	25 %
10. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra - Instituto Politécnico de Setúbal – Escola Superior de Saúde	33.3 %
11. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra - Instituto Politécnico de Viana do Castelo – Escola Superior de Saúde	16.6 %
12. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra - Instituto Politécnico de Viseu – Escola Superior de Saúde	16.6 %
13. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra - Universidade dos Açores – Escola Superior de Enfermagem de Angra do Heroísmo	25 %
14. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra - Universidade do Algarve – Escola Superior de Saúde	40 %
15. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra - Universidade de Aveiro – Escola Superior de Saúde	40 %
16. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra - Universidade de Évora – Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus	10 %
17. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra - Universidade da Madeira – Escola Superior de Enfermagem da Madeira	33.3 %
18. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Escola Superior de Enfermagem de Vila Real	16.6 %

19. Escola Superior de Enfermagem de Lisboa - Escola Superior de Enfermagem do Porto	0 %
20. Escola Superior de Enfermagem de Lisboa - Instituto Politécnico de Beja – Escola Superior de Saúde	0 %
21. Escola Superior de Enfermagem de Lisboa - Instituto Politécnico de Bragança – Escola Superior de Saúde	14.2 %
22. Escola Superior de Enfermagem de Lisboa - Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias	0 %
23. Escola Superior de Enfermagem de Lisboa - Instituto Politécnico da Guarda – Escola Superior de Saúde	0 %
24. Escola Superior de Enfermagem de Lisboa - Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Saúde	16.6 %
25. Escola Superior de Enfermagem de Lisboa - Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior de Saúde	28.5 %
26. Escola Superior de Enfermagem de Lisboa - Instituto Politécnico de Santarém – Escola Superior de Saúde	7.6 %
27. Escola Superior de Enfermagem de Lisboa - Instituto Politécnico de Setúbal – Escola Superior de Saúde	40 %
28. Escola Superior de Enfermagem de Lisboa - Instituto Politécnico de Viana do Castelo – Escola Superior de Saúde	20 %
29. Escola Superior de Enfermagem de Lisboa - Instituto Politécnico de Viseu – Escola Superior de Saúde	0 %
30. Escola Superior de Enfermagem de Lisboa - Universidade dos Açores – Escola Superior de Enfermagem de Angra do Heroísmo	50 %
31. Escola Superior de Enfermagem de Lisboa - Universidade do Algarve – Escola Superior de Saúde	14.2 %
32. Escola Superior de Enfermagem de Lisboa - Universidade de Aveiro – Escola Superior de Saúde	50 %
33. Escola Superior de Enfermagem de Lisboa - Universidade de	25 %

Évora – Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus	
34. Escola Superior de Enfermagem de Lisboa - Universidade da Madeira – Escola Superior de Enfermagem da Madeira	16.6 %
35. Escola Superior de Enfermagem de Lisboa - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Escola Superior de Enfermagem de Vila Real	20 %
36. Escola Superior de Enfermagem do Porto - Instituto Politécnico de Beja – Escola Superior de Saúde	0 %
37. Escola Superior de Enfermagem do Porto - Instituto Politécnico de Bragança – Escola Superior de Saúde	25 %
38. Escola Superior de Enfermagem do Porto - Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias	100 %
39. Escola Superior de Enfermagem do Porto - Instituto Politécnico da Guarda – Escola Superior de Saúde	100 %
40. Escola Superior de Enfermagem do Porto - Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Saúde	0 %
41. Escola Superior de Enfermagem do Porto - Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior de Saúde	20 %
42. Escola Superior de Enfermagem do Porto - Instituto Politécnico de Santarém – Escola Superior de Saúde	10 %
43. Escola Superior de Enfermagem do Porto - Instituto Politécnico de Setúbal – Escola Superior de Saúde	33.3 %
44. Escola Superior de Enfermagem do Porto - Instituto Politécnico de Viana do Castelo – Escola Superior de Saúde	0%
45. Escola Superior de Enfermagem do Porto - Instituto Politécnico de Viseu – Escola Superior de Saúde	50 %
46. Escola Superior de Enfermagem do Porto - Universidade dos Açores – Escola Superior de Enfermagem de Angra do Heroísmo	0%
47. Escola Superior de Enfermagem do Porto - Universidade do	25 %

Algarve – Escola Superior de Saúde	
48. Escola Superior de Enfermagem do Porto - Universidade de Aveiro – Escola Superior de Saúde	50 %
49. Escola Superior de Enfermagem do Porto - Universidade de Évora – Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus	16.6 %
50. Escola Superior de Enfermagem do Porto - Universidade da Madeira – Escola Superior de Enfermagem da Madeira	33.3%
51. Escola Superior de Enfermagem do Porto - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Escola Superior de Enfermagem de Vila Real	0 %
52. Instituto Politécnico de Beja – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Bragança – Escola Superior de Saúde	0 %
53. Instituto Politécnico de Beja – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias	0 %
54. Instituto Politécnico de Beja – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico da Guarda – Escola Superior de Saúde	0 %
55. Instituto Politécnico de Beja – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Saúde	10 %
56. Instituto Politécnico de Beja – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior de Saúde	0 %
57. Instituto Politécnico de Beja – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Santarém – Escola Superior de Saúde	0 %
58. Instituto Politécnico de Beja – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Setúbal – Escola Superior de Saúde	0 %
59. Instituto Politécnico de Beja – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Viana do Castelo – Escola Superior de Saúde	50 %
60. Instituto Politécnico de Beja – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Viseu – Escola Superior de Saúde	50 %
61. Instituto Politécnico de Beja – Escola Superior de Saúde -	0 %

Universidade dos Açores – Escola Superior de Enfermagem de Angra do Heroísmo	
62. Instituto Politécnico de Beja – Escola Superior de Saúde - Universidade do Algarve – Escola Superior de Saúde	25 %
63. Instituto Politécnico de Beja – Escola Superior de Saúde - Universidade de Aveiro – Escola Superior de Saúde	0 %
64. Instituto Politécnico de Beja – Escola Superior de Saúde - Universidade de Évora – Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus	0 %
65. Instituto Politécnico de Beja – Escola Superior de Saúde - Universidade da Madeira – Escola Superior de Enfermagem da Madeira	0 %
66. Instituto Politécnico de Beja – Escola Superior de Saúde - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Escola Superior de Enfermagem de Vila Real	50 %
67. Instituto Politécnico de Bragança – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias	20 %
68. Instituto Politécnico de Bragança – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico da Guarda – Escola Superior de Saúde	25 %
69. Instituto Politécnico de Bragança – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Saúde	7.6 %
70. Instituto Politécnico de Bragança – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior de Saúde	12.5 %
71. Instituto Politécnico de Bragança – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Santarém – Escola Superior de Saúde	16.6 %
72. Instituto Politécnico de Bragança – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Setúbal – Escola Superior de Saúde	40 %
73. Instituto Politécnico de Bragança – Escola Superior de Saúde	20 %

- Instituto Politécnico de Viana do Castelo – Escola Superior de Saúde	
74. Instituto Politécnico de Bragança – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Viseu – Escola Superior de Saúde	20 %
75. Instituto Politécnico de Bragança – Escola Superior de Saúde - Universidade dos Açores – Escola Superior de Enfermagem de Angra do Heroísmo	12.5 %
76. Instituto Politécnico de Bragança – Escola Superior de Saúde - Universidade do Algarve – Escola Superior de Saúde	33.3 %
77. Instituto Politécnico de Bragança – Escola Superior de Saúde - Universidade de Aveiro – Escola Superior de Saúde	50 %
78. Instituto Politécnico de Bragança – Escola Superior de Saúde - Universidade de Évora – Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus	11.1 %
79. Instituto Politécnico de Bragança – Escola Superior de Saúde - Universidade da Madeira – Escola Superior de Enfermagem da Madeira	40 %
80. Instituto Politécnico de Bragança – Escola Superior de Saúde - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Escola Superior de Enfermagem de Vila Real	20 %
81. Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias - Instituto Politécnico da Guarda – Escola Superior de Saúde	50 %
82. Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias - Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Saúde	0 %
83. Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias - Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior de Saúde	16.6%
84. Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias - Instituto Politécnico de Santarém – Escola Superior de Saúde	20%

85. Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias - Instituto Politécnico de Setúbal – Escola Superior de Saúde	25 %
86. Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias - Instituto Politécnico de Viana do Castelo – Escola Superior de Saúde	0%
87. Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias - Instituto Politécnico de Viseu – Escola Superior de Saúde	33.3%
88. Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias - Universidade dos Açores – Escola Superior de Enfermagem de Angra do Heroísmo	16.6 %
89. Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias - Universidade do Algarve – Escola Superior de Saúde	50 %
90. Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias - Universidade de Aveiro – Escola Superior de Saúde	33.3 %
91. Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias - Universidade de Évora – Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus	14.2 %
92. Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias - Universidade da Madeira – Escola Superior de Enfermagem da Madeira	25 %
93. Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Escola Superior de Enfermagem de Vila Real	0 %
94. Instituto Politécnico da Guarda – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Saúde	0 %
95. Instituto Politécnico da Guarda – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior de Saúde	20 %

96. Instituto Politécnico da Guarda – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Santarém – Escola Superior de Saúde	10 %
97. Instituto Politécnico da Guarda – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Setúbal – Escola Superior de Saúde	33.3 %
98. Instituto Politécnico da Guarda – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Viana do Castelo – Escola Superior de Saúde	0%
99. Instituto Politécnico da Guarda – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Viseu – Escola Superior de Saúde	50 %
100. Instituto Politécnico da Guarda – Escola Superior de Saúde - Universidade dos Açores – Escola Superior de Enfermagem de Angra do Heroísmo	0 %
101. Instituto Politécnico da Guarda – Escola Superior de Saúde - Universidade do Algarve – Escola Superior de Saúde	25 %
102. Instituto Politécnico da Guarda – Escola Superior de Saúde - Universidade de Aveiro – Escola Superior de Saúde	50 %
103. Instituto Politécnico da Guarda – Escola Superior de Saúde - Universidade de Évora – Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus	16.6 %
104. Instituto Politécnico da Guarda – Escola Superior de Saúde - Universidade da Madeira – Escola Superior de Enfermagem da Madeira	33.3 %
105. Instituto Politécnico da Guarda – Escola Superior de Saúde - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Escola Superior de Enfermagem de Vila Real	0 %
106. Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior de Saúde	0 %
107. Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Santarém – Escola Superior de Saúde	5.2 %
108. Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Setúbal – Escola Superior de Saúde	18.1 %

109. Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Viana do Castelo – Escola Superior de Saúde	20 %
110. Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Viseu – Escola Superior de Saúde	9 %
111. Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Saúde - Universidade dos Açores – Escola Superior de Enfermagem de Angra do Heroísmo	15.3 %
112. Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Saúde - Universidade do Algarve – Escola Superior de Saúde	16.6 %
113. Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Saúde - Universidade de Aveiro – Escola Superior de Saúde	9 %
114. Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Saúde - Universidade de Évora – Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus	6.6 %
115. Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Saúde - Universidade da Madeira – Escola Superior de Enfermagem da Madeira	8.3 %
116. Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Saúde - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Escola Superior de Enfermagem de Vila Real	20 %
117. Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Santarém – Escola Superior de Saúde	7.1 %
118. Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Setúbal – Escola Superior de Saúde	14.2 %
119. Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Viana do Castelo – Escola Superior de Saúde	0 %
120. Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Viseu – Escola Superior de	16.6 %

Saúde	
121. Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior de Saúde - Universidade dos Açores – Escola Superior de Enfermagem de Angra do Heroísmo	11.1 %
122. Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior de Saúde - Universidade do Algarve – Escola Superior de Saúde	12.5 %
123. Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior de Saúde - Universidade de Aveiro – Escola Superior de Saúde	40 %
124. Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior de Saúde - Universidade de Évora – Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus	22.2 %
125. Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior de Saúde - Universidade da Madeira – Escola Superior de Enfermagem da Madeira	14.2 %
126. Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior de Saúde - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Escola Superior de Enfermagem de Vila Real	0 %
127. Instituto Politécnico de Santarém – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Setúbal – Escola Superior de Saúde	18.8 %
128. Instituto Politécnico de Santarém – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Viana do Castelo – Escola Superior de Saúde	9 %
129. Instituto Politécnico de Santarém – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Viseu – Escola Superior de Saúde	9 %
130. Instituto Politécnico de Santarém – Escola Superior de Saúde - Universidade dos Açores – Escola Superior de Enfermagem de Angra do Heroísmo	7.1 %
131. Instituto Politécnico de Santarém – Escola Superior de Saúde - Universidade do Algarve – Escola Superior de Saúde	16.6 %
132. Instituto Politécnico de Santarém – Escola Superior de Saúde	20 %

- Universidade de Aveiro – Escola Superior de Saúde	
133. Instituto Politécnico de Santarém – Escola Superior de Saúde - Universidade de Évora – Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus	6.6 %
134. Instituto Politécnico de Santarém – Escola Superior de Saúde - Universidade da Madeira – Escola Superior de Enfermagem da Madeira	18.1 %
135. Instituto Politécnico de Santarém – Escola Superior de Saúde - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Escola Superior de Enfermagem de Vila Real	9 %
136. Instituto Politécnico de Setúbal – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Viana do Castelo – Escola Superior de Saúde	25 %
137. Instituto Politécnico de Setúbal – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Viseu – Escola Superior de Saúde	25 %
138. Instituto Politécnico de Setúbal – Escola Superior de Saúde - Universidade dos Açores – Escola Superior de Enfermagem de Angra do Heroísmo	14.2 %
139. Instituto Politécnico de Setúbal – Escola Superior de Saúde - Universidade do Algarve – Escola Superior de Saúde	40 %
140. Instituto Politécnico de Setúbal – Escola Superior de Saúde - Universidade de Aveiro – Escola Superior de Saúde	66.6%
141. Instituto Politécnico de Setúbal – Escola Superior de Saúde - Universidade de Évora – Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus	28.5 %
142. Instituto Politécnico de Setúbal – Escola Superior de Saúde - Universidade da Madeira – Escola Superior de Enfermagem da Madeira	50 %
143. Instituto Politécnico de Setúbal – Escola Superior de Saúde - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Escola Superior de Enfermagem de Vila Real	25 %

144. Instituto Politécnico de Viana do Castelo – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Viseu – Escola Superior de Saúde	33.3 %
145. Instituto Politécnico de Viana do Castelo – Escola Superior de Saúde - Universidade dos Açores – Escola Superior de Enfermagem de Angra do Heroísmo	16.6 %
146. Instituto Politécnico de Viana do Castelo – Escola Superior de Saúde - Universidade do Algarve – Escola Superior de Saúde	50 %
147. Instituto Politécnico de Viana do Castelo – Escola Superior de Saúde - Universidade de Aveiro – Escola Superior de Saúde	33.3 %
148. Instituto Politécnico de Viana do Castelo – Escola Superior de Saúde - Universidade de Évora – Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus	0 %
149. Instituto Politécnico de Viana do Castelo – Escola Superior de Saúde - Universidade da Madeira – Escola Superior de Enfermagem da Madeira	25 %
150. Instituto Politécnico de Viana do Castelo – Escola Superior de Saúde - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Escola Superior de Enfermagem de Vila Real	100 %
151. Instituto Politécnico de Viseu – Escola Superior de Saúde - Universidade dos Açores – Escola Superior de Enfermagem de Angra do Heroísmo	0 %
152. Instituto Politécnico de Viseu – Escola Superior de Saúde - Universidade do Algarve – Escola Superior de Saúde	50 %
153. Instituto Politécnico de Viseu – Escola Superior de Saúde - Universidade de Aveiro – Escola Superior de Saúde	33.3 %
154. Instituto Politécnico de Viseu – Escola Superior de Saúde - Universidade de Évora – Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus	14.2 %
155. Instituto Politécnico de Viseu – Escola Superior de Saúde -	25 %

Universidade da Madeira – Escola Superior de Enfermagem da Madeira	
156. Instituto Politécnico de Viseu – Escola Superior de Saúde - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Escola Superior de Enfermagem de Vila Real	33.3 %
157. Universidade dos Açores – Escola Superior de Enfermagem de Angra do Heroísmo - Universidade do Algarve – Escola Superior de Saúde	28.5 %
158. Universidade dos Açores – Escola Superior de Enfermagem de Angra do Heroísmo - Universidade de Aveiro – Escola Superior de Saúde	16.6 %
159. Universidade dos Açores – Escola Superior de Enfermagem de Angra do Heroísmo - Universidade de Évora – Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus	14.2 %
160. Universidade dos Açores – Escola Superior de Enfermagem de Angra do Heroísmo - Universidade da Madeira – Escola Superior de Enfermagem da Madeira	25 %
161. Universidade dos Açores – Escola Superior de Enfermagem de Angra do Heroísmo - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Escola Superior de Enfermagem de Vila Real	16.6 %
162. Universidade do Algarve – Escola Superior de Saúde - Universidade de Aveiro – Escola Superior de Saúde	33.3 %
163. Universidade do Algarve – Escola Superior de Saúde - Universidade de Évora – Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus	11.1 %
164. Universidade do Algarve – Escola Superior de Saúde - Universidade da Madeira – Escola Superior de Enfermagem da Madeira	40 %
165. Universidade do Algarve – Escola Superior de Saúde - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Escola Superior de Enfermagem de Vila Real	50 %
166. Universidade de Aveiro – Escola Superior de Saúde -	33.3 %

Universidade de Évora – Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus	
167. Universidade de Aveiro – Escola Superior de Saúde - Universidade da Madeira – Escola Superior de Enfermagem da Madeira	66.6 %
168. Universidade de Aveiro – Escola Superior de Saúde - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Escola Superior de Enfermagem de Vila Real	33.3 %
169. Universidade de Évora – Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus - Universidade da Madeira – Escola Superior de Enfermagem da Madeira	12.5 %
170. Universidade de Évora – Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Escola Superior de Enfermagem de Vila Real	0 %
171. Universidade da Madeira – Escola superior de Enfermagem da Madeira - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Escola Superior de Enfermagem de Vila Real	25 %
Média:	21.1 %

Identificação da Publicação Periódica:

Referência: revista de educação e formação em enfermagem / propr. Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca. Coimbra: E.S.E.A.F., 1998-

Quadro 14 – Termos de Indexação

Nome da Biblioteca	Termos (UNIMARC 606)
Escola Superior de Enfermagem de Coimbra	Investigação em serviços de saúde; Enfermagem
Escola Superior de Enfermagem de Lisboa	Educação em enfermagem; Enfermagem
Escola Superior de Enfermagem do Porto	Enfermagem,
Instituto Politécnico de Beja – Escola Superior de Saúde	Enfermagem - [Periódicos]; Ensino da enfermagem - [periódicos]
Instituto Politécnico de Bragança – Escola Superior de Saúde	Sem indexação
Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias do Instituto Politécnico de Castelo Branco	Enfermagem
Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico da Guarda	Metodologia de investigação
Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Saúde	Sem indexação
Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Portalegre	Enfermagem; Pedagogia; Formação
Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Santarém	Sem indexação
Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Setúbal	NÃO TEM
Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Viana do Castelo	Investigação em enfermagem
Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Viseu	Enfermagem; Ensino de enfermagem; Publicações periódicas
Universidade dos Açores – Escola Superior de Enfermagem de Angra do Heroísmo	Sem indexação
Universidade dos Açores – Escola Superior de	Sem indexação

Enfermagem de Ponta Delgada	
Universidade do Algarve – Escola Superior de Saúde	Enfermagem [periódicos]; Enfermeiros; Cuidados com o paciente [periódicos]; Saúde comunitária [periódicos]; Prevenção de acidentes [periódicos]
Universidade de Aveiro – Escola Superior de Saúde	Sem indexação
Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus da Universidade de Évora	Ciências da Saúde – congressos; ciências da saúde - investigação científica; investigação em enfermagem
Universidade da Madeira – Escola Superior de Enfermagem da Madeira	Periódicos; Saúde; Enfermagem
Universidade do Minho – Escola Superior de Enfermagem	Sem indexação feita (utilizam a CDU)
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Escola Superior de Enfermagem de Vila Real	Sem indexação

Quadro 15 – Ensaio da Tipologia: Publicações Periódicas

Pares de Bibliotecas	Índice de Consistência
1. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra - Escola Superior de Enfermagem de Lisboa	33.3 %
2. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra - Escola Superior de Enfermagem do Porto	50 %
3. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra - Instituto Politécnico de Beja – Escola Superior de Saúde	33.3 %
4. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra - Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias	50 %
5. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra - Instituto Politécnico da Guarda – Escola Superior de Saúde	0 %
6. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra - Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior de Saúde	25 %

7. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra - Instituto Politécnico de Viana do Castelo – Escola Superior de Saúde	0 %
8. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra - Instituto Politécnico de Viseu – Escola Superior de Saúde	25 %
9. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra - Universidade do Algarve – Escola Superior de Saúde	16.6 %
10. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra - Universidade de Évora – Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus	0 %
11. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra - Universidade da Madeira – Escola Superior de Enfermagem da Madeira	25 %
12. Escola Superior de Enfermagem de Lisboa - Escola Superior de Enfermagem do Porto	50 %
13. Escola Superior de Enfermagem de Lisboa - Instituto Politécnico de Beja – Escola Superior de Saúde	33.3 %
14. Escola Superior de Enfermagem de Lisboa - Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias	50 %
15. Escola Superior de Enfermagem de Lisboa - Instituto Politécnico da Guarda – Escola Superior de Saúde	0 %
16. Escola Superior de Enfermagem de Lisboa - Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior de Saúde	25 %
17. Escola Superior de Enfermagem de Lisboa - Instituto Politécnico de Viana do Castelo – Escola Superior de Saúde	0 %
18. Escola Superior de Enfermagem de Lisboa - Instituto Politécnico de Viseu – Escola Superior de Saúde	25 %
19. Escola Superior de Enfermagem de Lisboa - Universidade do Algarve – Escola Superior de Saúde	16.6 %
20. Escola Superior de Enfermagem de Lisboa - Universidade de Évora – Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus	0 %
21. Escola Superior de Enfermagem de Lisboa - Universidade da	25 %

Madeira – Escola Superior de Enfermagem da Madeira	
22. Escola Superior de Enfermagem do Porto - Instituto Politécnico de Beja – Escola Superior de Saúde	50 %
23. Escola Superior de Enfermagem do Porto - Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias	100 %
24. Escola Superior de Enfermagem do Porto - Instituto Politécnico da Guarda – Escola Superior de Saúde	0 %
25. Escola Superior de Enfermagem do Porto - Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior de Saúde	33.3 %
26. Escola Superior de Enfermagem do Porto - Instituto Politécnico de Viana do Castelo – Escola Superior de Saúde	0 %
27. Escola Superior de Enfermagem do Porto - Instituto Politécnico de Viseu – Escola Superior de Saúde	33.3 %
28. Escola Superior de Enfermagem do Porto - Universidade do Algarve – Escola Superior de Saúde	20 %
29. Escola Superior de Enfermagem do Porto - Universidade de Évora – Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus	0 %
30. Escola Superior de Enfermagem do Porto - Universidade da Madeira – Escola Superior de Enfermagem da Madeira	33.3 %
31. Instituto Politécnico de Beja – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias	50 %
32. Instituto Politécnico de Beja – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico da Guarda – Escola Superior de Saúde	0 %
33. Instituto Politécnico de Beja – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior de Saúde	25 %
34. Instituto Politécnico de Beja – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Viana do Castelo – Escola Superior de Saúde	0 %
35. Instituto Politécnico de Beja – Escola Superior de Saúde -	66.6 %

Instituto Politécnico de Viseu – Escola Superior de Saúde	
36. Instituto Politécnico de Beja – Escola Superior de Saúde - Universidade do Algarve – Escola Superior de Saúde	16.6 %
37. Instituto Politécnico de Beja – Escola Superior de Saúde - Universidade de Évora – Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus	0 %
38. Instituto Politécnico de Beja – Escola Superior de Saúde - Universidade da Madeira – Escola Superior de Enfermagem da Madeira	66.6 %
39. Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias - Instituto Politécnico da Guarda – Escola Superior de Saúde	0 %
40. Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias - Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior de Saúde	33.3 %
41. Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias - Instituto Politécnico de Viana do Castelo – Escola Superior de Saúde	0 %
42. Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias - Instituto Politécnico de Viseu – Escola Superior de Saúde	33.3 %
43. Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias - Universidade do Algarve – Escola Superior de Saúde	20 %
44. Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias - Universidade de Évora – Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus	0 %
45. Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias - Universidade da Madeira – Escola Superior de Enfermagem da Madeira	33.3 %
46. Instituto Politécnico da Guarda – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior de Saúde	0 %

47. Instituto Politécnico da Guarda – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Viana do Castelo – Escola Superior de Saúde	0 %
48. Instituto Politécnico da Guarda – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Viseu – Escola Superior de Saúde	0 %
49. Instituto Politécnico da Guarda – Escola Superior de Saúde - Universidade do Algarve – Escola Superior de Saúde	0 %
50. Instituto Politécnico da Guarda – Escola Superior de Saúde - Universidade de Évora – Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus	0 %
51. Instituto Politécnico da Guarda – Escola Superior de Saúde - Universidade da Madeira – Escola Superior de Enfermagem da Madeira	0 %
52. Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Viana do Castelo – Escola Superior de Saúde	0 %
53. Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Viseu – Escola Superior de Saúde	20 %
54. Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior de Saúde - Universidade do Algarve – Escola Superior de Saúde	14.2 %
55. Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior de Saúde - Universidade de Évora – Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus	0 %
56. Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior de Saúde - Universidade da Madeira – Escola Superior de Enfermagem da Madeira	20 %
57. Instituto Politécnico de Viana do Castelo – Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Viseu – Escola Superior de Saúde	0 %
58. Instituto Politécnico de Viana do Castelo – Escola Superior de Saúde - Universidade do Algarve – Escola Superior de	0 %

Saúde	
59. Instituto Politécnico de Viana do Castelo – Escola Superior de Saúde - Universidade de Évora – Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus	33.3 %
60. Instituto Politécnico de Viana do Castelo – Escola Superior de Saúde - Universidade da Madeira – Escola Superior de Enfermagem da Madeira	0 %
61. Instituto Politécnico de Viseu – Escola Superior de Saúde - Universidade do Algarve – Escola Superior de Saúde	14.2 %
62. Instituto Politécnico de Viseu – Escola Superior de Saúde - Universidade de Évora – Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus	0 %
63. Instituto Politécnico de Viseu – Escola Superior de Saúde - Universidade da Madeira – Escola Superior de Enfermagem da Madeira	20 %
64. Universidade do Algarve – Escola Superior de Saúde - Universidade de Évora – Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus	0 %
65. Universidade do Algarve – Escola Superior de Saúde - Universidade da Madeira – Escola Superior de Enfermagem da Madeira	33.3 %
66. Universidade de Évora – Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus - Universidade da Madeira – Escola Superior de Enfermagem da Madeira	0 %
Média:	18.9 %

Anexo I - Questionário



Mestrado em Ciências da Informação e Documentação

Universidade Católica Portuguesa - Faculdade de Filosofia de Braga

Questionário

Exmo/a. Sr/a

O presente estudo enquadra-se no Mestrado em Ciências da Informação e Documentação, da Universidade Católica Portuguesa - Faculdade de Filosofia de Braga e pretende conhecer o nível de consistência existente no processo de indexação em Bibliotecas/ Centros de Documentação de Enfermagem em Portugal.

Agradecemos desde já a sua preciosa colaboração mediante o preenchimento do questionário, que não ultrapassará os 5 minutos. Os dados são totalmente confidenciais, tratados do ponto de vista estatístico.

Identificação:

Nome da Instituição: _____

Preenchido por: _____

Categoria/ Função: _____

Caracterização da amostra

1. Perfil do indexador

2. Sexo:

Masculino

Feminino

3. Idade

4. Habilitações Literárias

- 12.º Ano
- Curso Técnico Profissional
- Curso de Especialização Tecnológica em Bibliotecas e Serviços de Documentação

Outros CET:

Licenciatura

Área de formação: _____

Pós-graduação

Área de formação: _____

Mestrado

Área de formação: _____

Doutoramento

Área de formação: _____

Outro tipo de formação

Curso	Ano	Duração (nº horas)	Entidade

5. Há quanto tempo desempenha a função de indexador?

6. Indique que importância atribui às seguintes qualidades do indexador

	Nada importante	Pouco importante	Importante	Muito importante	Extremamente importante
6.1. Precisão					
6.2. Imparcialidade					
6.3. Especificidade					
6.4. Ser didático					
6.5. Multiplicidade					
6.6. Fidelidade					
6.7. Exaustividade					
6.8. Revocação					
6.9. Outros:					

Especifique:

2. Caracterização da Biblioteca

7. Número de funcionários que trabalham na biblioteca

Categoria Profissional	Número de funcionários	Número de funcionários que Indexam	Número de funcionários que possuem formação e experiência em indexação
Técnico Superior			
Assistente Técnico			
Assistente Operacional			

8. Número de utilizadores inscritos?

Docentes: _____

Discentes: _____

Externos: _____

9. Qual o tipo de documentos que indexa?

- Livros: _____
- Publicações Periódicas: _____
- Bases de dados: _____
- Outros: _____

10. Qual o número total de exemplares de títulos do vosso fundo bibliográfico?

- Livros: _____
- Publicações Periódicas: _____
- Bases de dados: _____
- Outros: _____

11. Que programa de gestão documental utiliza para o tratamento técnico documental?

- Porbase
- Aleph
- Docbase
- Bibliobase
- Prisma
- GIB
- Horizon
- Outros:

12. Que tipo de acesso à informação/ documentação disponibiliza aos seus utilizadores?

- Livre acesso
- Acesso condicionado
- Acessível somente com a presença de um funcionário
- Outro

3. Processo de indexação por assuntos

13. A sua biblioteca possui Política de Indexação?

- Sim
- Não

Se sim diga-nos o que entende por política de indexação?

14. E Manual de Indexação?

- Sim
- Não

Se respondeu sim, indique as razões para a sua elaboração.

15. No formato UNIMARK em que campo de assuntos faz a indexação?

606

610

16. Indique as principais fontes que utiliza para recolher os conceitos de indexação?

	Nunca	Raramente	Às Vezes	Quase sempre	Sempre
16.1. Título					
16.2. Subtítulo					
16.3. Resumo					
16.4. Sumário					
16.5. Introdução					
16.6. Desenvolvimento					
16.7. Ilustrações					
16.8. Tabelas					
16.9. Palavras-chave					
16.10.Referências Bibliográficas					

17. Qual o tempo médio (minutos) que despense para fazer a indexação dos seguintes documentos

	5-10	11-20	21-25	26-35	≥306	Doc. não indexado
17.1.Pub. Periódicas						
17.2. Livros						
17.3.Material Gráfico						
17.4.Material Cartográfico						
17.5.Sites/ Bases de dados em linha						

17.6.Outros						
-------------	--	--	--	--	--	--

Especifique:

18. Tem definidos os critérios de especificidade e de exaustividade na análise da informação?

Sim

Não

18.1. Se sim, indique quais

19. Qual número de descritores utilizados no processo de indexação

	1-5	6-11	12-20	21-30	31-40	Sem limite
19.1.Pub. Periódicas						
19.2. Livros						
19.3.Material Gráfico						
19.4.Material Cartográfico						
19.4.Sites/ Bases de dados em linha						
19.5.Outros						

Especifique:

20. Faz a representação dos assuntos principais e secundários?

Sim

Não

21. Preocupa-se com a abrangência do tema do específico para o geral?

Sim

Não

22. Qual a ordem que utiliza para a representação dos assuntos?

Do Especifico para o Geral

Do Geral para o Especifico

23. Preocupa-se com a utilização de termos científicos e termos comuns?

Sim

Não

24. Utiliza alguma linguagem controlada na indexação?

Sim

Não

25. Com que frequência utiliza as seguintes linguagens controladas para fazer indexação

	Nunca	Raramente	As vezes	Quase sempre	Sempre
25.1.Descriptores em ciências da saúde (DeCS)					
25.2.Médical SubjectHeadings (MeSH)					
25.3.Lince: linguagem de indexação para as ciências da educação					
25.4.Thesaurus da UNESCO					
25.5.Thesaurus: termos de droga e de toxicodpendência					
25.6.EuroVoc, Thesaurus multilingue da União europeia					
25.7.Não utilizo linguagens controladas					

25.8.Outros					
-------------	--	--	--	--	--

Especifique:

26.No caso da não existência de uma linguagem controlada na sua área científica, como procederia para fazer a indexação na sua biblioteca?

	Não concordo	Concordo pouco	Concordo	Concordo Bastante	Concordo Plenamente
26.1.Criava uma linguagem própria					
26.2.Faria a indexação de acordo com as solicitações dos utilizadores					
26.3.De acordo com o que me parecesse mais conveniente no momento de indexar					
26.4.Não criaria nenhum tipo de linguagem					
26.5.Utilizava os termos do título do documento					
26.6.Outros:					

Especifique:

27. Se não utiliza e pretende criar uma linguagem controlada para a sua biblioteca, quais as normas utilizadas

	Nunca	Raramente	As vezes	Quase sempre	Sempre
NP 3715:1989 (1ª Edição)					
NP 4036:1992 (1ª Edição)					
NP 4285-1:1998 (1ª Edição)					
NP 4285-2:1999 (1ª Edição)					
NP 4285-3:2000 (1ª Edição)					
NP 4285-4:2000 (1ª Edição)					

ISO 2788:1986					
ISO 5963					
Outros:					

Especifique:

28. Quais os critérios que utilizaria para construir uma linguagem controlada

	Nunca	Raramente	As vezes	Quase sempre	Sempre
28.1. Número limite de palavras por descritor					
28.2. Uso do singular e do plural					
28.3. Sinónimos					
28.4. Descritores compostos					
28.5. Termos homógrafos ou inconsistentes					
28.6. Rotação dos descritores					
28.7. Relação entre assuntos redundantes					
28.8. Relação de um assunto com a sua subcategoria					
28.9. Descritores que indicam período histórico					
28.10. Identificadores geográficos					
28.11. Assuntos compostos por identificadores geográficos e cronológicos					
28.12. Outros:					

Especifique:

29. Indique quais os factores que dificultam a indexação?

	Nunca	Raramente	As vezes	Quase sempre	Sempre
29.1.Complexidade					
29.2.Tipo de suporte					
29.3.Tempo limitado					
29.4.Pouca experiência como indexador					
29.5.Falta de conhecimento na área					
29.6.Outros:					

Especifique:

30. Comportamento na indexação

	Não concordo	Concordo pouco	Concordo	Concordo Bastante	Concordo Plenamente
30.1.Os conhecimentos que possuo das regras de indexação são adequadas para o meu serviço					
30.2.Devo usar limites de termos de indexação num documento					
30.3.A Indexação deve ser feita exclusivamente por um técnico superior					
30.4.Os meus conhecimentos sobre as áreas científicas que fazem parte da biblioteca são os suficientes					
30.5.Utilizo o thesaurus em todo o processo de indexação					
30.6.Considero que o indexador deve estar em contacto com os utilizadores					
30.7.Para fazer indexação tenho em conta os pedidos dos utilizadores					

Gratos pela sua colaboração

